

GUARDIÕES DE ALMA LIVRO 5

KIM RICHARDSON

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


SEIRS
GUARDIÕES DE ALMA LIVRO 5
KIM RICHARDSON

GUARDIÕES DE ALMA

Livro Cinco

SEIRS

KIM RICHARDSON

www.kimrichardsonbooks.com

Seirs, Guardiões de Alma - Livro 5:

Copyright © 2015 por Kim Richardson

Traduzido por Sabrina Lopes Furtado

Smashwords Edition:

Todos os direitos reservados por Kim Richardson. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma ou por qualquer meio, nem armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação sem a permissão escrita da autora. Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é coincidência e não intencional por parte da autora. Agradecemos por respeitar a obra da autora.

Mais livros de Kim Richardson

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA

Marcada, Livro 1

Elemental, Livro 2

Horizonte, Livro 3

Submundo, Livro 4

Seirs, Livro 5

Mortal, Livro 6

Ceifeiros, Livro 7

SÉRIES MÍSTICAS

O Sétimo Sentido, Livro 1

A Nação Alfa, Livro 2

O Nexus, Livro 3

REINOS DIVIDIDOS

Donzela de Aço, Livro 1 (Em breve)

Este aqui é para os fãs

Índice

Capítulo 1 - Banho de sangue

Capítulo 2 - Castelo de Dirleton, Escócia

Capítulo 3 - Uma multidão enfurecida de mortais

Capítulo 4 - Com Tudo o Que Tem Direito

Capítulo 5 - Golpe de Estado

Capítulo 6 - Procurada

Capítulo 7 - O Ancião Otis

Capítulo 8 - Uma Pequena Profecia

Capítulo 9 - A Matança

Capítulo 10 - A Ampulheta de Cristal

Capítulo 11 - De Volta dos Mortos

Capítulo 12 - Panteão, Roma, Itália

Chapter 13 - Quando em Roma…

Chapter 14 - A Traição

Capítulo 15 - Uma Cidade Sobre Rodas

Capítulo 16 - O Rei Seir

Capítulo 17 - A Cadeira das Essências

Capítulo 18 - Corrida para a Liberdade

Capítulo 19 - Uma Luta Interior

Capítulo 20 - Tempo Esgotado

Capítulo 21 - Uma Ducha Fria

Capítulo 22 - Uma Vida Comum

MORTAL
Capítulo 1 - Toque de Recolher
Sobre a Autora

Capítulo 1

Banho de sangue

Uma brisa morna acariciava o rosto de Kara enquanto ela corria através da multidão de mortais que se aglomerava no elaborado labirinto de ruas. Ela dava o melhor de si para seguir o buldogue inglês que corria ao seu lado, ficando próximo aos edifícios e fora da parte mais densa da comoção. Os odores oscilavam entre repugnantes e aromáticos.

Havia uma névoa tênue de fumaça dos escapamentos com um toque de flores. Ela passou por homens de terno que discutiam alto em seus celulares, por mulheres que balançavam grandes sacolas de compras enquanto tentavam segurar seus filhos e por adolescentes amontoados que riam animadamente de algo em seus smartphones. Kara ignorou o belo parque exuberante e o doce aroma das flores do verão. Ela nem sequer olhou para os filhotes de labrador na vitrine do pet shop.

Ela não tinha tempo de parar.

— Quanto ainda falta para chegarmos? — sussurrou Kara ao passar por uma mulher gorda que tomava um copo de refrigerante com canudinho. — Os mortais estão me olhando torto.

Thor mergulhou sob os pés de um homem idoso com uma bengala e manteve os olhos na rua:

— Não muito longe. Logo após o próximo quarteirão.

Kara acidentalmente bateu com seu ombro em um homem. Ele olhou furiosamente para ela:

— Eu sinto muito, desculpe-me. Não vi você aí. Eu disse desculpe-me. — Ela se virou e correu para apanhar Thor.

— Você vai me dizer o que está acontecendo? — deixou escapar em voz alta para o cão. Ela ignorou os olhares confusos dados pelos mortais que passavam. Parecia ser no mínimo justo para ela saber o que estava acontecendo.

Thor parou e virou-se. Sua língua cinza pendia do lado de fora da boca e roçava na calçada numa bagunça de baba:

— Você verá quando chegarmos lá. E, então, irá entender. Eu só não posso falar sobre isso agora - especialmente aqui. — seus grandes olhos castanhos olhavam à volta inquietos. Ele levantou o focinho e cheirou o ar. Com um salto, se virou e correu pela rua.

Kara sentiu um aperto em seu peito e se apressou a acompanhá-lo. Ela havia saído em uma excursão não autorizada com a Jenny a uma cafeteria de Boston quando Thor apareceu de repente. Havia ocorrido um ataque contra os Sensitivos. Se Thor sabia onde ela estava, isso significava que a Legião também sabia.

Deixando Jenny sozinha, Kara seguiu Thor para fora da loja.

Ela não se arrependia de haver mentido sobre uma possível fissura para a Divisão Contrademônios. Na verdade, ela faria isso de novo só para ver aquele sorriso no rosto de Jenny ao se encontrar com aquele adolescente bonito. Jenny quase morrera no submundo e merecia um descanso e um pouco de diversão. Talvez os anjos da guarda fossem bons em esconder suas emoções, mas isso não significava que eles não tinham sentimentos. Kara queria fazer algo significativo por sua amiga, mesmo que indubitavelmente soubesse que estaria infringindo alguma lei sagrada. Ela estava consciente de que suas ações provavelmente lhe custariam um rebaixamento na Legião, ou pior, uma viagem ao tártaro, a prisão de anjos, seu lugar preferido de todos. Mas parecia que os recentes ataques contra os Sensitivos haviam salvo a viagem.

E agora, parecia que o tártaro era o menor dos seus problemas.

Os joelhos de Kara se estremeceram ao pensar naqueles Seirs malignos abatendo os Sensitivos num ataque impiedoso. Um calafrio a percorreu quando ela se lembrou dos ímpios sorrisos estampados no rosto hediondo dos Seirs. Os olhos horripilantes tatuados na parte de trás de suas cabeças pareciam segui-la onde quer que fosse. Seus longos casacos de couro preto e suas lâminas da morte a assombravam. Embora já tivessem sido Sensitivos, dotados com a capacidade de ver o sobrenatural, os Seirs se tornaram maus e haviam jurado lealdade ao submundo. Agora eles haviam se tornado inimigos que os anjos da guarda não poderiam combater, nem matar. Como todos os anjos da guarda, Kara havia jurado proteger todos os mortais e, embora os Seirs fossem os mais sinistros de todos, eles ainda eram mortais e não podiam ser tocados. Os Seirs estavam fora de cogitação.

Kara se enfureceu e cerrou a mandíbula, resolvendo que, de alguma forma,

ela acharia uma maneira de detê-los. Alguém tinha de fazer isso, e esse alguém podia muito bem ser ela.

Ela se lembrou dos rostos amáveis e o confiante brilho dos olhos dos Sensitivos que haviam salvo a ela e seus amigos dos Seirs, no armazém, há uma semana. Eles estavam tão elegantes em seus ternos e chapéus fedora, como os bandidos dos filmes antigos que ela adorava assistir com a avó. Mas se os Sensitivos eram assim tão hábeis com as suas espadas reluzentes e tão bem treinados nas artes marciais, como os Seirs conseguiram derrotá-los nestes ataques recentes? Estaria Lilith por trás desses ataques?

De alguma forma, Kara tinha a desagradável sensação de que sim.

Os Seirs seguiam os comandos de Lilith como cães obedientes. A eles havia sido prometido poder e imortalidade e, em troca, eles acatariam a todas as ordens de Lilith.

Quando Kara resgatou Jenny das garras de Lilith, esta lhe prometera vingar a morte do pai. Parecia que a vingança de Lilith já havia começado.

A última visita de Kara ao submundo a havia deixado incomodada. Ela não havia compartilhado com ninguém – nem mesmo com David – as conversas que tivera com Morthdu, o guardião do submundo. Já ruim o bastante ter sido marcada, ser prole de um demônio. Ela não podia culpar a Legião por suspeitar dela - eles deviam saber que havia traidores entre eles. Kara não só sabia que era filha do Asmodeus como também que compartilhava um elo com Morthdu. Seria um erro contar isso a alguém.

A entidade verde havia dito: a escuridão vive dentro de você...

Kara tremia só de pensar. Ela sabia que era parte do submundo e que tinha uma conexão inconfundível com um outro nível de consciência. O que o sol verde lhe contara era tudo verdade – havia uma escuridão dentro de Kara.

Mas como isso havia ido parar lá?

Desde sua viagem ao submundo, ela estava obcecada com o que Morthdu lhe contara.

Ela repassava as conversas em sua cabeça repetidas vezes. Ela havia deixado algo passar? Ela havia ouvido mal o Morthdu? Kara tentava negar isso repetidamente, mas, no final, ela sabia que tinha uma escuridão dentro si - ela sentia isso. Ela queria desesperadamente compartilhar com alguém, dessa forma,

eles poderiam dizer que não era verdade. Aquilo a consumia, como uma doença comedora de carne, como mãos frias em volta de seu pescoço, sufocando sua vida angelical.

E ainda por cima, ela não conseguia se livrar da emoção desse poder e de querer mais...

Kara se estremeceu. Seria a escuridão?

O que é pior, quanto mais ela usava seus poderes elementais, mais se sentia atraída ao submundo. Ela tentava negar, mas a sensação era inebriante. Parte dela queria explorar esses sentimentos - e a outra parte estava aterrorizada com o que isso significava.

Ela não era como seu falecido pai ou sua meia-irmã Lilith. Ela era do bem.

Os edifícios de tijolo em torno deles criavam longas sombras, e Kara correu para apanhar Thor. Ele dobrou a próxima esquina no final do quarteirão. Uma parede de edifícios de arenito pairava diante deles. Thor correu para o outro lado da rua. Kara ignorou os altos comentários de um casal de meia idade, que reclamava por ela não andar com o cão na coleira, e se apressou para ir atrás dele. Ele se lançou num conjunto de escadas de concreto que levava a uma grande porta de madeira preta. Kara estava surpresa com a agilidade das perninhas sujas do buldogue.

O edifício de pedra tinha uma cor marrom viva e Kara imaginou os tijolos como se fossem de chocolate. Como ela sentia falta do sabor do chocolate derretendo em sua língua! Seus dias mortais já pareciam tão distantes.

Caixas de flores vibrantes com uma variedade de violetas roxas e gerânios vermelho-sangue pendiam das janelas altas dos prédios vizinhos, mas as flores penduradas nas janelas do edifício marrom-chocolate estavam mortas. Uma única vela queimava em uma das janelas inferiores.

Thor escalou o corrimão de metal e apertou com sua pata uma campainha de bronze em forma de adaga. Após alguns segundos, houve um zumbido, um estalo e a porta foi destrancada. Thor saltou para a varanda e abriu a porta com sua cabeça achatada.

Kara fechou a porta atrás si. O assoalho rangia enquanto ela saía do vestíbulo e seguia Thor por um corredor. Mofos intricados decoravam as paredes como cobertura de um bolo caro. Era como um grande hotel, mas em uma escala

menor. O som das botas de Kara era sufocado por exuberantes tapetes persas que se estendiam por todo o corredor. A iluminação fraca de um grande lustre lançava uma luz sombria, e Kara podia ouvir vozes murmurando. O ar cheirava a desinfetante e sangue.

Thor desapareceu por uma porta no final do corredor. Kara o seguiu até a soleira da porta.

Alguns Sensitivos, Peter e David já estavam lá dentro. Na frente deles, os corpos de homens e mulheres jaziam uns sobre os outros com seus membros terrivelmente retorcidos. Feridas abertas cortavam seus pescoços, e suas mãos vazias apertam suas gargantas numa última tentativa de impedir que o sangue jorrasse.

A cena macabra a horrorizou, mas, mesmo assim, a compeliu a investigar mais atentamente. Era como uma cena de crime dos programas policiais de televisão que ela adorava assistir com sua mãe. Sangue cobria as paredes, como se baldes de tinta vermelha tivessem sido jogados contra elas. Kara procurou por armas, mas não encontrou nenhuma.

Uma jovem com os olhos inchados de vermelhos começou a lavar o sangue dos andares. Ela limpou o nariz molhado com a manga da camisa e recolheu um pano rosa do assoalho. Seu longo cabelo loiro caía sobre seu rosto. Ela deu um passo para trás e murmurou algo incompreensível enquanto esfregava vigorosamente as escuras manchas marrons que penetravam nas tábuas do assoalho.

David e Peter estavam diante da parede mais distante, ao lado de uma sacada. A luz suave fazia sombras sob seus olhos. Peter parecia estar prestes a vomitar. Kara trocou um olhar com David antes de se obrigar a deixar de lado seus sentimentos por ele. Essa não era a hora nem o lugar para demonstrar afeto.

— Onde está a Jenny? — perguntou David em voz baixa. Ele se voltou para Kara. — Eu pensei que ela estivesse com você.

Kara evitou seus olhos:

— Ela está ainda no café. Disse-lhe que nos encontraríamos com ela mais tarde. Não contei a ela sobre isso. Thor não me deu muita escolha de qualquer forma.

David mexeu em cabelo loiro desgrenhado com os dedos e suspirou: — Não

é o que você esperava, não é? Esses Seirs são muito confusos. Você precisa ser seriamente psicótico fazer isso a outros mortais. Eles precisam de uma lição. — David estalou os dedos. — Eu queria que a Legião nos deixasse revogar nossos juramentos por pelo menos alguns minutos - apenas o suficiente para matar alguns deles.

— Queria poder ter feito algo. — Com as mãos nos bolsos, Peter balançava para a frente e para trás nas pontas dos pés. — Eu me sinto tão inútil.

Kara apertou o ombro dele delicadamente:

— Eu também, Peter. Quem me dera puder ter ajudado de alguma forma. Essas pobres pessoas não merecem morrer desse jeito. — Kara suspirou alto. — É horrível.

Os Sensitivos se agruparam no centro da sala e conversavam com as cabeças inclinadas. Seus rostos estavam escondidos sob seus chapéus pretos.

Thor cruzou a sala e cheirou os corpos cautelosamente. Tomando o tempo necessário em cada um, ele se movia com propósito, feito um cão policial farejando drogas nas bagagens do aeroporto.

Um Sensitivo com brilhantes olhos escuros observava o cão por debaixo do seu fedora preto. Uma cicatriz que parecia dolorida marcava o lado esquerdo do rosto dele. Ele avistou Kara e, depois de um momento, andou em direção a ela. O andar com suas pesadas botas cortava o silêncio tenebroso. Ele tirou o chapéu em uma saudação: — Kara. Estou feliz por estar aqui.

Kara deu um ligeiro aceno e manteve os olhos na cena do crime: — Santo, o que aconteceu aqui? — Ela manteve a voz baixa, com medo de desrespeitar os mortos.

Santo soltou um suspiro pesado:

— Um banho de sangue.

— Mas... — Kara se encontrou com os olhos escuros de Santo. — Mas não vejo nenhuma arma. É quase como se eles tivessem sido executados.

O dedo de Santo acariciou a cicatriz no seu rosto: — Eles foram executados - por um grupo de assassinos covardes. Eu devia estar aqui.

Eu arrancaria os corações deles com as minhas próprias mãos. — Santo apertou o punho de sua espada até seus dedos ficarem brancos.

— E você tem certeza de que os Seirs fizeram isso? — disse Kara, fazendo mais uma declaração do que uma pergunta. Os olhos sem vida dos mortos a observavam, como se a acusassem do massacre – como se aquilo, de alguma forma, fosse sua culpa; que ela deveria tê-los protegido. Ela suprimiu um arrepio e desviou o olhar.

— Sim, é assim que eles matam. Esta é a assinatura deles: um corte de lado a outro da garganta. Covardes — murmurou Santo, e sua expressão se obscureceu. — Eles não estavam preparados. Eles nunca tiveram uma chance de lutar. — Uma grande veia pulsava em sua testa, abaixo da borda do seu chapéu. — Eu vou matar cada um deles.

Eu juro.

— Ora! Ora! — disse David armando os ombros. — Seus dias estão contados. Podem escrever o que eu digo.

Kara piscou para limpar o vapor de desinfetante de seus olhos. A situação era pior do que ela esperava:

— O que você fará com os corpos?

Santo mudou de posição e olhou para o chão: — Nós os enterraremos juntos no nosso cemitério sagrado fora da cidade. Nós faremos uma cerimônia... e depois enterraremos nossos mortos.

Os outros Sensitivos ficaram intrigados quando Thor pressionou a pata contra o corpo de uma mulher e esperou. Depois de um momento, ele caminhou até a cabeça dela e se sentou seu lado. Ele mexeu a boca, e um pouco de sua baba escorreu para o rosto da mulher. Kara tombou a cabeça para o lado para tentar conseguir uma visão melhor do que ele estava fazendo. Por que ele estava tão interessado em um mortal morto?

— Santo, e quanto às almas deles? Elas foram salvas?

Santo ficou em silêncio por um tempo:

— Nós temos a confirmação de que suas almas estão mortas. Os Seirs os massacraram e, depois, destruíram suas almas.

Kara havia testemunhado os minúsculos cristais brilhantes que se desprendiam dos corpos dos mortos mortais muitas vezes. Na maioria delas, ela ou outro anjo estava lá para levar a bola branca brilhante em segurança. A menos

que a alma fosse salva, o espírito mortal morreria.

A Legião havia perdido milhares de anjos na batalha contra Asmodeus e seus demônios. Agora não havia guardiões suficientes para cuidar de todos os mortais. A situação era mais do que horrível.

— E você acha que os Seirs também mataram as almas deles? — perguntou Kara. — Mas isso não faz sentido. Eles são mortais. Por que os Seirs estariam interessados em suas almas?

Santo fechou os olhos e esfregou suas têmporas com o polegar: — Os Seirs usam as almas mortais como forma de pagamento - é parte do acordo que fizeram com o submundo. Eles ajudam os demônios a ficarem no nosso mundo, dando-lhes as almas. É tudo parte do plano para se tornarem demônios um dia.

Kara cavou seus dedos na perna. Isto tinha a assinatura de Lilith por todo o lado. De alguma forma, ela sabia que sua irmã estava envolvida e tinha de ser parada.

A jovem chorou enquanto esfregava o chão.

Kara desviou o olhar e moveu-se desconfortavelmente: — Não vejo nenhuma criança entre os mortos. Havia alguma criança? — Ela mordeu os lábios e torceu para que os Seirs não tivessem machucado crianças.

Santo cerrou a mandíbula e encarou os corpos. A voz dele tremeu quando ele falou: — Achamos que eles levaram as crianças.

— O quê? Por que levaram as crianças? — Kara inclinou-se e procurou o rosto de Santo. Um cheiro de mofo chegou ao seu nariz.

Santo virou-se para encará-la e coçou sua barba por fazer. Sua expressão estava séria:

— Não sabemos - isso nunca aconteceu antes. Nunca ouvi falar de Seirs levando crianças... Crianças sensitivas, menos ainda. Os anciãos estão estupefatos. Não entendemos o que está acontecendo.

Kara e David compartilharam um olhar inquieto.

Ela voltou sua atenção para Santo:

— Você disse que eles as levaram. Isso significa que elas ainda estão vivas, certo?

Então, ainda há esperança de encontrá-las. Se elas estiverem vivas - nós vamos encontrá-las. A Legião irá ajudar... tenho certeza disso. Vamos encontrar as crianças.

Kara pressionou uma mão no braço de Santo. Como ele não disse nada, ela continuou:

— Nós vamos encontrar as crianças, eu prometo. Os Seirs não devem estar longe. Eu e a minha equipe procuraremos pela cidade. Vou recuperá-las.

— Não é só na cidade. — as sobrancelhas grossas de Santo franziram em uma carranca. — Temos relatos de assassinatos e raptos por todo o globo. Todas as crianças estão desaparecidas. Eles as tomam e desaparecem. Não sabemos como fizeram isso, ou como foram capazes de matar tantos e se safar. Eles devem ter recebido ajuda externa.

Kara tinha uma ideia de onde vinha esta ajuda. Com o rosto duro como pedra, ela manteve seu sentimento de culpa em segundo plano. Ela não queria que Santo e os outros tivessem noção do que ela estava pensando. Se ela estivesse certa, Lilith estava por trás disso, o que significava que Kara era parcialmente culpada, porque Lilith saíra em busca de vingança. Ela sabia como mexer com Kara.

Ao desviar seus olhos dos corpos mortos, ela fez uma promessa a se mesma: ela iria encontrar as crianças desaparecidas e trazê-las de volta. Elas eram inocentes. Quem sabe que coisas horríveis os Seirs estariam fazendo a elas nesse momento? Uma coisa era certa, ela tinha de achar as crianças antes que os Seirs as matassem.

— Kara. — os grandes olhos de Thor brilhavam com urgência. — Rápido, ela não tem muito tempo.

Kara seguiu o cão até o corpo no qual ele havia prestado tanta atenção para mais cedo. David e Peter seguiram rapidamente trás. Fios de cabelo preto estavam presos à testa suada da mulher, e ela respirava com esforço. O rosto dela estava riscado de sangue, e o corte profundo na garganta gorgolejava discretamente. Suas pálpebras se abriram em meio ao tremor, e ela olhou o teto, sem focar em nada. Ela piscou lentamente e então viu Kara.

— V-você... é.. a Kara? — ela resmungou, com cada palavra fazendo-a estremecer.

— Ela ainda está viva! Precisamos levá-la a um hospital. . .

As palavras Kara ficaram presas na garganta. A expressão de Thor era solene. Ele balançou a cabeça lentamente e abaixou os olhos.

Kara franziu a testa. Ela inclinou-se e tomou a mão da mulher. O toque dela era gelado. Kara apertou a palma de sua mão suavemente: — Sim, eu sou a Kara. O que posso fazer para ajudá-la?

A boca da mulher se mexeu. Seu lábio inferior tremeu, e ela gemeu e fechou os olhos.

Ela abriu os olhos depois de um momento e falou: — Eu... tenho... uma... mensagem.

Kara olhou para cima e encontrou o olhar interrogativo de Santo. Os outros Sensitivos se reuniram em torno deles.

— Qual é a mensagem? Quem deu essa mensagem? — Kara procurou o rosto da mulher.

Os olhos da mulher pareciam vitrificados enquanto ela tossia sangue. Kara encolheu-se ao som de quando a mulher tentou sugar o ar para os pulmões. Ela tinha certeza de que ela seria capaz de dar a mensagem.

— Ela está sofrendo... por favor, não podemos fazer nada? Ela precisa de um médico.

— Kara sentiu um ligeiro aperto em sua mão. A mulher olhou para ela e, então, abriu os olhos grande e falou com vigor renovado.

— Para minha querida irmã, Kara — disse a mulher com uma nova voz – suave e zombeteira — Por sua causa, eu decidi tomar o mundo mortal para mim e matar todos esses nojentos seres humanos com os quais você se importa tanto. Meu exército de Seirs vai aniquilar os anjos e exterminar os Sensitivos que resistirem a nós. Todas as pessoas livres serão mortas ou escravizadas - e eu a farei se dobrar à minha vontade também.

— Você sabe que eu estou fazendo tudo isso por sua causa. Você será culpado pela destruição do mundo dos mortais, irmã querida. Ta-dá!

Um suave suspiro escapou da boca de mulher. Os olhos dela rolaram, e seu corpo ficou mole.

Capítulo 2

Castelo de Dirleton, Escócia

Kara saltou do elevador e caminhou entre fileiras de mesas com telas holográficas que oscilavam com imagens e mapas de cidades de todo o mundo. David e Peter seguiam logo atrás. Os anjos viravam suas cabeças enquanto Kara passava pelo nível 5, a Divisão Contrademônios. Vozes sussurravam o nome dela. Ela achava que, a essa altura, a fofoca já teria acabado. Quando ela os encarava de volta, eles imediatamente desviavam o olhar. Seu aborrecimento a consumia por dentro.

Ela atravessou a sala e caminhou até a mesa grande. Jenny deu-lhe um sorriso apertado e olhou para a Arcanja, Ariel, que se sentava pacientemente na cabeceira da mesa. Os olhos cor de caramelo de Ariel os observavam. Com a expressão inexpressiva, Ariel levantou as mãos e fez um gesto para as cadeiras vazias à sua frente.

— Guardiões. Que bom juntarem-se a nós. Por favor, sentem-se.

— Com licença, sua Alteza. — David lançou-se na cadeira ao lado de Kara e entrelaçou os dedos atrás da cabeça. — Ah... assim é melhor. Então... do que trataremos?

Kara ignorou o olhar mortal de Ariel e tomou o assento vazio ao lado dela. Peter tomou o assento à direita de Kara e tombou a cabeça. Kara dobrou as mãos no colo e esperou.

Ariel inclinou-se e entrelaçou os dedos em cima da mesa. Seu rosto zangado dela deixou o pescoço de Kara arrepiado.

— Kara, diga-me como correu a sua investigação da fissura em Boston. Foi bem-sucedida? Vocês foram capazes de determinar a natureza da ameaça?

Kara conheceu os olhos arregalados de Jenny e apertou as mãos dela.

Ariel levantou suas sobrancelhas:

— Certo. Podemos discutir isso mais tarde. Thor me forneceu um relato

detalhado sobre os assassinatos em Boston. E, infelizmente, todos nós sabemos que o Boston não era o único alvo. Acontece que grandes cidades em todo o mundo têm sido atacadas -

Sensitivos são mortos e as crianças levadas.

Ariel estudou os guardiões da mesa atentamente antes de continuar: — Mas, entre esses ataques, recebi notícias de que nem todas as sedes dos Sensitivos foram destruídas. Existem ainda algumas milhares que não foram afetados – graças às almas. Aqueles que estavam fora de suas cidades quando os ataques ocorreram estão seguros. Nossos batedores informaram que apenas os centros com crianças foram atacados. A maioria deles, escolas e refúgios para os Sensitivos recém-encontrados. Os menos preparados e menos bem equipado para revidar...

— Esses diabinhos de cara branca! — David levantou e sacudiu o punho dramaticamente no ar. — Eu sabia que devia ter socado a cara deles quando tivemos a chance. — com uma expressão presunçosa no rosto, ele olhou para os outros anjos ao redor da mesa. Mas após um olhar letal de Ariel, ele sentou-se e ficou quieto.

— Kara, Thor me disse que uma mulher prestes a morrer lhe deu uma mensagem. — Ariel olhou curiosamente para Kara. — Qual foi essa mensagem que ela deixou?

Kara olhou para a mesa e relatou a mensagem. Ela disse a Ariel que se sentia culpada pelos recentes ataques - que Lilith havia planejado isso contra ela e faria de tudo ao seu alcance para fazer Kara pagar por ter matado seu pai. Ela disse que isso era só um gostinho da ira de Lilith. O olhar desaprovador do Ariel indicou que ela já havia adivinhado a mensagem. Ao terminar, Kara inclinou a cabeça, agarrou seu jeans e esperou.

— O Alto Conselho terá de ser informado sobre isso — Kara ouviu Ariel dizer.

— Bem, eu tinha um pressentimento de que Lilith não desistiria tão facilmente — ela continuou. — A raiva que ela sente por você parece ter piorado imensamente. Ela está nos provocando. Ela acredita que é mais poderosa que a Legião. Sua arrogância será sua queda, guarde minhas palavras. Ela vai sofrer o mesmo destino de seu falecido pai. Ela não pode escravizar o mundo mortal - não é possível. Os demônios não são poderosos o suficiente. Mas mesmo que

seus planos sejam delirantes, na melhor das hipóteses, eles ainda assim são extremamente perigosos. Não podemos permitir que ela prejudique nenhum outro mortal na tentativa de vingar seu pai. Devemos proteger os Sensitivos a todo o custo. Eles são os nossos únicos aliados contra os Seirs. Não podemos lutar sem eles. Os anjos vão morrer.

Kara encontrou o olhar de Ariel:

— Não há nenhuma maneira de combatê-los? — como Ariel não respondeu, ela continuou — Quer dizer... existe alguma arma especial que podemos usar contra eles ou algo assim? Talvez haja algo que possamos usar e que não descobrimos ainda. Tem de haver uma maneira de reagir.

Ariel comprimiu os lábios:

— Temo que não. Como anjos, nós fizemos um juramento de proteger todos os mortais, não importa o quão mal eles viessem a ser.

— Bem, isso é horrível — David deixou escapar. — Então, vamos ficar lá e deixar esses malucos nos matarem? É isso? Nós ainda não podemos nos defender?

— É mais complicado do que isso, David. — Ariel retirou um cacho de cabelo dos olhos. — Os anjos não podem ferir nenhum mortal. Não importa quão vis ou maus eles sejam. Simplesmente não pode. É proibido.

— O que aconteceria se eu fizesse isso? — perguntou David — Digamos que matei um desses retardados durante a minha tentativa de me defender. O que aconteceria, então?

Eu iria desaparecer em uma nuvem de fumaça?

Ariel dobrou as mãos calmamente em cima da mesa. Ela tombou a cabeça para o lado:

— Sua alma morreria imediatamente. Você deixaria de existir.

David revirou os olhos:

— Bem, isso é um saco. — Ele inclinou-se de volta para seu lugar com a cara fechada.

— Quem é o idiota que inventou essa regra afinal?

— O Chefe. — O rosto de Ariel se obscureceu. A luz na câmara diminuiu,

como se uma nuvem negra de repente lançasse uma sombra triste sobre eles.

David empalideceu, desviou seus olhos e roeu uma de suas unhas.

Kara chutou David por debaixo da mesa:

— O que o David quer dizer é: por que existiria tal lei? E se toda a raça humana fosse ruim? Não poderíamos fazer nada a respeito.

O rosto de Ariel relaxou um pouco:

— Não é tão simples. Há coisas das quais você não está ciente e não tem permissão de saber como anjo da guarda. Desculpe-me, mas não tenho a liberdade de discutir o assunto. Tudo o que posso dizer, por agora, é que os anjos não podem ferir os mortais.

Se você o fizer, sofrerá a verdadeira morte.

— Isso é simplesmente estúpido. — sussurrou David de modo que só Kara pudesse ouvir.

Kara compartilhou um olhar de soslaio com David e, então, inclinou-se: — Arcanja Ariel, como vamos combater o exército de Seirs que Lilith está construindo?

A expressão de Ariel era séria:

— Com sorte, não teremos que lutar contra eles. Os Sensitivos nos ajudarão, mas temos de nos concentrar em Lilith. Precisamos descobrir quais são seus planos e precisamos que as crianças voltem antes que seja tarde demais. A prioridade das nossas equipes é encontrar as crianças. Eu não quero que nenhum mal aconteça a elas. Quando as crianças estiverem seguras, então destruiremos a criatura Lilith.

— Conte comigo! Quando começamos? — o sorriso descarado de David retornou e ele esfregou as mãos.

Ariel o ignorou:

— Nossos batedores determinaram três localizações possíveis para o paradeiro das crianças. — Ariel levantou os dedos. — Escócia, China e Austrália. Uma equipe será atribuída a cada um desses locais. As equipes de campo serão as mesmas de antes.

A Arcanja empurrou sua cadeira para trás e se levantou com seu cabelo

quicando na cabeça como molas:

— Anjos, vamos trazer de volta as crianças. Que as almas os protejam!

O vento fresco da Escócia cheirava a terra úmida e pinheiros. Kara abaixou as mãos.

Gramas altas roçavam em seus dedos à medida que ela caminhava por um campo vasto.

Formas se lançavam em tons de azuis e cinza, e a noite se erguia com os sons de grilos e outros animais noturnos em caça. A lua era uma esfera branca brilhante no céu iluminado pelas estrelas negras, e as sombras penetravam em todos os cantos.

Um galho se partiu.

Kara agarrou o punho da sua lâmina e vasculhou a área de onde o som havia vindo, mas não encontrou nada. Grandes pinheiros escoceses se elevavam sobre Kara e sua equipe, como gigantes de outro mundo. Ela nunca havia visto pinheiros tão altos antes.

Depois que seus olhos se ajustaram à escuridão, ela se surpreendeu com o quão bem podia enxergar com apenas a luz suave da lua para guiá-la.

Colinas sinuosas de ricas terras agrícolas espalhavam-se por quilômetros à frente e desapareciam na noite. Sombras lúgubres se moviam ao longo dos campos encrespados, como peixes em um riacho. Uma estrada sinuosa surgiu. Ela serpenteava em torno das raízes das árvores na floresta e levava a um pequeno vale, com uma massa de luzes alaranjadas piscando à distância.

Kara e os outros entraram no vale em silêncio, o som de suas botas era abafado pela grama, como se eles estivessem andando em um exuberante tapete. Só o ruído constante das folhas rompia o silêncio à volta deles.

A escuridão vive dentro de você...

Com uma onda de raiva, Kara chutou um emaranhado de grama e saiu pisando nas ervas daninhas e arbustos. Ela cerrou os dentes e suspirou interiormente. Sua escuridão era como uma porta à espera de ser destrancada. Ela lutaria contra isso. Ela não se tornaria um perigo para os seus amigos. Ela controlaria seu poder e resistiria ao chamado do submundo.

Kara fechou os olhos por um segundo e desejou que seus medos fossem

embora...

— O que está acontecendo com você? — perguntou David, acordando-a de seu devaneio. — Você não disse nada desde que chegamos aqui. Eu sei que algo está incomodando você. O que é?

Kara olhou para as colinas:

— Nada, não. Não se preocupe. Tenho muito em que pensar.

— Você quer falar sobre isso?

Sim, Kara queria falar, mas em vez disso, ela negou com a cabeça: — Não. Está tudo bem, é verdade. Mas obrigada.

— Você está diferente desde que voltamos do submundo — David pressionou, mas mantendo sua voz baixa. — Não pense que eu não notei. Você anda... distante. Kara... o que está acontecendo? Diga. O que é?

O que ela poderia dizer? Kara pressionou seus lábios. A dor das duras palavras de David ao perceber que ela havia sido marcada voltara; era como ser atropelada por um ônibus, tudo outra vez. Ela não podia perder David agora. Com as coisas como estavam, ela mal conseguia se conter; então, ela precisava dele consigo. Seus amigos eram o que a mantinha; eles eram a cola que não a deixava perder sua sanidade.

— Estou apenas zangada com a Lilith — disse ela depois de um tempo. Aquilo era, em parte verdade, então ela percebeu que realmente não estava mentindo. — Ela está machucando pessoas inocentes por minha causa. Eu nunca pensei que ela iria tão longe.

Não é fácil engolir isso.

David acenou com a cabeça e arremessou uma pedra nos campos sinuosos diante deles:

— Eu sei, é uma droga. Essa sua irmã é osso duro de roer.

— Meia-irmã.

David riu:

— Ok, meia-irmã. Ela armou isso tudo para você, você sabe. Ela está mesmo brava por você ter matado seu pai.

— Ele nunca foi meu pai... não como um pai de verdade, de qualquer forma.

— Kara mantinha os olhos no campo. — Eu nunca tive um pai ao crescer. Mas não posso me queixar. Minha mãe fez um trabalho incrível sozinha.

— Eu sei que fez. — David sorriu divertidamente.

Kara arrastou suas pernas pelas gramas altas. Ela queria desesperadamente contar a David o que a criatura Morthdu havia dito. As palavras dançavam em seus lábios. Seus olhos se encontraram com os de David, mas as palavras morreram em sua garganta. Ela desviou o olhar culposamente e uma enorme sensação de cansaço recaiu sobre ela. Eles mal haviam começado sua missão e ela se sentia esgotada.

— Tem certeza de que não há mais nada que você queira me dizer? — David inclinou-se para mais perto. Seus olhos azuis brilhavam com preocupação.

Kara forçou um sorriso:

— Não, eu juro. É que é muita coisa para processar agora.

— Se você diz... — disse David em um tom pouco convincente. Ele a observou por um tempo, diminuiu seu passo e, então, se juntou aos outros atrás dela.

Kara tinha de usar toda sua força de vontade para enterrar seus pensamentos obscuros. Ela cerrou queixo e lutou para conter sua raiva ininterrupta por sua meia-irmã.

Ela tentou se concentrar em sua missão de salvar as crianças, mas a raiva confundia sua mente. Ela crescia dentro de Kara, prestes a explodir a qualquer momento. Isso se repetia desde que aquela pobre mulher lhe entregara a mensagem de Lilith. Sua meia-irmã inconcebivelmente conseguira colocá-la em uma situação desconfortável mais uma vez.

Ariel havia dito que era impossível para um demônio governar os mortais, mas Kara não tinha tanta certeza. Ela tinha visto o poder de Lilith com seus próprios olhos. Ela a testemunhara matar facilmente o Arcanjo traidor Zadkiel. Ela sabia que, sem sombra de dúvidas, sua meia-irmã tinha poderes ilimitados, desconhecidos. Kara não subestimava a Lilith.

Kara chutou a grama com suas botas. Seu humor sombrio combinava com a escuridão à sua volta, e ela estava grata pelo fato de os outros não conseguirem ver seu rosto.

Dentro de alguns minutos, ela descobriu uma estrada de terra.

— Você sabe aonde estamos indo? — perguntou Jenny. Ela deu um tapa em sua própria testa. Pegou algo com a ponta dos dedos e jogou na escuridão. — Te peguei, seu inseto chato!

Kara riu suavemente:

— Chegaremos à vila no fim desta estrada. O castelo de Dirleton deve estar logo adiante, no outro extremo da vila.

Seixos rangiam sob o peso das botas de Jenny: — Você acha que as crianças estão no castelo? Você sabe que pode ser um beco sem saída. Meu Deus, espero que ela não as tenha machucado.

Kara balançou a cabeça:

— Não sei. A Lilith é cheia de surpresas. Se as crianças estiverem lá, nós vamos resgatá-las com segurança. Não a deixarei tocar num fio de cabelo sequer delas. Eu perdi minha paciência com ela.

David assobiou bem alto:

— Eu aposto em você, Kara. — Ele deu um sorriso largo.

— Nossa, obrigada. — Kara riu suavemente.

— Na última vez em que apostei com um anjo da guarda da Legião quantos demônios superiores mataríamos, os arcanjos quase jogaram este lindo anjo aqui no tártaro. — David acariciou seu rosto. — Minha linda pele rosada não aguentaria um ambiente tão rigoroso.

— Ah, por favor, poupe-nos — disse Jenny.

David endireitou-se e estendeu seu olhar aos campos: — Escócia, terra dos bravos. — Ele se virou e apontou para Jenny. — Yer oot yer face!

— O quê? — Jenny tocou em seu rosto. — O que há de errado com meu rosto? Há algo no meu rosto?

David orgulhosamente deu um olhar zombeteiro a Jenny: — Tão descabelada como um ieti num vendaval.

Jenny revirou os olhos:

— Seu bobo! — Ela reclamou em voz alta e bateu na bochecha. — Eu sou a

única aqui que está sendo devorada viva por insetos? Eu achava que eles eram atraídos por sangue.

Por que estão todos em cima de mim?

David e Peter compartilharam um olhar e riram incontrolavelmente.

— O que quer que seja... seus idiotas. Vocês devem agir como anjos da guarda, não como crianças. — Jenny saiu à frente deles, zangada.

Sombras de edifícios formavam à frente deles. Luzes alaranjadas e quentes brilhavam nos postes de iluminação e Kara as imaginou como lanternas sendo carregadas por invisíveis mãos gigantes. O som de suas botas no pavimento reverberava em torno deles enquanto Kara e os outros seguiam pela estrada escura asfaltada que levava para a vila antiga.

Típicas casas de pedra cobriam a rua de ambos os lados. Uma luz suave escapava das pequenas janelas das casas com portas vermelhas e jardins exuberantes. O cheiro de fogões a lenha e flores de verão fez Kara lembrar-se das noites que passava na casa da avó, com sua mãe, assando marshmallows com uma vara sobre uma fogueira.

A medida que se aproximavam, podiam perceber a luz dourada que vinha das casas.

Algumas portas estavam entreabertas. A luz dos televisores piscava em meio à noite e carros jaziam nas calçadas solitárias. Kara achou estranho ver portas abertas à noite, especialmente com todos os insetos. Seria um festival de sangue para eles. O som de suas botas no pavimento ecoava em torno deles. A vila estava quieta como um túmulo.

Uma sensação estranha permeou a mente de Kara. O silêncio era inquietante.

— Sou só eu... ou vocês têm um pressentimento estranho de que todo mundo saiu às pressas?

David olhou por uma porta aberta:

— Olá? Visita chegando... Vocês poderiam dispensar um pouco de cerveja a um pobre turista?

Kara inspecionou a cidade mais atentamente: — Não há ninguém aqui para lhe dar uma cerveja, David. Tudo parece deserto para mim.

O som de um motor roncando chegou aos ouvidos de Kara. Ela andou até um

Volvo antigo que estava estacionado em uma calçada das proximidades. Ela abriu a porta da frente e desligou o motor.

— Por que alguém deixaria um carro ligado no meio da noite, com as chaves lá dentro? — Ela fechou a porta.

— Esse lugar me dá arrepios. Não me parece normal. — Peter ajeitou os óculos enquanto observava a série de casas abandonadas. — Aonde foi todo mundo?

— É como se todos tivessem desaparecido no ar — disse Jenny enquanto inspecionava a rua.

— Ei...pessoal... Cadê o David? — Kara virou-se. — Ele estava aqui um minuto atrás.

David!

Depois de um instante, David saiu de uma das casas com uma lata de cerveja na mão. Ele bebeu e jogou fora a lata:

— Ah... nada como o sabor de uma cerveja gelada em uma noite como esta.

— Nós não sentimos gosto de nada, somos anjos - lembra? — disse Kara um pouco irritada.

David deu de ombros e sorriu:

— Esqueci.

Peter riu e pareceu relaxar um pouco. Ela sabia que David estava apenas tentando ajudá-lo a acalmar seus nervos, e, felizmente, estava funcionando, mesmo que ele estivesse agindo como um tolo. Kara tirou a franja da testa e suspirou: — Não sei o que aconteceu aqui, mas não temos tempo para investigar agora. Temos de encontrar o castelo.

Os quatro se apressaram pelo caminho. Na final da rua, apareceu uma clareira entre as árvores. O castelo de Dirleton encontrava-se orgulhosamente sobre um afloramento rochoso, de onde dava para ver toda a vila. Era uma fortaleza medieval gigante feita de pedra. Escuras e sombrias, suas torres maciças criavam sombras sob a luz do luar. Entre árvores maduras e vastos jardins bem cuidados, Kara podia ver uma ponte sob um grande arco que levava à entrada principal do castelo.

Peter olhou para o castelo com um olhar crítico: — Parece uma pilha de

rochas. Vocês acham que pode haver fantasmas lá dentro?

Sempre quis saber se eles realmente existiam. Imagine todas as histórias que eles poderiam nos contar! Seria realmente interessante.

— Não seja estúpido, fantasmas não existem — disse Jenny enquanto verificava o cabelo a procura de insetos.

— Não estou tão certo disso. — Kara estudou os rostos dos seus amigos. — Nós somos sobrenaturais e existimos. Então, quem é que pode dizer que os fantasmas não são reais? Talvez sejam.

— Eu aposto que são. — disse David com entusiasmo. — Talvez existam alguns cavaleiros fantasma andando no pátio, montados em cavalos fantasma! — David galopava um corcel imaginário, relinchando alto enquanto circulava Peter.

Kara balançou a cabeça e riu baixinho:

— Vamos, pessoal, vamos tentar levar a coisa a sério. Vamos até a ponte.

Um poste alto de ferro, com uma placa em preto e branco, estava diante deles. David caminhou até lá:

— Castelo de Dirleton, aberto aos visitantes. Bem, aí está, um convite para a festa.

Vamos lá, é por aqui!

Com David na liderança, os outros seguiram rapidamente atrás. Eles correram por uma trilha sinuosa na direção da entrada principal. Depois que chegaram a uma pequena subida, eles correram até a ponte. Kara pôs os dedos na grade de ferro. O metal gelado era como uma ferroada em sua pele angelical. Centenas de anos atrás, uma gigantesca ponte levadiça devia proteger o portão, mas agora havia apenas uma simples ponte para os visitantes. A arcada elevada pairava sobre ela como uma gigante boca negra, esperando para sugá-la.

— Eca... que cheiro horrível é esse? — Jenny contorceu o rosto e apertou o nariz. — Cheiro de carne podre e vômito.

— Estou ouvindo vozes, gritos ou algo assim. — Peter olhou nervosamente para atrás.

— Eu tenho um mau pressentimento quanto a isso.

Kara puxou sua lâmina da alma:

— Não é barulho de fantasma. Eu não sei o que está nos esperando lá dentro, mas estejam preparados. E lembrem-se de que não podemos matar nenhum dos Seirs.

Apenas tentar sair do caminho e procurar as crianças.

— Fácil falar. — David brandiu duas lâminas da alma. Eles as girou com os pulsos e um sorriso perverso se materializou em seus lábios. — Eu só queria poder me divertir um pouco com eles. Vocês sabes... uma pequena vingança por nos raptarem.

— Eu sei, mas você não pode. Não faça nada estúpido, David. Esse não é o momento.

— Vou tentar.

— Prontos? — Kara estudou o brilho nos olhos dos amigos. Cada um, por sua vez, assentiu com a cabeça. — Tudo bem. Vamos.

Kara correu até a ponte. A raiva aumentava a cada passo e subia por ela como um maremoto. Seu poder elemental dançava nas bordas de seus dedos. Ela aprendera a controlá-lo melhor. Ele não era mais selvagem, mas suave e manso. Ela não tinha certeza de como fizera isso, mas agora ela era capaz de mantê-lo em ponto de bala e pronto para uso. Lilith pagaria por ter levado as crianças e ter arruinado sua vida como anjo.

Pondo seu traje M-5 no máximo, Kara correu pelo resto da ponte e atravessou o portão, entrando no pátio.

Uma luz suave brilhava das tochas enfileiradas nas paredes. Centenas de homens e mulheres haviam lutado entre si naquele grande pátio aberto. Suas mãos ensanguentadas refletiam terrivelmente sob a luz do luar. Eles haviam cortado e rasgado a carne uns dos outros. Corpos quebrados jaziam no chão, encharcados em poças de sangue. Gemidos e grunhidos guturais reverberavam por todo o pátio. Os mortais se voltaram todos para os anjos. Uma loucura brilhava em seus olhos. Kara ouviu Jenny engasgar e Peter gritar. Rostos distorcidos em máscaras irreconhecíveis de raiva. O

sangue jorrava de seus braços e pernas à medida que eles se moviam em uma desordem feral. O cheiro de sangue chegou ao nariz de Kara.

David ficou de pé ao lado de Kara:

— Bem, esta visão é um pouco perturbadora. Eu me sinto preso a um filme de segunda com zumbis. É como se toda a vila tivesse ficado louca - e se esquecera de tomar banho.

Kara assentiu distraidamente. Sua boca estava cerrada. A mãe que segurava sua lâmina se afrouxou. Ela olhava para o horror diante deles sem pestanejar.

Um homem com uma máscara de sangue saiu da multidão e deu um passo à frente.

Ele apontou o dedo sujo para Kara e os outros: — Mate! Mate! Mate todos eles!

David praguejou em voz alta.

Kara pisou para trás.

Com um rugido ensurdecedor, centenas de mortais ensanguentados cambalearam em direção a eles.

Capítulo 3

Uma multidão enfurecida de mortais

— **C**orre!

Os anjos se separaram. Kara desceu rapidamente pelo lado leste do pátio enquanto os outros desapareciam de vista a oeste. Ela correu ruidosamente sobre escombros e grandes pedregulhos à medida que descia para as profundezas do castelo. Fragmentos do muro de proteção dos lados norte e oeste esboçavam o que restara de um grande bloco. Sombras velavam os cantos profundos do pátio, e Kara piscou em meio à escuridão impenetrável. Ela estendeu a mão à sua frente e continuou correndo na escuridão espessa, sem olhar para trás, tentando não imaginar o horror que a seguia logo atrás. Ela baixou a cabeça e correu mais rápido.

Sua bota bateu em algo. Kara tropeçou e caiu com força no chão.

Um grunhido soou atrás dela.

Kara se virou. Um homem imundo com uma camisa branca rasgada e ensanguentada cambaleava em direção a ela. Seus olhos brilhavam com o olhar implacável de um assassino. Ele estendeu os braços à sua frente como se fosse sonâmbulo. Um sangue negro escorria de um corte grande em seu peito.

O homem deu uma investida.

O odor amargo de seu hálito azedo chegou ao nariz de Kara e ela rolou para o lado, saindo do caminho. Ao se levantar cima, uma dor excruciante explodiu em sua panturrilha, e ela caiu novamente. O homem agarrou-se à perna com os dentes, como se sua panturrilha fosse um pedaço de milho. Ele puxou a cabeça com incrível força e arrancou um pedaço do traje mortal dela.

Kara gritou de dor quando os dentes do homem perfuraram sua carne mortal novamente. Ela se debateu loucamente e chutou a lateral de uma parede em ruínas com suas botas. Uma chuva de pedras e pó caiu sobre eles. Ela continuou chutando. A parede estremeceu, e uma grande pedra caiu sobre a cabeça do homem com um grande estrondo. Ele caiu como uma árvore morta.

Ela ficou paralisada. Ela havia acabado de matar um mortal. Paralisada de

medo com o que lhe aconteceria, ela esperou. Gemidos ecoavam pela noite adentro, e Kara aguardava.

O homem estava do lado dela. Seu peito pareceu mexer quase que imperceptivelmente – ele ainda estava vivo. Rapidamente, ela acalmou-se e olhou pela escuridão em busca de qualquer irregularidade. Tudo parecia estar em seu lugar. Ela ainda estava de pé e não havia desaparecido no esquecimento.

Sem pensar duas vezes, Kara correu de volta para a entrada principal. Ela sentiu sua força ser renovada pelo traje M-5 e passou pelos mortais agonizantes saltando como naquelas corridas de obstáculos. Gritos raivosos de matem e destruam a seguia enquanto ela fugia. Dedos frios a tocavam, mas Kara desviava de todos.

Ela procurou seus amigos freneticamente. O véu da escuridão se ergueu ligeiramente ao passar pelo grande portão de entrada com arco. Jenny e Peter estavam sobre um muro parcialmente caído. Uma multidão de mortais enfurecidos atirava-se repetidamente contra o muro abaixo deles. Suas bocas espumavam, eles gemiam furiosamente, balbuciando algo ininteligível. Eles quebravam as pedras do muro com seus punhos; rochas e pó caíam sobre eles como um manto cinza. A muro rachou. Uma borda inteira da pedra escorregou e caiu na direção deles. Jenny gritou ao tentar se desviar. Peter a segurou pela mão, e eles recuaram ainda mais para o canto, com seus olhos cheios de medo.

David apareceu de repente atrás dos mortais.

— Calma aí, pessoal. Eu vou distrair os zumbis — ele gritou. Com um olhar sinistro no rosto, ele saltou no ar e agitou os braços feito um louco. — Ei, tem um gostosão bem aqui!

A multidão virou-se lentamente em direção a David, e ele apontou para si mesmo: — Isso mesmo, eu sou gostoso de matar. Querem um pedaço de mim? — David deu um tapinha no bumbum. — Querem? Então, venham me pegar!

Cabeças se contorciam e membros se debatiam em passos ziguezagueados. Com uma cacofonia de ásperos gemidos, eles focaram seus olhos enlouquecidos em David.

E, então, eles avançaram contra o anjo.

— Droga! Eles são mais espertos do que eu pensava. — David riu histericamente ao se virar e correr para longe de Jenny e Peter, mas em direção a

Kara. A multidão ensanguentada de assassinos seguia logo atrás.

— O que está fazendo? — os olhos de Kara se arregalaram quando David se aproximou dela. — Você está trazendo eles direto para mim!

David passou por ela:

— Desculpe! — Ele correu em direção às sombras do pátio. — Foi a única coisa em que pude pensar para tirá-los de Jenny e Peter — ele gritou de volta.

Com um suspiro frustrado, Kara se virou e correu para o acompanhar. Ela deu uma olhadela para trás. A massa efervescente de mortais ainda avançava em direção a eles.

Seus gemidos de raiva lhe davam arrepios. Era como um pesadelo no qual uma horda de zumbis a perseguia pelas ruas de sua cidade natal. Mas aquilo não era nenhum pesadelo.

Como era possível que toda vila estivesse completamente enlouquecida? Quem havia feito isso a esses pobres coitados? Como era possível?

Um nome surgiu no interior de sua mente.

Lilith.

— Qual é o seu plano mestre, gênio? — Kara seguia David pelas bordas do enorme pátio. Rugidos enchiam o ar atrás deles.

— Meu plano? — David gritou enquanto corria. — Eu não tenho nenhum; pensei que você tivesse. Você é quem tem cérebro aqui, não eu.

— Que ótimo! Então, no que você estava pensando? Que era só correr ao redor do castelo para sempre e esperar que eles caíssem fora... ou morressem de exaustão?

— Ei! Esse é um bom plano. Dessa forma, que não precisamos machucá-los. — os dentes brancos de David brilhavam ao luar. — Eu sabia que você pensaria em algo, baby.

Vamos, então.

— Isso não é um plano e não me chame assim. — Kara cerrou os dentes enquanto corria. — Precisamos pensar em algo melhor.

David facilmente disparou sobre um grande pedregulho: — Bem, me avise quando tiver alguma ideia. Eu estarei bem aqui... correndo.

Do outro lado do pátio, a raiva de Kara começou a se inflamar: — Não consigo pensar em nada correndo como uma idiota. Temos de parar em algum lugar.

— Está bem, espera. — David olhou desesperadamente à sua volta e, então, apontou para um lugar. — Lá. Vou subir até Peter e Jenny. — Jenny e Peter acenavam freneticamente de cima do muro quebrado.

Kara assentiu com a cabeça. Não era o melhor plano, mas ela precisava parar de correr para poder pensar. Ela deu outra olhadela para trás. Os mortais ensandecidos tropicavam até eles, como marionetes macabras.

David correu até o muro e o escalou facilmente, como se fosse um alpinista campeão.

Ele alcançou o topo e colocou as mãos na cintura, olhando em volta com orgulho quando Jenny e Peter correram para recebê-lo.

Kara foi pela borda do muro. Uma mão balançava à sua frente. Era David oferecendo-se para puxá-la: — Pegue na minha mão, milady. Salvá-la é o propósito da minha vida.

Relutantemente, Kara segurou na mão de David, e ele a puxou para cima, dando-lhe um abraço apertado no fim. Seus olhos estavam fixos um no outro. Os olhos de David dançavam maliciosamente, e seus lábios se encontravam perigosamente perto dos dela.

Ela sentiu-se inclinar-se...

Então, ela ouviu um bater de palmas.

— Bravo! Bravo! Que atuação! Bis! Bis!

Kara soltou-se de David e ambos se viraram.

Lilith estava entre a multidão enfurecida. Ela estava vestida com uma roupa vermelha bem justa de couro, e seus longos cabelos brancos esvoaçavam atrás dela como uma capa feita de névoa. Seus olhos negros e sua pele pálida brilhavam contra a luz do luar.

— Onde já se viu isso? Quatro anjinhos com medo de alguns mortais? Muito patético, sério mesmo.

Os mortais gemiam e se afastavam como um bando de animais selvagens assustados enquanto Lilith andava causalmente entre eles.

— O que você fez a eles? — bravejou Kara.

Lilith pôs a mão no peito e arqueou suas sobrancelhas inocentemente: — Eu? Eu não fiz nada. Mas por que a minha própria irmã me acusa tão rapidamente sem nenhuma prova? Um pouco cruel, não acha? O que é mesmo que os mortais dizem?

Ah, sim, eu sou inocente até que se prove o contrário.

— Deixe de besteira, Lilith. Eu sei que você fez isso. A sua assinatura está por todo lado.

Lilith alisou a frente do casaco. Ela observava com prazer os homens e mulheres enlouquecidos.

— Bem.. se quer saber... eu fiz isso mesmo! Não acha que eles estão melhores assim?

Eles parecem muito mais felizes, não acha? Os mortais são uma espécie tão fraca e superestimada. Todas as suas expectativas irracionais, desejos e esperanças sumiram. — Ela estalou os dedos. — E agora eles são bestas sem cérebro, simplesmente como deveriam ser. Em breve, eles vão ser uma fonte interminável de alimento para meus animais de estimação.

Ela puxou a manga da blusa para cima e abriu os dedos. Havia um objeto triangular na palma de sua mão. Uma luz azul brilhava contra seu rosto branco, e ela levantou o objeto para os mortais. Os lábios dela se mexeram, mas Kara não conseguiu ouvir o que ela dizia. A luz no interior da pirâmide intensificou-se, e a mão dela desapareceu no brilho azul.

De repente, o chão tremeu com a força de um terremoto.

O ar estalava em torno deles como se centenas de fogos de artifício tivessem sido soltos. O vento esbofeteou o rosto de Kara, e ela piscou em meio a nuvens de poeira. Ela pulou quando as pedras racharam debaixo de seus pés, caindo do muro e batendo no chão. Os gritos de lamentação eram mais fortes que os ventos. Uma poderosa rajada empurrou Kara, e ela se esforçou para recuperar seu equilíbrio.

Os ventos diminuíram e um silêncio se disseminou em todo o pátio, como a calmaria depois da tempestade.

Então, um riso histérico irrompeu no ar e cortou o silêncio tenebroso, como

se uma plateia daquelas dos programas ao vivo de televisão tivesse sido instruída a rir naquele exato momento. Homens e mulheres caíram de joelhos e rolaram no chão. Com seus braços envolvidos em torno de si mesmos, eles começaram a engasgar com seus ataques de riso. Dor e medo mascaravam seus rostos enquanto eles se convulsionavam em histeria. Uma espuma branca começou a sair de suas bocas, e, então, eles ficaram imóveis. Depois de um tempo, seus corpos estavam brilhando como cristais. Esferas brilhantes se formaram e se ergueram, pairando sobre os corpos.

Lilith andava entre eles, coletando e ingerindo as almas, como se fossem cupcakes.

Os olhos dela ardiam com poder branco e quente. Quando ela parou, seu cabelo se levantou, espalhando-se como se fosse soprado por uma brisa invisível. Lilith lambeu a ponta dos dedos e sorriu para Kara.

Kara abriu a boca, mas as palavras não saíram. Ela se sentiu mal de culpa e não sabia se suportaria ver mais:

— Pare com isso! Você está matando eles!

Jenny foi para o lado de Kara:

— Você é um monstro psicótico, é melhor parar... ou você vai se arrepender, eu juro.

Lilith sorriu. Ela passou por cima de alguns corpos, com cuidado para não sujar suas botas vermelhas:

— O quê? Você vai me parar? Janet, não é? Você devia mesmo é se preocupar em fazer alguma coisa por essa sua aparência. Você parece um menino com esse terrível cabelo roxo. — Ela acenou um dedo vermelho bem cuidado para ela, divertindo-se. — Não se esqueça de que temos assuntos inacabados, você e eu. Eu não esqueci.

Jenny olhou nervosamente para Kara.

O ar à esquerda de Lilith começou a brilhar como uma onda de calor. Um gemido estranho ressoou e, depois, um forte ruído de sucção, como se um ralo tivesse acabado de drenar água. O ar começou a oscilar e se expandir até virar um buraco negro gigante, grande o suficiente para conter um elefante.

Kara olhou para Lilith:

— Então, como você fez isso? Como você os deixou assim?

— Não gostaria de saber? Tenho certeza de que isso a está matando por dentro, irmãzinha. — Lilith deu uma risadinha e passou os dedos pelo seu cabelo. Com seu queixo erguido, ela pôs as mãos nos seus quadris e observou o restante dos mortais. Um sorriso satisfeito materializou-se no rosto dela. — Humm... Do jeito que estão, eles não podem causar muitos danos a vocês.

Lilith levantou sua mão e pronunciou algumas palavras. Um trovão reverberou em todo o pátio. Os ventos se levantaram. A terra tremeu e, então, um silêncio recaiu no local.

Os mortais se puseram de pé, um por um. Eles chutavam os mortos para fora do caminho com raiva. Eles cortavam os rostos uns dos outros com as unhas e arrancavam seus olhos como selvagens sedentos de sangue e morte.

Gemidos ferais ressoaram em meio ao ar da noite. Kara desviou seus olhos; ela preferia eles antes, deitados no chão e rindo.

Lilith sorriu maldosamente:

— Ah... assim é muito melhor. Irei deixá-los agora. Quem me dera poder ficar e brincar, mas realmente preciso ir. Tantas coisas para fazer e tão pouco tempo. Mas eu os deixarei em mãos muito capazes de matar. Como é irônico. Morto por aquilo que protegem. — Ela percebeu o olhar de Kara. — Se eles não derem conta, então meus animais de estimação darão. É hora de dizer adeus às suas patéticas almas angelicais...

— Ela virou-se rindo histericamente e entrou na fissura. Com um estalo, a fissura e Lilith desapareceram.

— Eu odeio aquela aberração branquela — bravejou Jenny.

David inclinou-se mais para perto:

— Mesmo com um bronzeado eu ainda a odiaria.

— Olhem, temos companhia. — disse Peter.

Um grupo de Seirs vinha pela entrada principal. Seus rostos brancos se destacavam na escuridão. O som de suas botas pesadas reverberava pelo pátio como batida de tambores. Os longos casacos de couro preto batiam em seus calcanhares enquanto eles caminhavam em frente ao pátio.

— E eis que nos encontramos novamente, anjinhos — gritou um dos Seirs

com uma voz rouca que Kara reconheceu como sendo a de Ranab, o líder deles. — Estou muito descontente desde nosso último encontro, com vocês fugindo de nós daquele jeito. Temo que, desta vez, seus amigos Sensitivos não estejam aqui para salvá-los. É hora de dizer adeus às suas almas angelicais.

Ranab liderava o grupo. Seus músculos volumosos se destacavam debaixo de suas roupas pretas. Um brilho maligno emanava furiosamente de seus olhos escuros, e uma grande veia palpitava em pescoço grosso. Ele virou a cabeça, e Kara se estremeceu com a visão dos olhos sempre atentos tatuados nas costas da careca de Ranab.

— Eu já estava me perguntando quando veríamos esses cães demoníacos. — David estalou seus dedos. — Não podemos matá-los... mas ninguém disse que eu não poderia socar um pouco a cara deles.

Kara puxou David para que ele a encarasse: — Não. Acho melhor não tocarmos em nenhum deles, mesmo que não seja intencional. Todos os mortais estão fora de cogitação, você sabe disso.

David cerrou a mandíbula e fez uma careta: — Eu só queria que... ao uma vez...

— Ei... pessoal... olha. — Peter apontou para baixo, em direção à horda de mortais selvagens.

Alguns dos humanos frenética pararam de atacar uns aos outros e se viraram lentamente para os recém-chegados. Seus olhos vitrificados enfocavam os Seirs com ira.

Com súbita ferocidade, eles atacaram.

Os Seirs formaram um círculo em torno dos mortais irados. Suas lâminas brilhavam na luz suave, e o som de metal cortando carne cobriu o pátio. O cheiro de sangue chegou ao nariz de Kara. Gritos mortais enchiam o ar da noite. Os mortais caíram no chão. Quando as esferas brilhantes de suas almas se ergueram e pairaram sobre seus corpos, como vagalumes gigantes, Kara se adiantou:

— Rápida. Temos de pegar as almas.

Mas David segurou seu braço e a puxou para perto. Ele apontou para baixo com a cabeça, em direção os corpos:

— É tarde demais. Olhe.

Um Seir puxou uma rede negra de sua jaqueta. Com um agitar de braços, ele prendeu as almas como peixes apanhados na rede dos pescadores. Ele arrastou a rede por cima do ombro. As almas aprisionadas foram amontoadas e jogadas em suas costas. Kara estremeceu de fúria.

— Vocês não vão descer e brincar com a gente, anjinhos? — Ranab caminhou casualmente em direção ao muro. Seu rosto se abriu em um grande sorriso, expondo a boca cheia de dentes podres. Ele apontava para eles com uma lâmina da morte: — Vocês não podem ficar aí em cima para sempre. Seus corpos não durarão a noite toda, mas nós sim.

— Ele tem razão, sabe — disse Peter em voz baixa. — Só temos mais ou menos uma hora ainda de começarmos a nos deteriorar. E, então, estaremos indefesos de verdade.

Kara se virou e encarou os outros.

— Certo. Precisamos descobrir como sair daqui sem sermos mortos. Alguém viu outro caminho além da entrada principal?

— Eu vi. — Peter inclinou-se e baixou a voz. — No lado oeste... o local está fechado para reformas. Talvez possamos passar, mas vai demandar um pouco de esforço.

— Então, eu acho que a única saída é pela entrada principal. — Kara estudou ansiosamente os rostos dos seus amigos. — Não é a melhor opção, mas agora é tudo o que temos.

— Estamos presos. Lilith nos enganou... ela sabia que viríamos aqui... e agora estamos presos. — Jenny se moveu desconfortavelmente e remexeu os dedos.

Kara apertou o ombro dela suavemente:

— Não necessariamente. Só precisamos conseguir chegar até o portão. Não há nenhuma maneira de os mortais ou os Seirs conseguirem nos pegar quando estivermos do lado de fora. Nós somos rápidos demais para eles.

— É verdade, amigos. — David mostrou seus dentes brancos e posicionou-se como se se preparasse para uma maratona. — Temos super velocidade, assim como o Flash, e tudo o que eles têm é gengivite e um caso grave de idiotice.

Kara suprimiu uma risada:

— Tudo que precisamos é de uma distração.

Um latido ressoou por todo o pátio e a interrompeu.

Um enorme cão cinzento farejava pela entrada principal. Seu casaco escuro brilhava ao luar. Seus músculos eram visíveis ao longo de seu corpo poderoso enquanto ele marchava elegantemente como um cavalo; ele parou no meio do pátio. Baldes de baba escorriam de seus grandes caninos pontiagudos enquanto um estrondoso rosnado vinha de sua garganta. Os Seirs deram um passo para trás.

— Eis a nossa distração! — David se inclinou e pulou do muro. Jenny e Peter trocaram um olhar e seguiram rapidamente atrás.

Algo se moveu na visão periférica de Kara. Outro cão pequeno surgiu pela entrada.

Thor. Kara esperava que nenhum mal ocorresse a seu amiguinho sarcástico, e observou, impotente, quando ele se atirou na batalha sangrenta.

Em um instante, ela se arrastou facilmente para a beirada do muro. Tão logo seus pés tocaram no chão, Kara fugiu em direção ao portão. A energia do traje M-5 fluía através dela enquanto o ímpeto da batalha que se aproximava apagava todo o resto.

Ela desviou quando os vapores negros de uma lâmina da morte quando acertaram seus olhos ao passarem por ela. Uma leve brisa tocou em sua cabeça e levantou seu cabelo. O cheiro de almíscar encheu seu nariz momentaneamente, e, então, alguém praguejou.

Kara continuou correndo.

Ela pulava sobre os corpos e evitava os golpes dos braços e lâminas que vinham de todas as direções. Apesar do rugido furioso dos mortais, ela ouviu David rir e proferir uma seleção de palavrões aos Seirs. Eles o seguiam fervorosamente em torno do pátio, como uma matilha de cães atrás de um coelho. Ele estava se divertindo demais da conta.

Kara se desviou de dois Seirs prontos para atacar e aumentou sua velocidade. Um vento frio roçou em seu rosto. Os braços deles passaram de raspão, e ainda viria mais um ataque nos últimos metros que lhe restavam. O portão já estava em seu campo de visão. Ela estava quase lá. . .

Uma dor explodiu em suas costas. Ela gritou e caiu de cara no chão duro. Enquanto ela cuspia a sujeira de sua boca, uma grande bota preta bateu no chão bem na sua frente. Kara levantou a cabeça.

Ranab zombou perversamente e pisou nos dedos dela com sua bota: — Eu disse que você não escaparia de mim desta vez, anjo.

Capítulo 4

Com Tudo o Que Tem Direito

Kara cerrou os dentes e segurou um grito. Ela tentou desesperadamente soltar seus dedos, mas Ranab era muito pesado. Ela estava paralisada. O veneno da lâmina escorria em suas costas e queimava como fogo líquido. Ela podia sentir seu poder elemental vindo à tona.

— Saia. Não quero machucar você, Seir — disse Kara.

Ranab caiu na gargalhada:

— Me machucar? Você não pode me machucar, anjinha. Não lembras? É contra as leis sagradas. Nenhum anjo pode ferir um mortal. Você não pode sequer tocar em homens como eu, que abatem almas angelicais, para se divertir. Um pouco estúpido, não acha?

Sua cabeça careca brilhava ao luar e a escuridão das paredes interiores do castelo sombreava o rosto dele. Sua pele excessivamente branca e seu longo casaco preto lembravam Kara de Nosferatu, o vampiro de um filme de terror de 1922. Mas, em vez de ânsia por sangue, ele estava atrás de sua alma.

O som da batalha causava um aperto no peito de Kara. Ela tentou ouvir algum sinal de seus amigos. Nada – apenas grunhidos desumanos. Será que os Seirs haviam capturado seus amigos também? Seu corpo estava enquanto ela tentava controlar sua raiva. Lilith provavelmente estaria dando boas risadas agora. Não era assim que as coisas deviam funcionar.

— Há uma brecha na lei — mentiu Kara. — Eu posso matar você e o farei se não me soltar.

— Ha! Você acha que eu sou estúpido, anjinha? Eu conheço suas leis melhor do que vocês. Eu sei que você não pode tocar em nenhum fio de cabelo meu.

— Você não tem nenhum cabelo.

Ranab se ajoelhou e pressionou suas botas nos dedos de Kara. Seu hálito azedo chegou ao nariz dela como lixo tóxico. Com um movimento de seu pulso, ele apontou uma lâmina da morte para o rosto dela:

— Estive procurando você... Kara Nightingale. Veja, você tem algo de que eu preciso.

— Que sorte a minha! — vociferou Kara, se esforçando ao máximo para evitar o hálito quente que estava mais para resíduos tóxicos do que para um simples bafo de cachorro.

— Há uma recompensa por sua alma. — Ranab sorriu diante da expressão confusa do rosto de Kara. — Ah... então você não sabia, não é? A sua alma vale mais do que mil miseráveis almas angelicais. Ela é a chave para as portas do submundo. Ainda não faz nenhuma ideia do que estou falando, não é? Bem, não importa. A verdade é que nossos irmãos a estão procurando por todo o globo. E você veio logo cair de bandeja nas minhas mãos. Esse deve ser meu dia de sorte.

— A sorte não teve nada a ver com isso. — Kara olhou furiosamente e desejou poder bater nele e tirar aquele sorriso de seu rosto. — Você apenas é tão psicótico quanto a sua senhora. Estou avisando... é melhor me deixar ir.

Ranab baixou suas sobrancelhas:

— Senão o quê? Você vai me fazer cócegas até a morte? Você não vai a lugar nenhum. É o fim da estrada para você, anjo. Acabou; já era. Mas a minha vida está apenas começando. A sua alma me levará a muito além do terceiro plano.

Ele sorriu largamente, revelando as fileiras de dentes manchados de marrons como milho podre. A ponta de sua lâmina roçou contra a bochecha dela, queimando sua carne mortal. Ela piscou, limpando os vapores de seus olhos: — Um Seir precisa de mil almas angelicais para passar ao terceiro plano e entrar pelos portões do submundo. Esperei trinta e sete anos por esta oportunidade. Minha senhora me prometeu um poder inimaginável. Eu serei imortal quando entregar sua alma a ela.

Eu me juntarei a meus irmãos no submundo – e nós banquetearemos das almas dos mortais para sempre.

A raiva crescia no peito de Kara. Mais uma vez, ela era um peão no jogo de Lilith. Não seria melhor se livrar de uma vez dela do que ter um exército de Seirs perseguindo-a em prol daquilo que mais desejam acima de tudo: acesso ao submundo. Kara sabia que seria caçada por onde quer que passasse. Lilith estava tramando algo, e ela precisava de Kara fora de seu caminho.

O calor estimulante de seu poder elemental a percorreu dela como uma dose

de adrenalina, e ela se esforçou para controlá-lo.

Tremendo por causa do veneno em seu corpo, Kara foi de encontro ao olhar de Ranab:

— Você é doente, todos vocês são. Você mataria seu próprio povo inocente pelo poder e pela chance de se tornar um demônio? Isso é odioso e totalmente insano.

As sobrancelhas escuras de Ranab franziram em uma carranca. Ele se aproximou de Kara:

— Eles não são inocentes. Eles destruíram este mundo, atormentados com sua própria ganância. — Ele olhou para a multidão de mortais em combate.

Kara soltou sua mão direita de debaixo da bota dele.

— Não merecem viver — ele continuou. — Olhe à sua volta, anjo.

Ranab levantou os braços. Lamentos e gritos frenéticos enchiam o ar da noite: — Eles são fracos, patéticos. Eles são um vírus que precisamos exterminar, e vamos destruir todos eles.

Kara pegou um punhado de terra com sua mão livre: — O que você fez com as crianças? — Ela estremeceu quando a lâmina da morte entrou mais profundo em suas costas.

Ranab inclinou-se mais para perto e sorriu, para o seu desconforto. O cheiro da podridão escorria dos poros de sua pele:

— Não é da sua conta. — Ele inclinou-se desequilibrado. — Além disso, você vai ser morta em poucos segundos, anjinha; sua alma vai comprar a minha imortalidade. Não há ninguém aqui para salvar você. Sua alma é minha.

— Você é louco. — Kara cuspiu o resto de sujeira de sua boca, ficando feliz com o efeito adicional: seu cuspe acertou o rosto de Ranab. — Na última vez em que conferi, minha alma pertencia a mim; não a um mortal maluco que gosta de brincar de vestir.

Você é pior que os demônios. Você teve uma escolha, e escolheu o lado errado.

Ranab riu e limpou a sujeira do seu rosto com a mão: — Eu gosto de você, você está mal-humorada. Pelo menos deveria agradecer, pois a sua morte significa alguma coisa. Este será um dia glorioso para meus irmãos; a alma da

preciosa Kara Nightingale é a chave para a minha glória. E claro, não podemos nos esquecer das almas dos outros três anjos. Tudo em um só dia de trabalho; isso foi um achado. — seus olhos escuros brilhavam de ansiedade.

Kara cerrou sua mandíbula. A raiva deflagrava dentro dela. Ela não deixaria esse palhaço alimentar-se dela. Faíscas douradas iluminaram a pele dela, e uma torrente de energia quente percorreu seu corpo. Ela teria de ter cuidado. Ela sabia que apenas uma pequena quantidade de seu poder elemental mataria o Seir. Ela tinha de fazer algo.

Kara tentou tirar a mão esquerda de debaixo do pé de Ranab, mas ela não se movia.

— Kara! — Kara ouviu David gritar. Ela ouviu o som de botas nas proximidades. Ela ouviu-o gritar novamente e, em seguida, o som de murros. Ela tinha de ajudar seus amigos.

Ela se contorcia no chão duro, mas era como tentar se mover através do cimento. A lâmina envenenada afundava ainda mais em suas costas. Em breve, esta a consumiria completamente, e Kara morreria. Ela tremeu de raiva. Lutou para manter o foco e se acalmar.

Ela estava pronta.

Ranab ficou diante dela e sorriu. Ela franziu a testa de volta. Ele agarrou um punhado do cabelo de Kara e puxou. Sua cabeça foi puxada com força. Um metal frio encostava em seu pescoço e a respiração quente de Ranab umedecia o rosto dela.

— Diga adeuse, anjinha. . .

— Ainda não.

Kara jogou um punhado de terra nos olhos de Ranab.

Ele gritou e tropeçou para trás. Kara se esforçou para ficar de pé. A lâmina da morte em suas costas rasgava sua carne. Com grande esforço, ela colocou um braço para trás e arrancou a lâmina. Ela cheirava a carne queimada. O cabo da lâmina queimou seus dedos, e ela a jogou fora. Mas o veneno jorrava dentro de seu corpo, como sangue contaminado, faminto por sua alma. Seu traje M-5 estava enfraquecendo. Ele não duraria muito tempo.

— Farei você pagar por isso. — Ranab esfregou os olhos vermelhos com a

palma da sua mão. — Você vai morrer! — com um salto gigante, ele investiu contra ela com sua lâmina da morte.

Com velocidade de relâmpago, Kara se abaixou, girou e chutou Ranab na canela. Ele cambaleou e caiu de joelhos. Ele, praguejando, olhou furiosamente para Kara.

Kara sorriu:

— Parece que, afinal, não morri. — sem um segundo a perder, ela saiu em direção ao portão. Ela usou tudo o que restava do seu traje M-5, sentindo a energia ser drenada a cada passo.

Ela podia ver Peter e Jenny atrás do muro externo do portão. Seus rostos petrificados estavam fixos na horrível batalha. Jenny chamou a atenção de Kara e acenou impaciente com a mão.

David não estava à vista.

Gemidos terríveis e um cheiro da morte enchiam o ar à volta deles como um pesadelo que sempre se repete. O chão frio de pedra e a escuridão do tártaro eram um hotel cinco estrelas em comparação a isso. Lilith era como a peste negra, derrubando inocentes por onde passava. Era hora de pôr um fim a isso.

Uma dor aguda acertou seu braço.

Kara cambaleou e virou-se. Um brilho prateado reluziu da lâmina de uma faca. Mesmo com seus reflexos comprometidos, ela bloqueou o golpe seguinte a centímetro de seus olhos e chutou no estômago quem a agredira, pulando para trás.

O agressor era uma moça loira e baixinha da idade de Kara. Seus olhos estavam cheios de loucura, e ela rosnou para Kara como um cão selvagem. O rosto outrora bonito estava distorcido pelo ódio. Seus dedos sujos eram como garras, e o sangue escorria de seu nariz. A camisa branca estava rasgada e manchada com terra e sangue; suas calças estavam irreconhecíveis sob camadas de sujeira. Com um grunhido selvagem, ela avançou em Kara com uma faca de cozinha.

Kara evitou o ataque e derrubou a menina com um golpe no ombro. A garota caiu e rolou no chão. Ela olhou para Kara. Seu cabelo molhado colado no rosto a fazia parecer ainda mais selvagem. Uma mistura de tristeza e raiva jorrava dentro de Kara. Era deveria proteger os mortais. Essa garota provavelmente

estaria estudando ou falando ao telefone com as amigas quando Lilith lançou seu feitiço. Kara se via nessa garota.

A menina gritou como uma banshee em um acesso selvagem de raiva e atirou-se em Kara novamente, cortando o ar da noite com suas unhas e a faca.

Kara pulou para trás:

— Por favor, pare. Não faça isso.

Ela estudou o rosto da garota em busca de uma pontinha que fosse de sanidade, mas não havia nada lá, exceto olhos selvagens de loucura. Lilith a havia transformado em um zumbi?

A garota veio com a faca em direção à garganta de Kara. Ela pegou a mão da menina facilmente, tomou a faca e prendeu os braços dela. A garota uivava e se debatia contra Kara. Cabeças se viraram em sua direção. Homens e mulheres grunhiam com raiva enquanto se afastavam da turba assassina e cambaleavam até ela. Com suas bocas espumando, eles atacaram novamente.

A jovem tentou morder Kara, chegando a centímetros do rosto dela. Kara virou o rosto para trás na hora:

— Sério? Eu não tenho tempo para isso.

A multidão se aproximou. A garota chutava e gritava violentamente contra Kara.

De canto de olho, Kara viu alguns casacos pretos de relance. Dois enormes Seirs investiram contra ela, como dois touros negros gigantes, bloqueou seu caminho até o portão. A situação ia piorando a cada segundo.

A massa de mortais estava em cima dela. Seus olhos enlouquecidos brilhavam de ódio e eles mostravam os dentes prontos a atacar.

Zum! Uma lâmina da morte voou no ar. . .

Kara evitou a lâmina e jogou a menina na direção dos Seirs.

Instantaneamente, a multidão seguiu a garota e se voltou aos Seirs. Os Seirs começaram a atacar os mortais selvagens. Uivos ecoavam por todo o pátio. Os cabelos de Kara estavam arrepiados com o som da batalha. Os Seirs cortavam a multidão com suas lâminas feito carniceiros. Mas a multidão continuava a vir. A jovem loira agarrou um dos Seirs, e ambos caíram. Os Seirs desapareceram em meio aos mortais.

— Kara, rápido, vamos! — o cabelo roxo de Jenny destacou-se na escuridão sombria do pátio e quase fez Kara sorrir. — Nós vamos fechar o portão e trancar todos. Todo mundo está lá fora. Só falta você. Vem!

Jenny se virou e correu de volta para o portão. Kara correu logo atrás. Gritos frenéticos e o som de combate estava cada vez mais distante. O portão surgiu mais à frente, e Kara podia ver sombras movendo-se do lado de fora. Elas estavam quase lá.

Então, algo brilhante iluminou a escuridão por um momento e sumiu.

Kara hesitou.

Jenny parou e virou-se:

— Kara, o que está fazendo? Temos de ir. Nós seremos mortas se ficarmos mais tempo. Isso é loucura! — Ela puxou o braço de Kara.

Kara suavemente tirou os dedos da amiga de seu braço: — Há uma coisa que eu preciso fazer primeiro. Feche o portão se eu não voltar em sessenta segundos.

— Kara! Não!

Kara virou-se e correu de volta para a multidão enfurecida.

Ao partir ignorando as súplicas de Jenny, um feitiço repentino de tontura jorrou por seu corpo. Suas pernas ficaram bambas e ela caiu de joelhos. Braços se estenderam e uma mão a agarrou. Uma bengala vasculhava o chão, e algo duro bateu em sua cabeça.

Um garfo perfurou sua coxa bem quando uma dor atingiu suas costas. Mãos ásperas puxaram sua jaqueta e prenderam seus braços nas costas. Com uma onda de força, ela agitou os braços para se soltar, apenas para receber vários chutes no estômago vindos de grandes botas. Seu rosto raspou no chão. O cheiro de terra encheu seu nariz. Rostos distorcidos permeavam sua visão. Seus gritos eram abafados pelos gemidos dos mortais enlouquecidos. Mãos ásperas tateavam seus braços e pernas. Eles puxavam com uma força enorme. Eles acabariam com ela. Lilith tinha razão. Ela morreria nas mãos daqueles que tanto jurou proteger.

Kara fechou os olhos.

Com uma explosão de luz dourada, o corpo de Kara ficou em chamas. Os mortais grunhiram e recuaram, mortos de medo.

Brilhando como um sol, Kara procurou os mortais enlouquecidos por todo o

lado...

Ela viu Ranab e cinco esferas brancas brilhantes saltando da rede sobre seus ombros.

As almas eram sua prioridade. Se ela não pudesse salvar os mortais, então que pelo menos pudesse salvar suas almas.

Kara atravessou o pátio. Ela não mais sentia o veneno da lâmina da morte; ela sentia-se livre. Ela se desviou dos homens e mulheres que fugiam como ratos de seu corpo dourado.

Ranab estava furiosamente com o bando de mortais selvagens que o estavam atacando por todos os lados.

Kara estendeu a mão para a rede.

Ranab abriu a boca e arregalou os olhos diante de Kara.

— Obrigada, mas vou levar isto. — Em um segundo, Kara agarrou a rede, virou-se e disparou em direção ao portão.

Ranab abriu caminho através de um bando de mortais. Seu casaco preto comprido esvoaçava atrás dele como uma onda negra. Ele levantou sua espada e gritou.

— Você é meu, anjo. Não a deixem escapar! Peguem-na! Eu quero aquela alma!

Kara fugiu em direção ao portão, com as almas levadas suavemente em suas costas.

Ranab pulou na frente dela, brandindo sua lâmina. Um sorriso perverso se espalhou sobre seu rosto branco:

— Você não vai a lugar nenhum. A sua alma é minha! — com um sinistro brilho no olhar, ele deu um poderoso golpe em direção à cabeça de Kara. Ela se defendeu, agarrou-o pelo casaco, levantou-o do chão e o chutou com força no joelho. Ele cambaleou e caiu como uma pedra.

Kara já estava em movimento.

Ranab jogou o casaco no chão:

— Detenham-na! Eu quero aquela alma! Não a deixem escapar, seus tolos!

Kara pulou sobre os Seirs que se aproximavam e atacou em direção ao portão.

David estava no interior da entrada principal. Uma grande grade de metal pendia perigosamente acima dele. Correntes de metal desciam da ponte levadiça e podiam ser puxadas por uma manivela que se encontrava na parede interna do pátio a pouco mais de um metro de altura. David segurava a manivela de metal e esperava.

— Kara, eles estão bem atrás de você. No chão! — gritou David.

Kara aumentou a velocidade. Suas botas encostavam no chão como se ela estivesse flutuando no ar. Uns poucos passos a mais e ela estaria do lado de fora.

Aplicando todo o seu peso, David girou a manivela com toda a sua força. As correntes de metal começaram a ser puxadas. Um grito ensurdecedor ecoou em torno do pátio. O

chão tremeu como se o antigo castelo de repente tivesse acordado de um longo sono.

As pontas negras de metal do portão já se projetavam no alto.

Kara voou para os braços dos amigos que a esperavam, pousou de barriga como os jogadores de futebol às vezes costumam fazer para comemorar um gol.

Com um estrondo ensurdecedor, o portão se fechou.

Kara cuspiu a terra de sua boca e sorriu.

Capítulo 5

Golpe de Estado

Kara caminha na calçada atrás de David, Jenny e Peter. Homens e mulheres andavam apressados bebendo café em copos de isopor com uma mão enquanto falavam no celular com a outra e corriam para seus trabalhos diários. Ela estava cercada por risos e conversas felizes. Ela estudava os rostos deles. Eles eram normais. Ela não podia ver vestígios de raiva. Lilith não tinha mudado ninguém dali ainda.

Edifícios de vidro e metal cobriam ambos os lados da rua. Um bando de pombos voava pelo céu azul, evitando facilmente os edifícios, como jatinhos em miniatura. Os carros andavam devagar. A fumaça dos escapamentos enchia o ar enquanto alguns motoristas estressados buzinavam e abaixavam suas janelas para praguejar. Um ônibus urbano branco e vermelho parou no ponto. Os dizeres Toronto, Centro brilhavam no letreiro amarelo na frente do ônibus. Suas portas se abriram, e um grupo de crianças excessivamente animadas desceu na calçada. Os monitores vieram logo atrás. Eles subiam e desciam a rua, fazendo o melhor possível para manter todos agrupados, enquanto algumas crianças riam e escapavam facilmente.

Um arrepio percorreu a espinha de Kara quando ela se lembrou da loucura nos olhos dos mortais no Castelo de Dirleton. Lilith os havia transformado em bestas. Kara não queria pensar no que aconteceria a essas crianças se Lilith também fizesse o mesmo a elas.

As crianças... as crianças Sensitivas... não estavam no castelo. De certa forma, Kara estava feliz por elas não estarem nas masmorras do castelo e por não terem ficado selvagens como o resto dos mortais. Mas isso a deixava com mais perguntas. Se elas não estavam lá, onde estariam? E o que Lilith havia feito com elas?

— Então, há uma recompensa por sua alma? — disse David, forçando Kara a sair de seu devaneio. Seus olhos azuis brilhavam com preocupação. — Isso é péssimo.

Kara deu de ombros e desviou de uma lata de lixo azul: — Lilith está

tramando algo, posso sentir. Ela me quer fora do caminho por algum motivo, e eu tenho de descobrir o que é.

David olhou para trás e abaixou a voz, sussurrando: — Isso é ruim, Kara. Isso significa que cada maldito Seir do mundo está procurando por você. E não podemos nem revidar... nós não podemos nem ao menos mexer com eles um pouco. É realmente uma droga.

Kara balançou a cabeça e tentou esconder a frustração em sua voz: — Eu sei. Queria que houvesse uma maneira de nos defender deles de alguma forma.

— Mas não há. Deus sabe que eu adoraria dar cabo de alguns Seirs — David deu um soco na palma de sua mão — No mano a mano para ver o que acontece. Mas agora nós precisamos de cuidado redobrado daqui para frente.

Um grupo de adolescentes passou por eles. Todos os cinco pares de olhos estavam colados em David. Uma morena alta e bonita com a pele bronzeada e muita maquiagem piscou e sorriu para ele. Kara se inflamou de raiva. A garota a ignorara completamente.

Era como se ela fosse invisível. As garotas piscaram para David, dando risadinhas, uma após a outra, antes de se afastarem.

David passou os dedos pelo cabelo e seguiu seu caminho com o passo empolado e um sorriso satisfeito no rosto.

— Ai! — David esfregou o braço. — Você me deu um soco — ele riu. — Adoro quando você é enérgica. — ele sorriu e examinou atentamente o rosto de Kara. — Eu sabia. Você está com ciúmes.

— Não, não estou. — Kara desviou o olhar. — Você está delirando.

— Você me ama. Admita.

— Você está louco.

— Você me aaaaaama. — David começou a dançar. Ele notou olhar de Kara e seu sorriso desapareceu. Coibido, ele desviou o olhar rapidamente e continuou andando.

O rosto de Kara se iluminou, e ela pressionou os lábios com força para não rir.

Jenny se virou e compartilhou um olhar com Kara. Rindo, ela virou a Peter: — Quanto ainda falta para chegarmos a Queen Street, número 1185?

Peter segurava uma engenhoca retangular de metal com fios soltos perto de seu rosto e examinava os minúsculos bulbos vermelhos. Depois de um tempo, ele respondeu: — Não muito. Deve ser logo após o próximo quarteirão.

— Alguém sabe do que se trata essa reunião urgente? — Jenny estudava o grupo ansiosamente. — Eu odeio não saber aonde estamos indo ou por que estamos indo.

Quem me dera que a Legião nos desse mais informações. — Ela olhou por cima do ombro e viu uma velha mulher asiática organizando pilhas de roupas nas mesas na frente de uma loja.

Kara se sentia ansiosa enquanto estudava o rosto de Jenny. Ela sabia que Jenny estava no limite, e não a culpava. Jenny havia mudado desde que ela voltara do submundo. Kara várias vezes tentou descobrir o que havia acontecido. Mas Jenny fechava a boca e ia embora. O que quer que tivesse acontecido com Jenny teria sido terrível. Kara cravou as unhas nas palmas das mãos. A vingança seria doce.

— Não sabemos o que está esperando por nós — continuou Jenny, com mais premência na voz. Ela coçou seu cabelo roxo espetado. — Pode haver um monte de Seirs.

Você se lembra do que aconteceu da última vez em que fomos à procura de crianças desaparecidas.

— Sim. Quase fomos espancados por nossos mais queridos fãs. — David se esquivou de uma criança em um skate e quase caiu. Ele balançou o punho com raiva para ela e praguejou.

Kara esperou David se recompor e deu um sorriso reconfortante a Jenny: — Não se preocupe, essa não é a mesma coisa. Nós vamos nos encontrar com Santo.

Peter parou de repente, e Kara teve de pular para os lados para evitar colidir com ele.

Com a boca aberta, ele ficou olhando para uma grande vitrine. Havia um letreiro vermelho acima de sua cabeça dizendo: Loja Tecnológica, Apresentando Roupas e Mercadorias Geek Para os Mais Talentosos Nerds . Ela quase podia ver a baba se formando nos lábios dele enquanto ele olhava para as centenas de gadgets em exibição.

Ela pôs seu indicador no queixo caído dele, colocando-o suavemente no lugar.

— Vamos, nerdzinho, temos uma reunião a qual comparecer. — Kara pegou Peter pelo braço e o puxou. Um casal de meia idade na calçada apontou para Kara e, então, virou-se como se estivesse falando sobre ela.

— Pelo que Ariel me disse depois da reunião — disse Kara, mantendo seus olhos em Peter — Nós vamos nos encontrar em um apartamento. Santo e alguns outros Sensitivos estão esperando por nós. Mas não sabemos os detalhes.

— Não gosto disso. Todo esse segredo... — disse David, abaixando os olhos. — Se me perguntassem, eu diria que algo me cheira mal.

Kara cuidadosamente passou por cima de uma bebida laranja e gosmenta derramada no chão:

— Eu concordo, mas não temos escolha. Os Sensitivos estão em má forma. Nós temos de ajudá-los a encontrar as crianças desaparecidas.

— Poderia ser outra armadilha — disse David.

— Talvez sim, talvez não. Esse é um risco que temos de correr.

Um jovem esguio em roupas largar chamou a atenção de Kara. A expressão carrancuda dela e surpreendeu. Ela desviou o olhar e se observou no reflexo de uma vitrine. Ela parecia bem, mas uma sensação de medo vagava em sua mente como um mosquito irritante. Quando tentava suprimir a sensação, ele se viu sendo observada por David.

— O que Ariel disse sobre o que aconteceu com as pessoas da vila? — perguntou David.

Kara deu de ombros:

— Ela disse que falaria com o conselho. Ela não sabe como Lilith foi capaz de controlar os mortais daquele jeito. Você devia ter visto a cara dela; ela parecia completamente aterrorizada.

— Um arcanjo atemorizado não é um bom sinal. Ela disse mais alguma coisa?

Kara esfregou a testa:

— Não. Mas eu podia sentir que havia algo que ela não estava me dizendo.

— Como o quê? — mais garotas passaram por eles, mas David mantinha seus olhos cuidadosamente em Kara.

Kara balançou a cabeça suavemente:

— Não sei... algo a ver com o que Lilith fez com esses pobres mortais. Acho que é uma arma.

David franziu a testa:

— Uma arma?

— Sim. Eu vi algo nas mãos dela no castelo. Um objeto semelhante a uma pequena pirâmide azul.

Outro casal com cabelo branco e bengalas olhou e apontou seus dedos ossudos para ela ao passar.

Kara franziu a testa e baixou a voz:

— David, estou alucinando ou os mortais estão me encarando?

— Oh – Meu - Deus. — Jenny parou de repente e apontou para os prédios do outro lado da rua.

Um outdoor de três metros, semelhante a uma tela gigante de cinema, estava em cima de um telhado, com um rosto enorme de Kara olhando de volta para ela. Então, as telas dos edifícios vizinhos começaram a mostrar mais fotos do rosto de Kara. As fachadas dos edifícios estavam cobertas com papeis de parede com fotos de Kara.

— Kara? Mas o que... — David inclinou-se com uma expressão confusa em seu rosto.

Franzindo a testa, ele olhou para as imagens por um momento e, então, olhou de volta para Kara interrogativamente. — Você viu isso? Você está enorme! — gritou David.

— Ótimo, obrigada. — Kara olhou por sobre o ombro.

Mortais a olhavam com suspeita de todos os lados. Dedos apontavam. Sussurros de seu nome chegavam a seus ouvidos. Ela abaixou a cabeça e tentou esconder o rosto atrás da franja. Calmamente, ela foi para trás de David. Com os olhos colados no cartaz, ela se esforçou para ouvir ruídos repentinos ou ver qualquer movimento incomum no meio da multidão. Ela tinha de estar pronta

para qualquer coisa.

Kara ficou paralisada. Ela olhou para a versão gigante de si mesma no telão. Aquela era a coisa mais estranha de todas, e a assustava. Então, um texto apareceu de repente em uma das telas de plasma.

MAIS PROCURADOS PELO FBI.

Jovem mulher branca é procurada por suspeita de bioterrorismo.

Envolvida em um ataque terrorista anterior e na morte de um policial francês no ano passado, esta jovem mulher está ligada ao uso de agentes infecciosos na população humana.

O Centro de Controle Epidêmico emitiu um alerta de epidemia global.

Se você já viu essa mulher, por favor, contate as autoridades locais.

Kara praguejou.

As telas piscaram e o rosto de Kara desapareceu. Um feed de notícias online apareceu. Uma mulher com cabelo vermelho curto e um colar de pérolas em volta do pescoço olhava para a câmera. Ela dobrou as mãos sobre a mesa diante dela com uma expressão séria. Todo mundo na calçada parou para escutar: — Boa noite — a voz dela ecoou em todas as telas. — Nós interrompemos seu programa local neste momento para trazer este boletim especial. O Centro de Controle Epidemiológico emitiu um alerta global sobre um novo vírus que infectou 200 cidades em todo o globo.

Kara ouviu um suspiro atrás dela. O que estava acontecendo?

— O vírus — continuou a locutora — é infeccioso e afeta o cérebro. Uma vez infectadas, as pessoas se tornam extremamente agressivas e perdem todo o senso de realidade. As mães estão matando seus próprios filhos e as crianças estão matando seus próprios pais.

A imagem da locutora desapareceu e foi substituída por uma seleção de imagens de vídeo dos mortais matando uns aos outros nas ruas. Cidades estavam em chamas.

Homens e mulheres caíam mortos. Gemidos de raiva saíam das telas e ecoavam pelas ruas. Os infectados atiravam-se uns nos outros como animais selvagens, com seus olhos revirados.

Kara desviou o olhar. Estava acontecendo mais rápido do que ela esperava.

Lilith estava causando um alvoroço. Naquele ritmo, toda a raça humana poderia estar infectada em poucos dias.

— O Centro de Controle Epidemiológico o comparou ao vírus da raiva animal — Kara ouviu a locutora dizer. Ela levantou a cabeça e tornou a olhar para a tela. — O vírus possui uma agressiva natureza assassina. O centro nos disse que não há nenhum antidoto ainda.

A locutora engoliu a seco e embaralhou umas folhas de papel na mesa antes de continuar:

— O Centro de Controle Epidemiológico não sabe ao certo se o vírus é transmitido através do contato físico ou pelo ar. Todos devem permanecer dentro de casa. Fiquem em suas casas. Fiquem a salvo.

A imagem piscou e saiu.

Capítulo 6

Procurada

O rosto gigantesco de Kara apareceu nas telas novamente.

David se virou:

— Mas que droga! E eu pensei que as coisas não poderiam ficar pior. Como passaremos despercebidos se um rosto gigantesco de Kara está em toda parte?

Jenny se aproximou mais do grupo:

— Não entendi. Como os mortais conseguiu uma foto sua? E por que a estão culpando por isso. Isso é loucura.

Algo chamou a atenção de Kara do outro lado da rua. Um rosto branco se destacou em meio à multidão. Um casaco de couro preto passava de raspão no chão a cada passo enquanto ombros fortes balançava para frente e para trás. Mesmo de longe ela conseguia reconhecer a voracidade naqueles olhos.

— Não é loucura. Os Seirs fizeram isso. Olhem! — Kara tombou a cabeça para o lado oposto da rua; os outros seguiram o olhar dela.

— Acho que é hora de acabar com a palhaçada. — David pôs a mão dentro de sua jaqueta, mas Kara o segurou.

Ela balançou a cabeça e pressionou o braço dele suavemente: — Aqui não. É perigoso demais, e também há muitos mortais.

— Olhem! Tem mais um logo ali. — Jenny fez um gesto para a esquerda — Bem ao lado da Loja de Doces do Bobby.

Um Seir recortou-se na frente da loja. Ele sorriu perversamente, descruzou os braços e acenou para eles.

David franziu a testa:

— Não podemos deixá-los se safarem dessa! Primeiro, a recompensa pela sua alma e agora isso. É hora dessa gente ter uma lição!

Peter olhou em volta nervosamente:

— David, abaixe a voz.

Um grupo de homens e mulheres apontava na direção deles: — Olhem! É ela! Essa é a menina que anda infectando todo mundo. — uma senhora mais idosa parecia estar prestes a desmaiar.

— Oh, droga! Isso não é bom — sussurrou David, com seus olhos arregalados.

Kara puxou Peter e David para si e abaixou a voz: — Vamos começar a andar lentamente. Finjam não ter ouvido ninguém. Talvez eles possam ir embora e se esqueçam de nós. Vamos, Jenny, vamos lá.

Com Kara espremida no meio, os quatro percorreram a rua ensanduichados. A situação deles havia ido de mal a pior em questão de minutos.

Kara espiou por cima do ombro de Jenny e ficou tensa. Olhos acusadores a observavam de toda parte. Ela procurou os Seirs, mas eles deram um jeito de desaparecer na multidão. Típico.

A rua tornou-se estranhamente silenciosa. Ela podia ouvir o som dos passos deles.

Carros estavam estacionados na rua, com os motores desligados. O silêncio no ar a assustava... aquilo não era normal. Por que os mortais estavam tão silenciosos? Ela levantou a cabeça e olhou para o outro lado da rua.

— É ela! Lá está ela. Peguem-na!

De repente, homens e mulheres atravessaram a rua atrás deles. Com as mãos em punho, eles gritavam. Até mesmo os idosos os ameaçavam com suas bengalas na rua.

Seus olhos úmidos transmitiam desprezo.

Kara virou-se para os outros:

— Corram!

Os anjos dobraram a rua. O grita de raiva dos mortais ecoava em seus ouvidos. Ela era uma terrorista para eles, uma assassina. O que quer que os Seirs e Lilith haviam planejado, haveria tempo para descobrir tudo isso mais tarde. Eles deixam seus trajes M-5 aumentarem sua velocidade até ficarem a uma distância segura dos mortais, diminuindo o passo, depois, para um ritmo de corrida.

— Mas gente, e o Santo? Ele está nos esperando — gritou Peter. Ele quase

tropeçou em uma rachadura da calçada.

Kara o estabilizou enquanto corriam:

— Nós o encontraremos mais tarde. Tenho certeza de que ele vai entender, depois que ver meu rosto em todos os noticiários. Talvez ele até já saiba.

Um utilitário preto apareceu na rua.

Ele saiu atropelando latas de lixo de metal e bancos na calçada enquanto investia contra eles. Eles saltaram do caminho na hora certa. O utilitário deu ré e virou com os pneus cantando, ficando com cheiro de borracha queimada. Kara piscou em meio à fumaça do escapamento. Uma porta se abriu, e quatro Seirs saltaram do utilitário, com lâminas da morte reluzindo em suas mãos. O kohl preto que delineava os olhos deles os transformavam em horrorosos palhaços mascarados.

O maior mortal que Kara já havia visto deu um enorme passo em direção a ela. Seu imenso corpo elevava-se facilmente sobre os outros Seirs, fazendo-os parecer crianças em vez de homens adultos. Ela nunca havia imaginado que os seres humanos pudessem ser tão grandes quanto os arcanjos.

O rosto pálido do gigante era oblongo e distorcido, como se o alguém tivesse acertado com uma pá e sua pele e músculos tivessem ficado daquele jeito. Ele franziu suas sobrancelhas brancas com caspa, abaixou sua enorme cabeça e virou-a lentamente para ambos os lados, como um tiranossauro examinando sua presa. Kara viu seu reflexo naqueles olhos azuis sombrios. Ele lhe dava arrepios.

— Sua alma é minha, anjo — disse o gigante, com uma voz gutural que soou mais animalesca do que humana. Ele apontou um grande dedo gordo para ela. — Eu vou rasgar você com minhas próprias mãos e devorá-la. — Ele fez um movimento com as mãos, como se torcesse algo, pouco antes de seu rosto se abrir em um sorriso feio.

Kara chamou David, que estava do outro lado do utilitário: — Vá embora. Leve Jenny e Peter daqui. É a mim que eles querem. — Kara empurrou Peter para trás dela.

— O quê? E deixá-la aqui com toda a diversão? — gritou David. Ele balançou a cabeça e riu. — Acho que não. Esperei muito tempo por isso.

— Sua alma é minha! — repetiu o Seir gigante. Ele ignorou completamente os comentários de David, e Kara se perguntou se ele era um pouco surdo.

— Esse não é o mais brilhante dos gigante, não é? — Kara continuou a empurrar Peter para suas costas com a mão e abaixou a voz. — Peter, prepare-se para correr... quando eu digo corre. — Ele sussurrou em resposta, e ela pressionou suas mãos para tranquilizá-

lo.

— Minha! — o gigante atirou-se com as mãos em direção à garganta de Kara.

— Corre!

Com um grande salto, Kara se desviou para o lado, evitando o ataque daquele homenzarrão. Seus dedos gordos passaram de raspão no topo de sua cabeça e arrancaram uns fios de cabelo de Kara no processo. Ela soltou um grito. A terra tremeu sob seus pés, como o tremor de um terremoto. Kara sentiu a presença dele atrás de si e rolou para o chão, a tempo de evitar mais um golpe na cabeça vindo daquele punho gigante. Ela se virou. Os outros três Seirs formavam um círculo à sua volta. O gigante deu um passo à frente e fechou o círculo.

Seus olhos doentios desejavam Kara. Seus dedos inchados se contorciam e seus lábios gordos se moviam, mas ela não conseguia ouvir o que ele estava dizendo. Uma baba escorria dos cantos de sua boca. Ela queria vomitar.

Os olhos dela se encontraram com os de Peter através de uma greta entre dois Seirs, e ela deu-lhe um sorriso tranquilizador. Ela não podia ver David.

Com seus rostos distorcidos pelo apetite, os Seirs brandiam suas lâminas da morte em suas mãos, rindo horrivelmente e provocando Kara para que atacasse. Ela podia ver neles os demônios que um dia viriam a ser.

Apesar dos risos doentios, ela ouviu o barulho de centenas de mortais vindo em sua direção. Em breve, eles iriam alcançá-los. Ela tinha de encontrar uma maneira de sair sem ferir nenhum dos mortais. Mas não havia mais para onde ir. Ela estava presa.

— Ei, cara de peido, aqui! Sim, é isso mesmo o que você ouviu, seu ogro tamanho família. — David saltou no capô do carro. Ele piscou para Kara e depois saltou para o meio do círculo de Seirs. Ele pousou em uma nuvem de poeira ao lado de Kara.

— Você está louco? — bravejou Kara.

— Talvez um pouco. — David sorriu travessamente. — Não há nada que não faça por amor, baby.

Kara queria bater nele:

— Está decidido. Você está totalmente louco.

David estudou o gigante e fez uma careta: — O que diabos tinha na sua mamadeira? Você é monstruoso, sua grande besta — ele riu. — Não me diga que essa é uma barriga de cerveja gigante?

O gigante não aceitou isso muito bem. Ele atacou David com uma velocidade incrível.

Seus braços musculosos se estenderam para pegar a cabeça de David. David se defendeu, mas o gigante era muito rápido, e o sorriso de David evaporou quando o gigante o prendeu em seus braços musculosos.

Kara não sabia se parava ou se andava. Os outros três Seirs avançavam cautelosamente em direção a ela. Sorrindo, eles observavam o gigante, como se estivessem esperando David morrer antes de cuidaram de Kara. Ela tinha de chegar até David.

O gigante grunhiu e espremido David. Ossos estalaram. Sua pele se rasgou. Um sorriso perverso distorcia a cara do gigante. A pele de David afinava sob a pressão. Sua essência angelical começava a vazar por seus poros como água em um coador. Seu traje M-5 se rasgava e dissolvia como papel toalha embebido em água. O gigante ia matá-lo.

— Vamos lá, garotão. Isso é tudo o que você sabe fazer? — resmungou David; seu rosto empalideceu enquanto era espremido pelo homem.

Kara avançou, ignorando o aviso de sua mente enquanto o calor do seu poder ardia dentro dela.

O gigante riu e esmagou o corpo de David mais furiosamente.

David se esforçou para se inclinar. . . e o beijou na boca.

O gigante recuou, e David caiu no chão. O Seir gigante cuspia repetidamente, em estado de choque, e limpava a boca com as costas da mão.

David ficou de pé e chutou o gigante no joelho. O gigante gritou, e David passou por entre as pernas dele, reapareceu ao lado de Kara, rindo.

— Você é completamente louco, você sabe disso. — Kara não conseguia esconder o sorriso no rosto. — Ele podia tê-lo matado.

O sorriso de David se alargou, e ele piscou: — Nah... Eu acho que ele bem gosta de mim. Uhum.

O restante dos Seirs veio até eles agitando suas lâminas furiosamente.

— Vamos lá. — Kara pulou para o utilitário. David seguiu logo atrás.

Ela correu até o capô e subiu no teto do veículo. O utilitário balançou com seu peso, e Kara tentou manter o seu equilíbrio.

Atrás deles, grunhidos de raiva enchiam o ar enquanto mortais se espalham pela rua em todas as direções. Uma lâmina da morte passou de raspão no braço dela, cortando sua carne mortal. Ignorando sua dor aguda, Kara saltou até Peter e Jenny. Ela jogou as mãos no ar:

— Vai. Vai. VAI!

Sem tempo a perder, Peter e Jenny dobraram a rua, na direção oposta dos mortais.

— David, vamos... — Kara esperava vê-lo a seu lado.

Os Seirs haviam circundado o utilitário como um bando de hienas indo para a matança. David estava no telhado do carro.

— David! — Kara se esquivou de outra lâmina da morte. Esta passou por sua cabeça e caiu na janela traseira de um carro estacionado. Dois Seirs saíram do grupo e foram até Kara. — David, vamos!

— Estou indo, meu bem. — David se escondeu de um golpe e chutou um Seir no estômago. Ele caiu em cima de outros dois, no outro lado do utilitário. David saltou do carro e pousou ao lado de Kara, radiante.

Kara revirou os olhos e o agarrou pela camisa: — Vamos, seu idiota.

Sorrindo, David seguiu Kara quando ela disparou pela rua. Em poucos segundos, eles alcançaram Jenny e Peter.

— Aonde estamos indo? — gritou Peter, segurando seus óculos enquanto corria.

— Não tenho a mínima ideia. Continuem correndo. — Ela sabia que não podiam continuar correndo assim. Eventualmente, seus trajes mortais iriam

deteriorar-se, e, então, eles seriam alvos fáceis.

Outro grupo de mortais apareceu à sua frente. Eles tiveram de parar. Atrás de Kara, centenas de mortais bloqueavam o caminho. Os Seirs corriam na frente do grupo com o gigante na liderança, correndo como um touro enfurecido.

David parou:

— Estamos ferrados.

Um Ford 1940 surgiu em meio à multidão. Os mortais saltavam do caminho enquanto ele cortava a rua. Com pneus cantando, ele virou e parou aos pés de Kara. As portas se abriram.

— Rápido, entrem aqui. — Santo sentava-se ao volante e fazia um gesto com a mão, com impaciência.

Sem hesitar, Kara e os outros entraram no banco de trás.

Santo pisou fundo no acelerador e, com um barulho ensurdecedor, o carro acelerou e desapareceu no fim da rua.

Capítulo 7

O Ancião Otis

Santo havia fundido o motor e dito que eles fariam o resto da viagem a pé. Ele estava muito quieto enquanto dirigia. O único fragmento de informação que ele havia dado era que a casa no centro de Toronto foi comprometida, e que ele estava levando-os para outro lugar. Sua relutância em dar mais informações deixou Kara inquieta.

Santo liderou o caminho pela sinuosa estrada de cascalho. Kara e os outros seguiam atrás dele. Passarinhos balançavam felizes de árvore em árvore, e Kara se perguntou se eles estavam anunciando a chegada de anjos em sua floresta. Uma leve chuva caia através dos ramos das árvores de trinta pés de altura, e os arbustos de framboesa selvagem forravam a estrada de ambos os lados. Kara amava torta de framboesa, especialmente a da sua avó. Ela daria tudo para sentir aquele sabor em sua língua mais uma vez.

O cheiro de terra e pinho enchia seu nariz quando a grama alta balançava para frente e para trás na brisa suave. Kara estava feliz por estar fora da cidade, com seus ruídos turbulentos e ar poluído.

Os mosquitos zumbiam em torno das orelhas de Jenny à procura de sangue. Ela praguejou e deu um tapa no próprio rosto. Por algum motivo, os insetos apreciavam a essência dela, mas não a dos outros.

Até mesmo Santo parecia imune aos insetos. Ele caminhava à frente deles propositadamente; seu rosto era uma carranca apertada. Kara o observava enquanto ele explorava o lugar, com a mão em torno do punho da espada o tempo todo. O terno e o chapéu fedora pareciam deslocados na mata, mas ele avançava facilmente, como se tivesse passado por ali várias vezes. Ela percebeu que suas botas não faziam nenhum som quando raspavam nas pedras no caminho. Seus passos deslizavam sobre o cascalho, sem realmente tocar nele ou fazer barulho. Ela se perguntava onde ele cresceu. Santo de fato era um grande mistério.

Após meia hora de caminhada, a estrada se desviou para a direita, mas santo continuou em linha reta e adentrou a mata. David e Kara compartilharam um

olhar e o seguiram rapidamente. Dentro de instantes, a parede de árvores acabou, e um céu iluminado e cinzento os encarou. Era como se as portas gigantes estivessem abertas. A escuridão se erguia da floresta, e Kara sentiu seu humor melhorar.

Havia uma única cabana em uma pequena elevação. Escondida entre as árvores altas, era a única construção em milhas de distância. No meio do nada, ela parecia fora do lugar. Havia uma varanda ao redor da cabana, que estava repleta de cadeiras feitas à mão e vasos de flores quebrados. Haviam cortinas listradas de vermelho e azul nas janelas. O cheiro de cebola e repolho fez Kara se lembrar da casa da avó dela. As semelhanças a deixaram tensa.

Santo correu para a varanda da frente. Tiras de tinta vermelha descascada saiam da porta da frente. Folhas secas deslizavam ao redor da varanda em pequenos redemoinhos.

O assoalho rangia sob seu peso e soava como a música assustadora de um velho órgão.

Kara subiu a escada dois passos de cada vez.

— Santo, o que estamos fazendo aqui? Você não falou muito depois que saiu do carro — Ela manteve a voz baixa e tentou esconder a ansiedade. Santo havia salvado Kara e os outros muitas vezes, mas seu silêncio e o fato dele esconder coisas dela a deixava nervosa.

— Você está aqui para conhecer o Ancião Otis — disse Santo casualmente.

Kara parecia confusa.

Ele explicou.

— Existem anciãos entre os sensitivos, os mais sábios e velhos dos nossos membros.

Os anciãos lideram nossos grupos e criam nossas leis. Nosso mundo é dividido em sete distritos, e cada distrito é governado por um ancião.

Kara ponderou esta nova informação. Por ser um pouco novata nessa coisa de anjo da guarda, ela não era tão bem educada em termos de sobrenatural quanto seus companheiros. Suas expressões tranquilas diziam que eles já sabiam. Ela se sentiu um pouco irritada.

— Eu não sabia. — Os olhos de Kara seguiram a cicatriz profunda no rosto

de Santo.

Ele desviou o olhar, envergonhado. — Então... o que ele quer com a gente? — Ela deixou escapar, na esperança de desviar a atenção daquela situação desconfortável. Kara olhou para um pedaço tinta descascada na porta.

— Isso é tudo que posso dizer por enquanto. Ele pediu para falar com você diretamente, Kara. Não sei de mais nada.

Kara franziu a testa e olhou para os outros. David se inclinou sobre a varanda da frente, cruzou os braços e levantou suas sobrancelhas interrogativamente. Jenny e Peter apenas encolheram os ombros. O que estava acontecendo? Por que o ancião queria falar com ela pessoalmente?

Santo bateu duas vezes, uma vez e mais uma após um momento. A cortina na janela da porta da frente balançou e depois parou. Após um momento, houve um clique, e a porta da frente se abriu com um rangido.

Um homem com um olhar profundamente severo e um grande queixo quadrado apareceu na porta. Seu terno escuro, feito sob medida, revelava seus músculos salientes, e o punho da sua espada brilhava na luz. Seus olhos cor de avelã estudaram o grupo por um momento. Kara achava que ele parecia mais um lutador do que um sensitivo. Ele fechou seus dedos em um punho e ergueu a mão direita para Santo. Um anel de ouro em forma de punhal brilhou em seu dedo. Santo fez o mesmo; o punho dos dois homens se tocaram e eles baixaram as mãos. Kara notou que o Santo usava exatamente o mesmo tipo de anel na mão direita. Ela se perguntava por que nunca havia notado isso antes.

— Bem-vindo, Santo — disse o homem, com um vozeirão que combinava com seu físico.

— Obrigado, Tabbris. Faz um tempo, meu velho amigo.

Tabbris sorriu

— Tempo demais. Venha, Ancião Otis está esperando por você. — Ele se afastou da porta e abriu caminho para os outros.

— O cara deve ser o guarda costas — David sussurrou no ouvido de Kara. Ela deslocou seu peso de uma perna para outra e esfregou as mãos no seu jeans. Este novo território a estava deixando nervosa.

— Venha. — Santo entrou pela porta e Tabbris a fechou depois disso. Alto e

orgulhoso como uma sequoia, ele se colocou à frente da porta, com os braços cruzados no peitoral largo. Kara olhou de soslaio para David e seguiu Santo.

Ela entrou na grande sala. O ar estava quente; ele cheirava a mofo e tapetes úmidos.

A única luz vinha de duas lâmpadas que estavam em pequenas mesas nos cantos da sala. Haviam panelas e frigideiras penduradas em uma viga de madeira, acima da pequena cozinha que ocupava o lado direito da cabana. Uma mulher mexia o conteúdo de uma grande panela sobre um fogão aceso. Ela usava um avental branco sobre seu terninho preto. Seu cabelo grisalho estava puxado para trás em um coque apertado. Ela olhou brevemente para os visitantes quando eles entraram, e depois seus olhos verdes voltaram para a panela.

Havia um grupo de sensitivos sentados ao redor de uma lareira de pedra no meio da sala. Seus rostos estavam escondidos sob a borda dos chapéus fedora. Kara meio que esperava ver a avó dela tricotando junto à lareira, mas não havia ninguém na cadeira de balanço.

Um velho estava confortavelmente deitado em um pequeno sofá, posicionado perto das janelas traseiras da cabana, à esquerda. Enrolado em um cobertor de lã vermelho e preto, parecia mais um cadáver mumificado de um homem vivo. Havia alguns fios de um longo cabelo branco na cabeça quase careca, e veias azuis se espalhavam como teias de aranha por ela.

Kara ainda estava inquieta, mas a estranha cena parecia verídica.

Uma pele fina cobria o rosto do homem, que quase desaparecia entre milhares de rugas. Sua longa barba branca raspava o chão. Seus braços esqueléticos estavam cruzados no peito, que subia e descia em um ritmo lento e quase imperceptível. Kara nunca havia visto ninguém tão antigo e venerável ainda respirando.

O velho observava Kara do outro lado da sala, com seus olhos que exibiam uma inteligência centenária. Ele se moveu desconfortavelmente da posição na qual estava e entrelaçou os dedos atrás das costas. Com um tremendo esforço, o velho, ergueu um dedo quase esquelético. Tremendo, ele acenou para Kara se aproximar.

Santo apoiou a mão nas costas de Kara e a empurrou suavemente para frente.

— Vá, Kara. Está tudo bem; ele não morde. E por favor, trate-o como Ancião

Otis. — Obedientemente, Kara avançou. Ela olhou rapidamente para trás, e viu David, Jenny e Peter sentados em um sofá nas proximidades. A expressão preocupada de David fez Kara se sentir pior. Ela atravessou a sala cautelosamente, com medo de que qualquer barulho súbito fizesse o velho explodir em uma nuvem de poeira.

Ela parou na borda do sofá e encarou aqueles olhos azuis. Ela tentou sorrir, mas seus lábios estavam dormentes. Sentindo-se como uma idiota, Kara tentou parar de encarar o homem.

Ancião Otis sorriu, expondo suas gengivas cor de rosa. Seus olhos desapareceram sob uma onda de rugas

— É um prazer finalmente conhecê-la, anjo da guarda, Kara Nightingale. — Sua voz era áspera e quase um sussurro. Kara teve que se inclinar para ouvi-lo melhor. A mão trêmula do velho acariciou o espaço vazio ao lado dele. Um grande anel de ouro com cabeça de leão e olhos de esmeralda enfeitava o dedo ossudo. Ele provavelmente esteve lá por anos, mas agora parecia duas vezes maior.

— Obrigada. — Kara sentou-se muito suavemente, com medo de esmagar o velho com seu peso. Ancião Otis continuou sorrindo e olhou para ela por um longo instante, antes de falar novamente.

— Eu estava esperando por este encontro, Kara.

Cuidadosamente, Kara levantou a voz e articulou cada palavra com cuidado.

— Eu, Ancião Otis? Mas por quê?

— Está tudo bem, filha. Eu não sou surdo — riu o velho. Ele começou a ofegar e então tossiu. Kara ficou paralisada. Imediatamente, a mulher da cozinha veio com um copo de água. Ela segurou-o na boca do velho e o ajudou a tomar alguns goles. Ele acenou para a mulher se retirar depois de um momento. A mulher colocou o copo meio cheio em uma mesinha e deu a Kara um olhar severo, como se o a tosse fosse culpa dela. Kara se deslocou em direção à borda do sofá. Ela esfregou as palmas das mãos contra as coxas.

— Estava esperando para conhecê-la, porque você é muito especial — continuou Ancião Otis. Ele sorriu novamente, e a gengiva rosa reapareceu. — Quero dizer, as profecias falam de um anjo extraordinário, que virá em um momento de grande tristeza para o mundo mortal... — Ele levantou as mãos

flácidas e entrelaçou os dedos: —... um anjo com poderes contaminados, com uma rara combinação de energias da luz e das trevas, que salvará a humanidade da aniquilação total.

— E você, minha querida... é este anjo.

Capítulo 8

Uma Pequena Profecia

— **U**h... uh... — foi tudo o que Kara conseguiu dizer.

Ela fechou a boca e coçou a nuca. Ela se lembrou da massa verde em chama de Morthdu e do aviso: A escuridão vive em você.

Um anjo com poderes das trevas e da luz – seria ela esse anjo? Poderia haver verdade no que este velho estava dizendo? Sua parte elemental era culpada? Era das trevas? Kara balançou a cabeça lentamente. Já havia peso o suficiente sobre seus ombros por causa das crianças desaparecidas e das atrocidades mais recentes de Lilith; tanta coisa já lhe pesava. E agora, de acordo com o velho, o destino do mundo dos mortais repousava sobre ela.

Sua perna balançava e ela não conseguia parar de tremer. No início, ela achou que eles haviam acompanhado Santo em todo aquele caminho até ali porque eles tinham algum conhecimento do paradeiro das crianças, ou talvez mesmo sobre Lilith. Mas, até agora, não era assim. Do que esse homem estava falando? Não estava nos planos dela compartilhar profecias de contos de fadas com um defunto de duzentos anos, não importava o quão delicada ou estranha a situação fosse. Eles estavam perdendo um tempo precioso.

Os olhos do ancião brilhavam de certeza. Eles estavam fixos nos dela e acompanhavam todos os seus movimentos. Suas íris se encolheram e quase desapareceram. Kara, inclinou-se para trás. Era como se ele estivesse tentando ler a mente dela. Ela desviou o olhar. Ela não queria chatear o velho; ele parecia bastante frágil assim como era. Pelo sorriso confiante no rosto dele, ela percebeu que ele estava certo de que ela era esse anjo do qual as profecias falavam.

Ela ainda não estava convencida de que realmente acreditava em profecias. Parte dela não queria admitir que o que o velho estava dizendo podia ser verdade. Era tudo uma loucura. Talvez houvesse outro anjo com essência contaminada. Não podiam ser todos puro-sangue. Podiam?

A sala estava em silêncio, como se todo mundo estivesse esperando para saber mais sobre esta profecia, ou apenas a reação de Kara a ela.

Apesar de ser tudo muito inquietante, ela foi de encontro ao olhar dele novamente e tentou ler seu rosto. Este ancião poderia saber sobre seu poder elemental? A Legião compartilhava informações delicadas com os Sensitivos? Todos os Sensitivos sabiam quem ela era?

— Sim, é verdade — disse ele, como se lesse a mente dela. — É você... o anjo da essência mista.

— Você sabe sobre mim?

— Sim — disse o Ancião Otis. — Eu tenho acompanhado o seu progresso. Todas os anciãos têm. Estamos sempre informados sobre os mais recentes eventos sobrenaturais.

Partilhamos um vínculo com o reino angelical. É por isso que estamos aqui... para ficar de olho no resto da população humana e ajudar o máximo pudermos. Os Sensitivos têm lidado com a Legião por mais de dois milênios. Afinal, temos a mesma essência fluindo em nossas veias.

Kara olhou de relance os braços do velho. Veias salientes, azuis e roxas, se estendiam sob a pele muito fina. Inconscientemente, ela apertou a mão contra seu próprio pulso.

Sua pele era suave e sem veias. Fazia sentido para ela que a Legião criasse um tipo único de mortal que se unisse com os anjos para proteger o resto dos mortais. A Legião não podia estar em todo lugar, e os Sensitivos poderiam cuidar dos Seirs quando os anjos não pudessem.

O Ancião Otis estudou Kara animadamente:

— Suas ações falam por si só, minha querida Kara. Você já destruiu o senhor dos demônios, Asmodeus.

Kara se inclinou para a frente:

— Eu me sinto como um livro aberto. Há alguma coisa que você não saiba sobre mim?

O Ancião Otis riu e gemeu dolorosamente. Ele estremecia toda vez que tossia. Kara estendeu a mão para o copo de água e ajudou-o a beber.

— Obrigado, minha querida. — Ele sorriu para ela. — Por um momento, eu achei que fosse o fim.

Kara sorriu também e colocou o copo na mesa. Ela repousou as mãos nas

pernas e esperou. Lá estava ela começando a se apegar ao velho. Ele a fazia se lembrar de seu avô, só numa versão bem magra dele.

— Nós sabemos muito mais do que você imagina — disse o velho, e Kara pensou tê-lo visto piscar para ela. — Eu passei toda a minha vida estudando os grandes livros. Nem todas as profecias se realizam... mas tenho certeza de que você é o anjo especial dessa profecia em particular. — Ancião Otis sorriu com confiança e acenou com a cabeça.

Kara pressionou seus lábios e balançou a cabeça suavemente: — Mas como pode ter tanta certeza, se você diz que nem todas as profecias se realizam? Talvez você esteja errado. Talvez esta não se realize.

O rosto do ancião amoleceu. Ele falou com toda convicção: — Vai se realizar. Tem de se realizar. Veja, Kara, ela já começou. Você já colocou a profecia em andamento.

Kara inclinou-se para trás. Ela nunca havia acreditado em profecias.

— Então... o que mais as profecias dizem? — Kara o observava com grande interesse.

Talvez ele tivesse lido alguns pergaminhos antigos que ela nunca vira? Talvez Lilith estivesse em algum lugar dali também...

Os lábios do Ancião Otis se estremeceram: — Bem, isso depende. Os pergaminhos antigos dizem que uma jovem irá me substituir quando eu me for... o que é inédito... todos os anciãos têm mais de cem anos de idade.

— ele desviou o olhar por um momento, perdido em pensamentos. — Mas isso não lhe diz respeito, minha querida.

Kara estava completamente confusa. Certamente, tudo o que o Ancião Otis lhe dissesse deveria dizer respeito a ela. Ela inclinou-se e abaixou a voz.

— Você sabe alguma coisa sobre a criatura Morthdu?

O Ancião Otis levantou uma sobrancelha e ficou em silêncio por um momento: — Já li sobre ele. O guardião do submundo, dizem eles... uma criatura do poder mais negro e mais maligno. Mas temo que isso é tudo o que sei. Não havia muito sobre o Morthdu nos livros antigos. — o Ancião Otis estudou o rosto de Kara. — Por quê?

Kara balançou a cabeça e inclinou-se para trás: — À toa. Não é nada, não

importa. — Ela mordeu o lábio. — Há mais na profecia sobre mim? Ou este anjo especial?

— Não. — o velho balançou a cabeça. — Mas está tão claro como a chuva para mim.

Você é esse anjo, Kara, e precisamos da sua ajuda. Os Sensitivos são uma raça em extinção. Apenas alguns nascem todos os anos, e as meninas agora são muito raras. E

com os assassinatos e raptos de crianças, nossas chances de sobrevivência são mínimas.

Você precisa colocar as coisas no eixo de novo. Você deve impedir que Lilith encontre a segunda parte.

— Que segunda parte? Do que você está falando? — Kara olhou para David. Ele se inclinou para a frente em seu assento; seu rosto era intenso.

Kara se voltou para o velho. Seus joelhos ossudos apontavam debaixo do cobertor como facas:

— Não sei o que dizer. É parte da profecia também?

O Ancião Otis balançou a cabeça. Ele ergueu uma mão trêmula: — Dê-me sua mão, Kara Nightingale.

Ele ofereceu sua mão branca ossuda a Kara. Relutantemente, Kara colocou a mão dele entre as suas. Ela podia sentir as unhas muito amarelas na palma de sua mão. A mão dele estava gelada.

O velho apertou sua mão firmemente. Kara ficou surpresa com a força dele. Ele limpou a garganta.

— Você deve parar a princesa dos demônios, Lilith... antes que seja tarde demais.

Assim como o pai antes dela, ela é cheia de ódio pelas criaturas vivas – mas o pior é a sua fome tóxica por poder. Ela quer governar todas as coisas. Ela planeja exterminar todos os Sensitivos e escravizar todos os mortais com seu exército de Seirs e demônios.

Se você não conseguir pará-la, todas as pessoas livres serão assassinadas ou escravizadas. Não haverá nenhuma paz na Terra até que Lilith seja esmagada. Ela tem em sua posse uma arma de grande poder. Você já testemunhou sua

devastação.

Kara franziu a testa e assentiu com a cabeça: — A loucura dos aldeões em Dirleton — disse Kara após uma longa pausa. — Eu sabia que ela tinha algum tipo de arma. Eu me lembro de ter visto algo brilhando em azul na mão dela.

— Sim. Ela conseguiu a primeira parte.

— A primeira parte? Há mais de uma? Que arma é essa?

Os olhos do Ancião Otis estavam tristes. Ele soltou a mão de Kara. Ele abaixou a cabeça enquanto falava e fechava os olhos: — Há milhares de anos, os arcanjos criaram uma arma para controlar os humanos...

uma arma terrível chamada Arath, um cubo de diamante azul com poder inimaginável.

Mas quando o usaram, sentiram uma vergonha terrível pelo que haviam feito. Os arcanjos decidiram quebrar a arma em duas partes, duas pirâmides de menor poder, e escondê-las em dois lugares remotos do mundo. Séculos depois, os arcanjos haviam se esquecido disso, mas, de alguma forma, Lilith ficou sabendo desta arma. Ela já encontrou uma parte. Se ela obtiver ambas, isso será suficiente para aniquilar a raça humana. Ela será tão poderosa quanto um Deus.

— Isso não fará bem ao ego gigante dela — interrompeu David, em voz alta. Sua risada ficou presa na garganta quando Santo lhe lançou um olhar feroz. David olhou para Kara e deu de ombros inocentemente.

— A arma responde à vontade do utilizador — continuou o velho calmamente, como se David não o tivesse interrompido — Por isso é tão grave. Se quem o opera for maligno... então, a arma se tornará maligna... Se Lilith colocar as mãos na outra parte, nada... nem ninguém... será capaz de detê-la.

Os olhos do ancião se encheram de lágrimas de repente, e ele não conseguiu continuar por um momento.

— Kara... você deve obter a outra parte da arma antes dela. Tudo será perdido se você falhar. — lágrimas escorriam pelo rosto dele.

Um nó se formou na garganta de Kara, e ela apertou a mão do ancião suavemente.

Era ruim vê-lo aflito:

— Irei encontrar a outra parte, eu prometo. Vou encontrar essa arma e voltar

com as crianças. Eu juro. — ela se mexeu e inclinou-se um pouco mais para perto. — Ancião Otis, você sabe onde está a outra parte?

BUM!

As duas janelas da frente se estraçalharam, desfazendo-se em cacos de vidro, quando duas bolas de fogo invadiram a cabana. O cheiro da gasolina subiu no ar, e uma gigantesca onda alaranjada de fogo os envolveu.

— FOGO!

— Ponham o ancião em segurança! — alguém gritou.

— Protejam o ancião!

Kara saltou do sofá e ficou na frente do velho, protegendo-o, mas ela foi empurrada do caminho por Tabbris, que passou por ela feito um grande urso. Ele pegou o velho facilmente como se ele não pesasse mais do que uma criança pequena. Uma chuva de cinzas cobria o chão como se fosse um tapete macio e cinzento. Gritos frenéticos irromperam na cabana enquanto os Sensitivos arrancavam as cortinas e se esforçavam para apagar o fogo, mas era tarde demais. As chamas cobriam as paredes. Toda a cabana estaria em chamas em questão de segundos.

— Kara! Saia daí! — gritou David.

Chamas caíam das vigas de madeira no teto acima dele. Ele se desviou e acenou para que ela voltasse. Jenny e Peter davam seu melhor para tentar acabar com o fogo com suas botas. Santo abriu a porta da frente com um chute. Imediatamente, o fogo aumentou. Santo agitava os braços freneticamente, mandando que todos saíssem. Com os rostos enterrados nos braços, os Sensitivos passaram por ele e desapareceram porta afora. A mulher da cozinha pelejava para ir atrás deles, praguejando em voz alta sobre o jantar.

Kara olhou para o ancião:

— Não se preocupe. Nós vamos tirar você daqui.

Tabbris envolveu o velho protetoramente em seus braços fortes.

— Rápido, siga-me.

Kara seguiu na frente.

Uma parede de chamas alaranjadas irrompeu diante dela.

Ela pulou para trás e piscou em meio às chamas e à fumaça preta. Ela não conseguia mais ver David e outros. O velho tossiu atrás dela. Ela tinha de tirá-lo dali. Se o fogo não o matasse, seria a fumaça.

Kara deu um passo à frente. Será que o fogo mataria um anjo? Ela enfiou a mão na chama e três dedos derreteram e caíram; uma luz começou a ser emanada de sua mão.

Kara pôs a mãos nos seus dedos feridos e amaldiçoou-se por ser tão estúpida. Ela sentiu um incontrolável instinto protetor a invadir. Ela não deixaria que nenhum dano ocorresse ao Ancião Otis. Sua raiva se inflamava dentro dela, e ela levantou as mãos. Um feixe de energia elemental subiu através de seu corpo para a ponta dos dedos. Kara podia sentir uma escuridão também. Ela a ignorou.

Uma eletricidade dourada dançava em sua pele mortal. O instinto de sobrevivência de seu poder fazia efeito.

Kara pisou no fogo.

Raios dourados emanavam de seu corpo. O ar estalava. Ela estava chamejante em meio a uma chuva dourada. Ela se sentia invencível. Ela recebeu seu poder e o liberou.

Os raios subiram com poderosas rajadas de vento, extinguindo a parede de fogo. A fumaça se erguia do chão e pairava no ar. O chão tremia. As vigas da cabana se partiam no teto e caíam no chão. Brasas enchiam o ar como uma chuva ardente.

Jenny correu pela porta da frente, seguida por Peter. David voltou em direção a Kara.

Mas ela acenava-lhe com a mão para que saísse dali.

— Saia! — gritou Kara. — Eu estarei bem atrás de você.

Relutantemente, David virou-se e desapareceu pela porta.

Kara pegou no casaco de Tabbris e o puxou para mais perto: — Depressa, antes que o fogo volte! — Ela saiu em direção à porta da frente. O

grande Sensitivo embalava o Ancião Otis protetoramente em seus braços, vindo logo atrás de Kara. A fumaça preta obscurecia a luz e quase a cegava. Ela atravessou o limiar e saltou para fora da cabana.

Trinta Seirs estavam esperando no gramado da frente.

Capítulo 9

A Matança

As chamas estalaram, a cabana gemeu e, com um rugido ensurdecedor, o telhado desabou logo depois que Kara pulou pela varanda da frente. Ela pousou tranquilamente na grama macia. Tabbris caiu com um baque alto ao lado dela. Os restos em chamas da cabana bateram contra as costas dela. O rosto do ancião estava coberto de suor e fuligem. Ele estudou os olhos do velho por um momento ficou surpresa com a quantidade de veneno que havia neles. Com seus lábios pressionados em uma linha, ele olhou para os Seirs como se fossem as criaturas mais desprezíveis do mundo. Suas mãos estavam enroladas em punhos. Kara, estava certa de que Ancião Otis tinha uma força a ser reconhecida quando era mais novo. Ela se levantou lentamente. Com os olhos fixos nos Seirs, moveu-se rapidamente para David, Peter e Jenny. Eles estavam furiosos. David saltava nas pontas dos pés, como se fosse um boxeador.

O ar estava cheio de fumaça. A fragrância de flores silvestres havia sido substituída pelo cheiro de madeira queimada. Nuvens cinzentas de fumaça pairavam ao redor. Era como estar em meio a uma névoa fétida. Os sensitivos tossiam atrás dela. Todo mundo estava em segurança. Com os rostos queimados e as mãos manchadas, os sensitivos formaram uma parede protetora na frente de Ancião Otis. Suas espadas longas e prateadas brilhavam na luz do sol e refletiam suas faces sombrias. Santo ficou na liderança. Com os ombros tensos, parecia que ele ia atacar a qualquer momento.

Kara observava os Seirs. Como eles os encontraram ali? O exército de homens de rostos pálidos se voltou para ela. Seus casacos pretos sombrios destoavam com o campo de flores silvestres.

— Vejam, é o nosso Seir favorito, Ranab bafo de cachorro. — David apertou a mandíbula e estalou o pescoço. — Parece que ele usou um pouco mais de maquiagem hoje.

O mais alto do grupo ficou na frente de seus irmãos. Com olhos tão pretos como carvão, uma cara feia e pálida, ele sorriu perversamente para Kara.

— Ora, ora. O que temos aqui, rapazes? — disse suavemente, Ranab —

Nosso prêmio especial... e um ancião. Eu diria que essa caçada está muito boa, não acham? — Ele deus uns passos à frente, seu casaco preto lustroso esvoaçava em seus calcanhares. — Há anos que procuro esse velho tolo.

— Como vocês nos encontraram? — A voz de Santo destilava veneno. Ele apontou a ponta de sua espada perigosamente para o Seir e deu um passo à frente, desafiando-o; seu corpo estava em posição de combate.

Ranab levantou os braços, e seu casaco se agitou como asas de um morcego gigante: — O quê? Você não gostou da fogueira? — Ele riu. — Sempre gostei de uma boa fogueira... com uma canção. — Ele observou a cabana em chamas com satisfação. — Um dos seus o entregou, meu amigo. Nós temos nossos espiões dentro seu grupinho desprezível.

Espiões? Kara lançou um olhar nervoso aos Sensitivos. Como um deles poderia tê-los denunciado? Não fazia sentido. Eles quase morreram no incêndio.

Os olhos escuros de Santo brilharam perigosamente sob a borda do chapéu. Parecia que ele ia matar o rato com as próprias mãos. Um por um, os sensitivos encolheram os ombros e balançaram a cabeça inocentemente. Tabbris se movia como um animal selvagem, protegendo sua prole. Parecia que ele iria destruir qualquer um que se aproximasse demais.

Kara observou os sensitivos com mais cuidado. Quem seria o traidor? A maioria deles havia se queimado. Ela duvidava que houvessem Seirs na cabana. Devia ser alguém de fora daquele grupo. Ela não acreditava que um traidor arriscaria sua vida no meio do fogo. Traidores são covardes. Eles colocam as próprias vidas acima de tudo. Ranab zombou. Ele estava gostando da situação. Estava na cara que ele tentava aborrecê-los.

— Não deem ouvidos a ele. — Kara gritou de repente. Ela olhou para rostos ansiosos dos Sensitivos. — Ele está tentando dividir vocês. Continuem unidos. Eles é que são os inimigos; não há ninguém aqui que quase não tenha perecido no fogo. Devemos permanecer unidos.

— Ela tem razão. — Santo alisou sua espada. — Não é ninguém daqui. Deve ser alguém do distrito. E quando eu os encontrar... eles responderão à minha espada.

Kara franziu os lábios A coisa não estava nada boa. Embora os sensitivos lutassem muito bem, eles estavam em uma desvantagem de dois para um. O fogo havia minado as forças deles, e Tabbris não seria capaz de lutar, pois devia

proteger Ancião Otis. Seria praticamente impossível garantir a segurança do velho sem ferir qualquer um dos Seirs.

— Onde está a sua senhora, Ranab? — gritou Kara. Ela tentou destilar o mesmo tipo de veneno que Santo em suas palavras. Ela não sabia se havia funcionado. — Sempre achei que você nunca sairia de casa sem ela. Ela decidiu soltá-lo?

Ranab coçou o queixo:

— Ela está ocupada em outro lugar no momento. Mas não se preocupe... sua alma logo se juntará a ela. Lilith tem algo muito especial planejado para ela. Será um prazer arrancá-la dessa sua carcaça de anjo.

— Eu vou matá-lo antes mesmo que você encoste um dedo nela, cara de palhaço! — David foi para frente de Kara, mas ela agarrou seu casaco e o puxou de volta. Ele olhava furiosamente para Ranab. — Parece que você esqueceu seu nariz vermelho de palhaço no circo, sua aberração! Mas não me importo de lhe dar um novo.

Kara balançou a cabeça e baixou a voz:

— Isso é o que ele quer, David. Ignore-o. Ele sabe que não podemos tocá-lo. Não ceda a ele.

David franziu a testa:

— Essa é a lei mais estúpida que a Legião já inventou. É uma idiotice não podermos nos defender.

— Talvez. Mas não temos escolha. Temos de dar o nosso melhor para proteger o ancião.

Jenny se aproximou:

— Você tem algum plano? O que sugere que façamos?

Kara mordeu o lábio inferior:

— Acho que podemos distraí-los o tempo suficiente para que Tabbris coloque o ancião novamente em segurança.

— Como? — Peter interrompeu. — Eles estão em maioria.

— Vamos ter de improvisar.

Santo cortou o ar com sua espada:

— Nenhum anjo morrerá na minha frente, Ranab. O sangue derramado aqui será o seu. Grave bem as minhas palavras... seus dias matar de anjos chegaram ao fim.

Ranab girava suas lâminas em seus pulsos divertindo-se. Ele baixou a cabeça e grunhiu:

— Você está errado, puxa-saco de anjo. Vocês estão seriamente em minoria, não notou? Nós dois sabemos como isso vai acabar. Eu levarei meu prêmio e o velho, se me der licença. E matarei você no processo.

Tabbris entrou no meio dos Sensitivos. O Ancião Otis sentava-se confortavelmente em seus braços, como um boneco de ventríloquo. Seus braços esqueléticos balançavam ao lado de seu corpo frágil, perdido no abraço de seu tutor. Mas ele continuava a encarar Ranab com cara de desgosto.

— Você tem sido mal desde que era uma criança, Ranab — gemeu o Ancião Otis. Ele levantou um dedo ossudo. — Muito mal corre nas veias de um filho que mata o pai.

Ranab jogou uma lâmina da morte no ar e a pegou facilmente com uma mão atrás das costas:

— Meu pai era um velho tolo, assim como você. Ele pagou o preço por sua estupidez.

E isso se chama ambição e o amor pelo poder. Você é idiota demais para saber a diferença. Os Sensitivos são todos iguais... tolos que amam os anjos. Não vê como os anjos estão usando você, velho? Eles não se importam com você; eles nunca se importaram. Você foi enganado, velho.

Olhos azuis do Ancião Otis quase desapareceram quando ele franziu a testa: — O seu fim está próximo, Ranab. Já houve mortes demais em suas mãos.

Assassinato de inocentes, rapto de crianças; no final, você pagará pelo que fez.

Ranab bateu palmas:

— Ainda falando por enigmas, defunto patético. É certo que seu fim está próximo, velho. Pelo que vejo, vai ser muito fácil. Pense desta forma. Eu estarei lhe fazendo um favor matando-o, tirando-o de sua miséria como um velho cão.

O Ancião Otis sorriu:

— Veremos.

O ancião virou sua cabeça para Kara. Seus olhos cintilavam com travessura quando ele assentiu com a cabeça para ela. Kara estudou o rosto dele mais atentamente. O que ele estava tentando comunicar?

— Vamos, irmãos. — Ranab brandiu suas armas. — Nós temos algumas mortes para encomendar.

Ao mesmo tempo, lâminas da morte surgiram nas mãos dos Seirs. Vapores pretos se enrolavam em seus braços, e o som das espadas aumentava à medida que eles batiam suas lâminas umas contra as outras.

Os pelos do pescoço de Kara se eriçaram. Dois contra um; as chances de vitória eram pequenas. Embora queimados e cansados, os sensitivos não pareciam temer uma luta.

Eles estavam dispostos a lutar até a morte por causa dos inocentes.

Kara cerrou os dentes. Ela precisava fazer algo para ajudar. Mas o que?

Jenny parecia estar paralisada. Peter estava ao lado dela, petrificado, como um rato em uma armadilha. Ele segurou uma das suas engenhocas, como se isso pudesse salvá-

lo de alguma forma. David cerrou os punhos e se moveu nervosamente. Kara abanou a cabeça para ele, gesticulando um sinal de “não”. David desviou o olhar.

Os sensitivos gritaram. A fumaça da cabana queimada nublava o ar. Os Seirs rugiram e atacaram.

Uma horda de guerreiros dos Seirs correu em direção a Kara. O chão tremia sob suas botas. Kara avançou.

— Anjos, afastem-se! — ordenou Santo, enquanto empurrava Kara para trás com força. Ele investiu contra a multidão que se aproximava como um louco.

Cinco Seirs vieram enfrentá-lo, mas Santo não se intimidou. Num piscar de olhos, sua espada desceu até o peito do primeiro Seir. O homem caiu no chão. Santo se moveu para a direita, aparou um golpe de espada e golpeou o braço esquerdo do segundo Seir. O

braço caiu no chão; o Seir caiu de joelhos e apertou o coto ensanguentado.

Os outros três atacaram, mas Santo estava pronto para eles. Ele se esquivava e aparava. Com um golpe poderoso, sua lâmina cortou o pescoço dos três inimigos. Suas lâminas da morte caíram no chão. Santo saiu para o ataque e desapareceu em uma parede de fumaça.

— Lá está ela. Peguem-na! — Dois seirs correram em direção a Kara.

Kara se voltou para Jenny, Peter e David.

— Fiquem juntos — aconteça o que acontecer. — Ela correu através da mata, levando os Seirs com ela. Kara não sabia bem o que faria a seguir, mas ao menos os Seirs não atacariam seus amigos.

— Sua alma é nossa, anjo.

Uma lâmina de morte passou muito perto do ouvido de Kara. Ela continuou correndo.

A ideia era circular o campo de batalha, mas quando outros Seirs se juntaram à perseguição, ela percebeu que não tinha sido sua ideia mais brilhante.

Uma lâmina afundou no solo aos pés de Kara, e ela correu sobre um monte de terra e uma clareira de grama alta, até outro grupo de Seirs.

Em um impasse, Kara saltou para trás e se escondeu, quando uma torrente de lâminas da morte voou sobre a cabeça dela. O inimigo avançava. Mais lâminas voavam.

Kara se defendeu e chutou o estômago de um Seir. Ele gemeu e caiu, apenas para ser substituídos por outro atacante. Ela atacou outro com os punhos. Para sua surpresa, o Seir bloqueou o golpe com seu antebraço e atacou o pescoço dela com a mão direita. O

metal frio passou de raspão pelo pescoço de Kara quando ela se inclinou para trás. Ela agarrou o pulso direito do Seir e o arremessou em direção a um grupo de inimigos. Eles caíram como pinos de boliche.

Kara sentiu uma dor excruciante no ombro. Ela puxou a lâmina da morte para fora, mas o veneno da arma queimava seu braço e o deixava dormente. Ela jogou a lâmina na grama. O Seir sorriu e lambeu os lábios. Ele sacou outra lâmina. De repente, seus olhos se arregalaram. Ele espirrou sangue pela boca e tombou.

Uma sensitiva surgiu atrás dele. Ela acenou para Kara e voltou para a luta.

O fedor de sangue e fumaça a cercava. Vários corpos jaziam no chão, mas suas almas brilhantes pairavam sobre eles, à espera dos guardiões. Será que as almas dos Seirs também seriam salvas?

Kara viu Jenny e Peter reunindo as almas. Ela ziguezagueava através de golpes de espada para ajudá-los.

— Tabbris! — Alguém gritou.

Kara congelou.

Tabbris cambaleava, se esforçando para continuar consciente. Dez lâminas da morte perfuravam suas costas e ombros. Ele caiu de joelhos. O ancião se libertou dos braços dele e caiu no chão. Sangue escorria da boca do Tabbris. Os olhos dele rolaram para trás da cabeça. Ele cambaleou mais uma vez, caiu no chão E nunca mais se moveu novamente.

— O velho é meu. — Ranab sorriu perversamente e se aproximou do Ancião Otis. — Eu disse que você morreria hoje, velho. Eu devia ter matado você há muito tempo. Agora você se juntará ao meu pai.

Ancião Otis se levantou e olhou para Ranab. O velho tocou a mão de Tabbris e a segurou junto ao peito, com lágrimas no rosto. Ele fechou os olhos e abaixou a cabeça.

— Eu vou gostar muito disso. — Ranab se investiu contra Ancião Otis com sua lâmina.

Kara levantou suas mãos e seu poder elemental se inflamou. Mas desta vez foi diferente; uma escuridão, como um calafrio gelado, se misturou ao calor do seu poder elemental. A onda gigante de força era intoxicante. A escuridão queria tomar o controle, e ela permitiu.

— Kara! NÃO! — David correu em direção a ela.

Antes que Kara soubesse o que estava fazendo, raios dourados disparavam de suas mãos. Eles atacaram o Seir.

O corpo de Ranab foi lançado violentamente ao ar, com uma corrente elétrica dourada em torno dele. Cheiro de carne queimada exalava do Seir, enquanto ele gritava de dor e seu corpo convulsionava. Houve uma explosão, e o corpo de Ranab se transformou em uma nuvem de poeira dourada.

Apenas uma pequena esfera brilhante permanecia.

— Kara, o que você fez? Você...o matou. — David estava com as mãos na cabeça; seu rosto estava cheio de terror. Sua boca se escancarou: — Você matou um mortal.

— Oh - Meu - Deus. — Jenny e Peter ficaram de olhos arregalados, em choque.

Kara olhou para as partículas de poeira, que se acomodavam no chão como neve fofa.

O que ela havia feito?

Uma estranha frieza substituiu o calor que ela normalmente sentia quando a intensidade do seu poder diminuía. Ao mesmo tempo, uma dor pungente se espalhou por seu corpo, como se milhares de facas perfurassem sua pele. Estava tudo acabado? Ela estava realmente sofrendo a morte angelical?

Kara vibrava em uma luz brilhante. O rosto de David era só ansiedade e nervosismo.

Os lábios dele se moviam, mas ela não conseguia ouvir o que ele estava dizendo. O

mundo mudou ao redor dela, e os rostos dos seus amigos desapareceram.

E, então, a escuridão a levou.

Capítulo 10

A Ampulheta de Cristal

Uma luz brilhava sobre as pálpebras fechadas de Kara. Ela se sentia tonta e dolorida, como se tivesse acordado de um longo sono. Estivera ela num jogo de rugby das Garotonas contra as Temperadas de Riverside High? Até mesmo suas pálpebras estavam doloridas. Devia ter sido um jogo brutal... mas ela não se lembrava. Suas memórias iam se afastando como as folhas em uma brisa. Ela tentou manter o foco, mas foi inútil. Sua cabeça pulsava, o que estava afastando a sua concentração. Estranho. Será que ela havia sido atingida na cabeça?

Eu tenho de acordar. Pálpebras, abram-se.

Não aconteceu nada.

Sua consciência vagueava, e a dor em sua cabeça só aumentava. As memórias flutuavam em sua mente como peças de um quebra-cabeça. O Sr. Patterson esperava por ela esta manhã. Havia uma seção inteira de terror categorizar e transferir para o novo software; se o Sr. Patterson não conseguia nem operar a caixa registadora corretamente, imagina decifrar um novo programa de computador. O rosto dela se abriu em um sorriso.

O Sr. Patterson precisava dela, e era bom ser necessária. Então, ela teria a tarde de folga... muito tempo para gastar com David.

Ela se concentrou nos sons ao seu redor. Silêncio. Os pardais não chilreavam lá fora da janela do quarto, e o schnauzer miniatura do vizinho não latia. Até mesmo o som abafado do tráfego pesado de sua rua estava ausente. A calmaria a enervou. Isso não era normal.

Kara se sentiu claustrofóbica e lutou febrilmente para abrir os olhos, mas suas pálpebras não se abriam. Ela determinou-se a acordar. Lentamente forçou os olhos até abri-lo.

Ela estava em um quarto branco.

No começo, ela pensou que estivesse em um hospital, sofrendo de uma lesão na cabeça por causa do jogo de rugby, mas rapidamente percebeu que não estava em nenhum lugar mortal. Paredes reluzentemente brancas a cercavam por três

lados e perdiam-se em um céu branco infinito. No quarto lado, havia quatro grandes portas de madeira com dizeres entalhados. Eles eram pintados de dourado e vermelho, como joias finas. Suas maçanetas de ouro eram esculpidas em formas de grandes olhos atentos.

Letreiros de néon nas cores vermelho e azul chiavam e brilhavam acima de cada porta.

Kara inclinou-se para ver melhor.

Eles diziam:

Porta # 1 - Matança não-intencional de mortais Porta # 2 - Matança de mortais em anjo-defesa Porta # 3 – Matança intencional de mortais Porta # 4 - Outros

Tudo voltou a ela então. O ataque dos Seirs aos Sensitivos... as crianças desaparecidas... a arma de Lilith... os mortais infectados... o fogo da cabana... o Ancião Otis.

Ranab – ela havia matado um mortal!

Kara pôs as mãos na cabeça. O que ela fizera? Ela havia dado um fim em sua própria carreira de anjo executando Ranab? Isso era, de longe, a pior coisa que ela havia feito como um anjo. Essa era uma transgressão digna do Tártaro, uma violação do tipo "tranquem-na e joguem a chave fora". Ela sabia que aquilo era pior do que uma viagem para a prisão de anjos... que era o fim da estrada para ela.

Recompondo-se, Kara levantou a cabeça lentamente. Ela leu e releu os letreiros pelo que parecer durar horas, sem saber qual porta abrir. Ranab havia morrido como resultado de seu ataque, mas ela o matara para proteger o ancião. Ele ia matá-lo. Seria isso uma matança intencional de mortais ou uma matança de mortais em anjo-defesa? Não podia ser em anjo-defesa, pois o Ancião Otis era um mortal. Ela havia lutado para salvar a vida dele... não de outro anjo. Talvez tivesse sido uma matança não-intencional de mortais, uma vez que ela havia atacado Ranab por vontade própria. Porém, ela queria matá-lo.

Ela se lembrou da escuridão que sentira dentro dela. Seria dela a culpa?

Ela havia gostado da sensação da nova energia fresca fluindo através dela. Isso a havia revitalizado. Naqueles segundos, ela havia se esquecido de quem era e perdera o controle de si mesma e de sua missão. A escuridão a compelia. No

fundo, ela sempre quisera matá-lo – ela sempre fora má.

Uma coisa era certa; tudo estava acabado para ela agora. O velho estava errado. Ela não era nenhuma salvadora do mundo mortal... ela não tinha nada de especial... era apenas um anjo com sangue ruim.

Relutantemente, Kara se deu uns passos à frente e colocou sua mão em volta da maçaneta dourada da porta número três, Matança Intencional de Mortais. Ela podia sentir a frieza do metal. Ela abriu a porta e entrou.

Ela entrou num banheiro gigante.

Fileiras de boxes de vidro com capacidade para uma pessoa cobriam a parede da enorme sala retangular. Havia um chuveiro cromado em cada box, eles brotavam das paredes como braços muito alongados. Todos os boxes estavam vazios, mas querubins ficavam em pé ao lado dos chuveiros, esperando. Suas vestes azuis cor de miosótis brilhavam na luz. Três oráculos ocupavam uma mesa comprida de madeira do lado direito da sala e ocupavam-se com a papelada. Água escorria em cada box e um ruído ensurdecedor vinha dos ralos. Com rostos determinados, os oráculos carimbavam documentos em voz alta. Eles murmuravam entre si, mas Kara não podia ouvir o que diziam. Luzes de halogênio piscavam, adicionando uma melodia estranha ao lugar sombrio.

Doze anjos de cara séria faziam fila, esperando para usarem os chuveiros. Vergonha e arrependimento se estampavam em seus rostos. Suprimindo a sensação de estranheza, Kara se aproximou para ver melhor. Uma mulher gorda com cabelo loiro encaracolado entrou lentamente em um box vazio. Ela estendeu a mão e puxou uma alavanca cromada. Imediatamente, água e vapor brotaram do chuveiro. A mulher soluçava. A água escorria por suas bochechas como lágrimas. Dentro de instantes, seu corpo ficou coberto de luzes brilhantes, como um revestimento de diamantes. O corpo dela chiou, estalou e, por fim, se desintegrou. Suas roupas caíram no chão do chuveiro em uma bagunça molhada e desintegrada. A água escoou enquanto sua alma pairava no box como um vagalume solitário. Um querubim segurando um frasco grande de vidro entrou no box.

Ele agarrou a alma suavemente e a colocou cuidadosamente na jarra. Outro querubim, com uma vassoura de duas vezes seu tamanho, varreu as roupas até uma pilha alta de roupas na parte de trás da sala.

Kara franziu a testa. Pelo menos as almas eram mantidas vivas. E isso era

melhor do que ela havia imaginado.

Este seria o seu destino. Ela sentiu a mesma humilhação que refletia nos olhos dos outros anjos... ela havia quebrado o juramento sagrado; todos haviam. Seus dias de anjo da guarda acabariam com uma ducha fria.

—Kara Nightingale!

Kara deu um pulo de susto. Os três oráculos se sentavam em cima de suas bolas de cristal com seus pequenos braços cruzados sobre o peito. Seus pés descalços espreitavam de debaixo de suas longas vestes prateadas. Suas expressões eram ilegíveis. Com os pés como blocos de concreto, Kara suspirou e arrastou-se até a mesa. Com os ombros caídos, ela ficou diante deles e esperou. Ela uniu as mãos e ficou mexendo os dedos inquietamente.

O oráculo do meio se atrapalhou com a papelada. Ele abriu um arquivo e levantou as sobrancelhas. Depois de ler por um momento, ele fechou a pasta com a palma da mão.

Finalmente, ele entrelaçou os dedos e olhou para Kara: — Então... Senhorita Clara. Você matou um mortal com intenção. — disse o oráculo em um tom preocupado.

Kara abaixou a cabeça:

— Sim, oráculo. — A situação lhe pareceu muito pior quando ela a ouviu em voz alta da boca de um oráculo. Ela se sentia envergonhada, como se tivesse sido repreendida por um dos professores depois de se sair mal em uma prova.

— Hmmm. — O oráculo batia os dedos sobre a mesa. — O preço por quebrar este juramento sagrado é muito grave. Os anjos são guardiões da Terra, soldados que juraram proteger todos os mortais... mas você tirou uma vida. — Ele parecia triste. — Você entende a seriedade de suas ações?

Kara assentiu com a cabeça:

— Entendo...mas...disseram que, se matássemos um mortal, sofreríamos a verdadeira morte. — Kara apontou para trás, em direção aos chuveiros. — Mas eu acabei de ver os querubins levarem as almas.

O rosto do oráculo se enrugou em um sorriso: — Tem toda a razão. — Ele inclinou-se para trás e girou o dedo ao redor de sua longa barba branca. Ele compartilhou um olhar com os outros dois oráculos e seus rostos se irradiaram

de satisfação. — Veja, minha cara, se os anjos soubessem da verdade...

então, eles não seriam tão relutantes em matar um imortal, seriam? É melhor que eles acreditem que vão morrer a verdadeira morte se violarem uma lei sagrada. Você não concorda?

— Acho que sim. Mas o que isso significa? O que acontece a seguir?

Ele piscou para Kara:

— Aqueles que abandonarem o juramento terão seu status de guardião removido, com efeito imediato. Suas almas se tornarão mortais – eles nunca se tornarão guardiões novamente. Essa não é a verdadeira morte propriamente dita, mas é a morte de um anjo da guarda... por assim dizer.

Kara não comentou nada. Ela sabia o que havia feito e estava preparada para pagar o preço. Pelo menos, sua alma viveria. Talvez ela ainda pudesse ter uma vida normal com David. Ela se perguntava se seus amigos seriam capazes de parar Lilith. Ela conseguiria pegar a arma? Essa confusão toda com Lilith era sua culpa, e, agora, ela nem ao menos seria capaz de ajudar.

— Acabar com a vida de um mortal é muito grave — continuou o oráculo. — Vocês foram empossados para protegê-los, não importa quão vis e maus eles possam ser. Essa é a lei.

Kara olhou o oráculo nos olhos:

— Não lamento a morte de Ranab. Lamento por haver quebrado as regras, mas ele estava prestes a executar o ancião. Era necessário tomar uma decisão, e eu fiz uma escolha. Talvez tenha sido a escolha errada de acordo com as leis, mas não me arrependo do que fiz. Eu faria de novo se fosse preciso.

Os oráculos estavam sem palavras. Eles se agruparam e falaram baixinho uns com os outros. Kara se inclinou para a frente, mas não conseguiu ouvir o que eles diziam.

Kara ficou esperando enquanto eles continuavam conversando. Ela estava ficando um pouco irritada. Eles a haviam esquecido completamente?

— Hã... desculpem-me, oráculos. — Ela explodiu de repente. — Então...devo entrar na fila com o resto dos guardiões?

Os oráculos viraram-se lentamente para Kara mais uma vez. As expressões em seus rostos eram mais esperançosas. O oráculo à direita de Kara falou em

seguida.

— Não.

O queixo de Kara caiu. Ela olhava para eles perplexa: — Não? Não sei se entendi. Eu pensei que vocês tivessem dito que eu não sofreria a verdadeira morte. Achei que a minha alma estivesse a salvo. É diferente porque eu matei um Seir, não é? Não vou ter uma vida normal e mortal agora, vou? — Ela estudou os rostos deles tentando dar sentido a tudo.

Os oráculos compartilharam um outro olhar antes de responderem.

— Precisamos que você para termine a sua missão — disse o mesmo oráculo. — Você é uma forte guardiã com habilidades únicas. Seus talentos provaram ser úteis para nós antes, e a Legião tem muito a lhe agradecer. Nós conhecemos o plano de Lilith. Sabemos que ela adquiriu uma das partes do Arath. Esperamos que você a detenha. A Legião precisa de você, Tara. . .

— É Kara. — Kara avaliou os rostos deles. Ela tinha ouvido certo? — Então... o que isso significa, exatamente? Recebo o meu emprego de volta?

Os três oráculos inclinaram-se e responderam em uníssono: — Você tem doze horas para completar a sua última missão.

As coisas estavam melhorando. Kara não podia acreditar em sua sorte. Mesmo que fosse apenas por um curto período de tempo, ela seria um anjo da guarda de novo.

Ela se perguntava se deveria contar sobre Morthdu, mas decidiu não o fazer. Eles não lhe concederiam esta última chance se soubessem que suas habilidades únicas incluíam um poder das trevas.

— Tem algo mais a dizer? — indagou o oráculo delicadamente, vendo a luta interna de Kara.

— Uh... não. Obrigada, eu acho.

A oráculo da esquerda estendeu a mão para Kara. Uma minúscula ampulheta dourada em uma corrente de ouro estava pendurada na mão dele. Ele a levantou para Kara: — Por favor, leve. Você precisará disso.

Kara pegou a corrente. Ela segurou o objeto contra a luz. Uma areia cristalina caía pelo bulbo de vidro.

— O que é isso?

— É uma ampulheta de cristal. — O oráculo uniu as mãos sobre a mesa. — Você precisa concluir sua missão antes que a areia de cristal termine de cair. São exatamente doze horas.

Kara pendurou a ampulheta em seu pescoço: — O que acontecerá se eu não conseguir?

Uma tristeza recaiu sobre o rosto do oráculo: — Então, o mundo mortal será perdido. Você reaparecerá aqui e ficará na fila com os outros, esperando para usar o chuveiro.

Ela não gostou de ouvir isso.

Doze horas. Era apertado, mas podia ser o suficiente para ir atrás de Lilith e da outra parte do Arath. Isto é, se ela soubesse o paradeiro deles.

— Vocês sabem onde está a outra parte da arma?

O oráculo assentiu com a cabeça:

— A outra parte do Arath está em Roma, escondida entre os tesouros antigos do Panteão. Dependemos de você, Clara. Você deve encontrar a segunda parte da arma.

Kara se atrapalhou com a ampulheta:

— Encontrarei, não se preocupem.

O oráculo levantou a mão:

— E você não deve contar a ninguém sobre a ampulheta de cristal, nem sobre este lugar. Você não pode nem mesmo contar aos seus amigos. Você deve prometer. Os anjos precisam continuar a pensar que matar um mortal irá resultar em sua morte verdadeira.

Kara levantou o colarinho da sua camisa e guardou a ampulheta por baixo: — Está bem, mas eles não se perguntarão por que estou de volta? O que devo dizer a eles?

— Diga-lhes que a Legião estava em dívida com você – e que esta é uma última chance. Você pode dizer a eles que Ranab não tinha muito sangue humano restante nele, mas isso é tudo.

— Está bem — disse Kara. Ela esperava ser uma mentirosa boa o suficiente para contar aquilo. Mas provavelmente não era o caso.

— Mais uma coisa — continuou o oráculo com uma expressão séria. — Se você matar ou ferir outro mortal severamente, a ampulheta de cristal se esvaziará e sua missão acabará. Você voltará para cá. Entende?

A ampulheta de cristal estava fria em relação à sua pele angelical. Ela repousou a mão suavemente sobre ela, por cima da camisa, e suspirou: — Eu entendo. Não vou matar mais mortais, não importa o quão maus sejam.

Os oráculos tornaram a compartilharam um olhar sério: — E uma última coisa. Sua prioridade é encontrar a arma antes que Lilith. Aconteça o que acontecer, você deve proteger a arma. O mundo mortal depende disso. Não importa quão delicada seja a situação na qual você se encontre, e não importa quem possa precisar da sua ajuda... você deve recuperar a arma. Vidas podem ser sacrificadas. Nada mais importa.

Kara franziu a testa:

— Eu não sei bem o que dizer. Você está dizendo que eu vou deixar algum mortal morrer? Eu não vou deixar ninguém morrer.

— Receio que você não tenha escolha; sacrifícios podem ser inevitáveis.

Os oráculos se sentavam em silêncio, perdido em pensamentos.

Uma sensação estranha penetrou no fundo da sua mente, mas Kara tentou afastá-la.

Os oráculos sabiam melhor do que ninguém; qualquer sacrifício do qual falavam seria para um bem maior. Ela tinha de confiar neles.

— Está bem, então — ela acenou com a cabeça. — Estou pronta. Como saio daqui?

O oráculo fez um gesto atrás dela:

— Você pode ir pela mesma porta por onde entrou. Depois de passar por aquela porta, você voltará ao exato local onde estava antes de ser transportada para cá.

— Certo. — Kara virou-se para a grande porta de madeira com o letreiro número 3.

Suas cores vermelha e dourada se destacavam contra as paredes brancas do banheiro gigante; fora de lugar assim como ela. Kara franziu a testa.

— Obrigada por me darem mais tempo... por essa segunda chance. — Kara sorriu. Ela apertou a ampulheta de cristal por debaixo da blusa. — Não vou desapontá-los. Eu prometo.

— Vá e que as almas a protejam — disseram os oráculos.

Com um último olhar para os chuveiros, Kara caminhou até a porta, abriu-a e saiu.

Capítulo 11

De Volta dos Mortos

Kara... Kara...

Os olhos de Kara se abriram. Ela piscou. A princípio, sombras nublavam sua visão; depois, a escuridão foi substituída por uma luz brilhante. Ela piscou em meio ao brilho enquanto sua visão se ajustava gradualmente ao seu entorno. O olhar ansioso de David a observava.

— Kara! Ela acordou! Ela acordou!

Um monte de rostos preocupados a olhavam de cima. Os olhos verdes de Jenny brilhavam de aflição. Seu lábio inferior tremia. O rosto pálido de Peter mostrava aflição, e ele parecia estar prestes a desmaiar. Alguns Sensitivos curiosos se amontoaram em volta dela, sussurrando entre si. Meio sorriso formou-se nos cantos dos lábios de Santo. Seus olhos escuros dançaram divertidamente. Pelo menos, ele parecia contente em vê-la novamente.

O cheiro úmido de terra e o fedor da fumaça encheram as narinas de Kara. Parte de trás de sua cabeça estava molhada. Pelo olhar de choque no rosto de quase todos, ela sabia que não ia ser fácil se safar dessa. Ela esperava que suas habilidades de atuação em frente ao espelho desse conta. Depois de um momento, ela levantou sua mão.

— David, você pode me ajudar, por favor.

David abaixou-se e puxou Kara suavemente, colocando-a de pé. Suas pernas vacilaram por um momento, mas, depois, ela se estabilizou. A ampulheta de cristal saltou contra seu peito, um lembrete de que ela tinha apenas doze horas para completar sua missão... começando agora.

— Não acredito que você está de pé aqui — disse David. — Como está se sentindo?

Você está bem? — Ele agarrou a mão dela firmemente e não soltou, como se, se o fizesse, ela de repente pudesse explodir e desaparecer novamente. Ele a examinou mais atentamente, com seu nariz a centímetros do rosto dela. — Isso é incrível. É um milagre danado.

Kara puxou as mãos do forte aperto de David e as sacudiu: — Estou bem, David. Sério. Não precisa exagerar.

— Não é exagero. Você se foi e agora está de volta. Mas... mas... isto não faz nenhum sentido. — Ele passou os dedos em seu cabelo. — Você matou um mortal. Nós a vimos morrer. Todos nós vimos, Kara. Seu corpo desapareceu.

Kara se lembrei do estranha frio que sentira segundos antes de desaparecer. Deve ter sido horrível para seus amigos ver seu corpo se desintegrar no ar, pensar que era a última vez que a veriam. Se isso tivesse acontecido a qualquer um deles, ela sabia que ficaria devastada. Seus amigos significavam muito para ela. Ela deu de encontro com os olhos de David e viu dor neles. Sua garganta doeu, e ela não conseguiu encontrar sua voz. Ela queria tão desesperadamente abraçá-lo e contar-lhe a verdade, envolvê-lo em seus braços uma última vez antes que suas doze horas se esgotassem. Mas ela sabia que não podia.

Peter se aproximou:

— E, então, cinco minutos depois você reapareceu. Como isso é possível? Você deveria estar... morta, por assim dizer. Você devia ter sofrido a morte verdadeira de um anjo.

Como é que você está aqui agora?

Kara sentiu a atenção de todos sobre si, esperando para ouvir a história dela. Ela torceu em silêncio para que tivesse força para mentir. A Legião contava com ela para manter o seu segredo. Sua mãe sempre lhe dissera que sabia quando ela estava mentindo, pois seu rosto ficava vermelho. Pelo menos desta vez, o rubor nas bochechas não a entregaria.

Ela evitou os olhos de David, olhou para o chão e tentou parecer relaxada: — Eles me deram livre passagem. Eles disseram que a Legião estava em dívida comigo e me deram outra chance. — Kara pressionou seus lábios e olhou para eles tentando ver como seriam suas reações.

Os Sensitivos a observavam silenciosamente a uma distância segura. Seria medo o que ela vira nos olhos deles? Santo estava perto, com a cabeça tombada para o lado e uma expressão de pedra. Aparentemente, ele era o único Sensitivo que não estava assustado com sua reaparição.

Jenny estendeu o braço e apertou a mão de Kara; seu rosto estava radiante: — Bem, estou tão feliz por isso. Eu não saberia o que fazer sem a minha garota.

Nós quatro somos uma equipe, sabe?

Kara sorriu e relaxou um pouco. Ela sabia que Jenny não se exasperaria: — Vocês não podem se livrar de mim assim tão facilmente. — Ela riu, esperando que isso aliviasse um pouco a tensão.

David se aproximou mais e abaixou a voz:

— Eu pensei que a havia perdido. — Ele esforçou-se para se recompor. Os joelhos de Kara vacilaram. — Eu pensei que nunca mais a veria. — Sua voz falhou. Ele baixou os olhos e riscou o chão com sua bota. — Eu estava ficando louco agora há pouco... você não tem ideia.

Kara estendeu a mão e apertou o braço dele delicadamente: — Mas você não me perdeu. Eu ainda estou aqui, pelo menos até eu estragar tudo de novo.

Por um momento, Kara e David ficaram sozinhos se entreolhando.

— É só isso? — perguntou Peter, com as sobrancelhas arqueadas. — Eles apenas a mandaram de volta e aqui está você? Tem de haver alguém mais além disso.

Kara deu de ombros:

— Isso é tudo o que eu sei, Peter.

— Interessante. — Peter observou Kara curiosamente. — Eu nunca ouvi falar de nada a respeito de a Legião devolver a vida de nenhum anjo que matasse um mortal. — Peter compartilhou um olhar com David. — Na verdade... tenho certeza de que esta é a primeira vez que isso acontece.

— Então, o que querendo dizer, Peter? Você não está contente com o que eles fizeram? — havia um tom de aborrecimento na voz de Kara. — Eu pensei que você ficaria feliz em me ver novamente.

Os olhos do Peter se arregalaram:

— Bem... sim, claro. Eu não quis dizer nada de mais com isso. Se alguém merece uma segunda chance, esse alguém é você. É só que eu nunca ouvi. . .

— Onde estão os Seirs? — Kara observava o chão. Tinha havido uma enorme batalha antes de ela matar Ranab, e agora a terra estava em silêncio, exceto pelo barulho das folhas e o chilrear dos pássaros. Alguns Sensitivos estavam espalhados por todo o campo, socorrendo os feridos e cuidando dos mortos. Sinais de batalha marcavam o chão. A grama verde estava pisoteada e

manchada de vermelho. Havia chapéus fedora em vários cantos. Mas onde estavam os Seirs?

O Ancião Otis sentava-se na grama com as costas contra o tronco de um pinheiro grande em frente à Kara. A cabeça dele estava tombada sobre seu próprio peito. Kara não sabia dizer se os olhos deles estavam abertos. Sua tristeza se perdia em suas rugas.

O corpo de Tabbris estava a seu lado, e o velho ainda segurava a mão dele. Ele parecia tão frágil agora... uma rajada de vento poderia acabar com ele. Ele havia perdido muitos amigos hoje. Vê-lo sofrer afligia Kara profundamente.

Doze horas. Será que elas seriam suficientes para deter Lilith e trazer as crianças de volta?

— O que aconteceu depois que eu fui embora? — perguntou Kara.

— Os Seirs se debandaram — respondeu David. — Eles ficaram todos estranhos quando viram Ranab explodir em um milhão de pequenas partículas de palhaço... e depois que você desapareceu, eles simplesmente fugiram como um bando de gatos assustados.

— Eles perderam sua rocha — disse Santo, interrompendo. Sangue escorria do nariz dele e o olho esquerdo estava inchado e vermelho. Sua mão ensanguentada repousava sobre o punho de sua espada, mas tirando isso, Kara não via nenhum outro ferimento nele. — Sem Ranab para liderá-los, eles tiveram de partir para se reagruparem. Não havia mais nada aqui para eles. Só lamento não ter sido eu quem o matou. — Ele sorriu para Kara.

Kara retribuiu o sorriso e desviou o olhar.

— Esses palhaços são estúpidos demais para pensar por conta própria — disse David, com uma expressão letal no rosto. E depois acrescentou com uma voz de bebê. — Eles precisavam que seu papai lhes dissesse o que fazer.

Kara sufocou uma risada e virou-se para Santo: — Eu odeio fazer isso agora, mas eu preciso falar com o ancião. É importante.

Santo assentiu com a cabeça:

— Venha, eu a levarei até ele.

Kara seguiu Santo até onde o homem estava descansando. Ela se ajoelhou ao lado dele, seguindo o exemplo de Santo. O Sensitivo tocou suavemente no braço

do ancião: — Ancião Otis?

Os olhos do ancião se abriram e ele levantou a cabeça lentamente. Kara se enrijeceu ao ver os olhos vermelho dele:

— Sim, Santo. O que foi?

— Kara, a anja, gostaria de ter uma palavrinha.

Com grande esforço, o velho virou a cabeça e se encontrou com os olhos de Kara. Ele sorriu, e Kara sentiu uma facada no peito: — É um prazer vê-la novamente, Kara. Tive um pressentimento de que você estaria de volta em breve. O que foi, querida?

Kara inclinou-se sobre seu calcanhar, querendo saber como era possível ele saber disso:

— Eu preciso da sua ajuda, Ancião Otis —disse ela suavemente, mesmo que tivesse pressa. — Eu não tenho muito tempo... Tenho de encontrar a outra parte da arma antes de Lilith.

Tufos de cabelo se agitaram quando ele balançou a cabeça suavemente: — Eu queria poder ajudá-la, Kara, mas não sei o paradeiro da outra parte.

— Está em Roma, escondida em algum lugar dentro do Panteão. Isso é o que os oráculos me disseram. Só preciso que os Sensitivos ajudem a cuidar dos possíveis Seirs que possam aparecer. Não posso perder o controle desta vez.

O velho levantou suas sobrancelhas e seus olhos se iluminaram: — Você é cheia de surpresas, Kara Nightingale. — Ele sorriu calorosamente. — Farei com que os nossos Sensitivos da Itália atendam às suas necessidades. — Ele olhou por um segundo para o local da ampulheta debaixo da blusa de Kara e depois se voltou para ela. — O tempo é essencial, minha querida. Você deve se apressar.

Kara franziu a testa e evitou tocar na ampulheta de cristal. Ela não sabia se os anciãos podiam ler mentes, mas o modo como o Ancião Otis a observava lhe dizia que ele talvez soubesse mais do que deixava transparecer.

— Obrigada, Ancião Otis. — Ela estendeu o braço e segurou a mão ossuda dele. — Eu trarei as crianças de volta, prometo.

Lágrimas brotaram dos olhos do ancião, e ele sorriu: — Eu sei que sim. As profecias previram isso. Eu tenho grande fé em você, Kara. Que as almas a protejam em sua jornada.

Com um último aperto leve de mão, Kara se levantou. Santo, pôs-se de pé e segurou o ombro de Kara. Seus olhos escuros eram penetrantes, e ela se estremeceu: — Cuide-se, guardiã Kara. — Ele sorriu. Sua cicatriz ficou mais distorcida, fazendo-o parecer ainda mais furioso. Kara, desviou os olhos da cicatriz.

— Tenho certeza de que você vai encontrar muitos novos amigos entre nossos parentes na Itália. — continuou ele. — Que as almas a guiem em sua busca. — Depois de um tempo, ele a soltou e retornou ao ancião.

Kara não conseguiu ouvir a conversa abafada deles enquanto se afastava para se juntar aos outros. Por apenas um instante, ela colocou a mão na camisa e deu uma espiadela na ampulheta de cristal.

O fundo da ampulheta já estava coberto com cristais de areia.

Aquilo equivaleria a cerca de uma hora? Ela guardou o objeto novamente continuou andando. O tempo já estava correndo.

David se aproximou dela imediatamente:

— O que você estava segurando? Nunca a vi usar joias. É um colar?

Kara se paralisou. Um arrepio percorreu sua pele mortal. Parecia que os cristais já estavam testando sua lealdade. O fato de ela ter parado tornava a coisa ainda pior, como se ela estivesse escondendo alguma coisa e fosse pega. Ela deu seu melhor para parecer indiferente:

— Não é realmente um colar; é mais um amuleto da sorte.

— Bem, acho que você pode dizer que funcionou. A sorte a trouxe de volta. Posso vê-

lo?

— Não — disse Kara vivamente. Ela imediatamente se arrependeu da ansiedade em seu tom. David a estudava silenciosamente. Ele era inteligente, talvez até inteligente demais para seu próprio bem. Ele eventualmente iria perceber. Kara tinha de distraí-lo.

A única coisa que a fazia seguir em frente era a perspectiva de voltar à sua vida mortal com David – e, para isso, ela precisava encontrar a outra parte.

Kara evitou o olhar questionador de David e vestiu-se de coragem quando Peter e Jenny se juntaram a eles:

— Ouçam. Precisamos ir. Precisamos encontrar a outra parte da arma antes de Lilith.

— E nós sabemos onde procurar? Ela pode estar em qualquer lugar! — perguntou Peter.

Kara assentiu com a cabeça:

— Roma, Itália, no Panteão. É onde vamos encontrar a outra parte.

David assobiou bem alto:

— Sempre quis ver o Papa. Você acha que ele vai nos receber? Tenho algumas dicas de vestuário para ele.

Kara cutucou David divertindo-se:

— Não vamos ver o Papa, seu bobo. Não temos muito tempo, e precisamos explorar todo o prédio. Ele é enorme. Eu já vi fotos na Wikipédia – pare de me olhar assim, David.

Nós vamos precisar nos dividir em pares; também teremos alguma ajuda dos Sensitivos da Itália, caso mais Seirs apareçam.

— Eu tenho um pressentimento de que essas aberrações vão aparecer — disse David.

— Ainda há uma recompensa por sua alma. Eles não vão desistir de você tão facilmente.

— Mas pelo menos por agora eles pensam que estou morta... isso deve nos dar algum tempo extra antes que eles descubram.

— Isso pode demorar um pouco. — David zombou. — Toda aquela maquiagem deve afetar o cérebro.

Jenny se balançava nas pontas dos pés:

— Então, quando partiremos em nossa próxima aventura? — Um sorriso travesso se espalhou pelo rosto dela.

Kara cerrou sua mandíbula.

— Agora mesmo. Vamos mostrar a Lilith o significado de dar o troco.

Capítulo 12

Panteão, Roma, Itália

A notícia de que ela havia matado um mortal se espalhou rapidamente. Assim que saiu do elevador, sussurros envolvendo seu nome circularam pela sala. Aconselhada por David, Kara ignorou as vozes. Ela resistiu à vontade de esbofetear alguns rostos, mas a devastação do mundo mortal superava a importância das fofocas. A despeito de tudo que fez, ela não seria aceita. Kara não se encaixava no molde perfeito dos anjos da guarda, se é que isso existia. Ela era uma aberração - Kara, o anjo contaminado.

Apesar de tudo, ela não estava surpresa por Ariel não parecer chocada quando ela admitiu ter matado Ranab, o Seir. Ariel não se surpreendeu nem mesmo quando Kara explicou sobre a segunda chance dada pelos oráculos. Ela apenas ficou sentada, impassível, até Kara contar toda a história. Talvez os arcanjos conhecessem a verdade por trás das assim chamadas leis sagradas. Era uma possibilidade.

Com o salto de volta para o horizonte e a longa reunião com a Arcanja Ariel, a ampulheta de cristal marcava que Kara havia perdido duas horas quando eles finalmente chegaram em Roma. Com sorte, dez horas ainda seria tempo suficiente para localizar a arma e salvar as crianças.

Kara estremeceu ao se lembrar dos olhos marejados e vermelhos do Ancião Otis, à simples menção das crianças desaparecidas. Seu coração estava partido. No calor do momento, ela havia prometido que as encontraria, e tinha intenção de cumprir esta promessa.

As ruas de Roma estavam abarrotadas com turistas e moradores. Andando de cabeça baixa e espreitando por baixo da franja, Kara procurava ansiosamente por outdoors ou outras placas com seu rosto. No que dizia respeito aos mortais, ela ainda era uma bioterrorista. Até agora, sua foto só havia aparecido nos jornais. Ela não conseguia saber o que o jornal dizia porque ele estava escrito em italiano. Porém, dado o uso excessivo de letras maiúsculas e pontos de exclamação, não era nada bom. Kara puxou o capuz de seu suéter preto sobre a cabeça.

Lilith não tinha afetado os mortais por ali ainda, o que era um bom sinal. Ela esperava mais bons presságios, precisava deles.

Kara e os outros ficaram maravilhados com a arquitetura antiga. Edifícios de pedra marrom pairavam sobre eles, de ambos os lados das ruas estreitas. Pequenas varandas de pedra e ferro, envoltas em canteiros, observavam sua passagem. Scooters ziguezagueavam habilmente em torno dos pedestres. O cheiro de pão fresco e café enchia o ar. Garçons corriam ruidosamente por restaurantes, segurando pratos enormes de massas fumegantes. Música tradicional italiana ecoava por toda a cidade, levando casais a dançarem na rua. O ar quente da noite acariciava as bochechas de Kara. A cidade antiga era católica, e ela adorou isso.

Para todos os lados que Kara olhava, havia algo novo e excitante para ver. O céu de noite tinha um tom profundo de laranja listrado de azul marinho. Altos postes de ferro cintilavam quando ela passava. Ela ou batidas de cascos e se virou para ver um lindo cavalo preto puxando uma carruagem vermelha, levando um casal feliz de mãos dadas.

Kara sorria enquanto passava por alguns vendedores locais, que gesticulavam dramaticamente sobre sua mercadoria.

Enquanto Kara passava pelas ruas barulhentas, ela inconscientemente colocava a mão sobre a ampulheta de cristal, pensando se qualquer outro anjo já recebeu algo semelhante, e isso foi mantido em segredo.

— Então, você vai me contar sobre esse colar ou não? — David manteve a sua voz baixa. Seus olhos estavam colados na ampulheta.

Kara deixou estar e sorriu inocentemente para ele: — Não há nada a dizer. É só um estúpido amuleto da sorte. — ela riu suavemente e olhou em direção à multidão.

— Então, por que nunca vi isso antes? — David insistiu. — E por que estou sentindo uma pequena inquietação na sua voz? Eu sei que você está escondendo algo. O que é?

O aviso do Oráculo ecoou em sua mente:

— Como eu disse, é só um estúpido amuleto; não é nada de especial. Esqueça.

— De onde ele veio? Quem deu a você? — pressionou David.

Kara ficou tensa:

— Eu peguei em uma das nossas missões. Não lembro onde.

David olhou para ela por um momento:

— Você está mentindo. E você está fazendo um péssimo trabalho. Pensei que pudéssemos contar tudo um para o outro. Pensei que fôssemos... próximos. Achei que não havia segredos entre nós. Depois de tudo o que passamos... por que está mentindo para mim, Kara?

— Não estou — disse Kara, as palavras queimavam em seus lábios. — Eu disse, é só um estúpido amuleto.

— Está bem. Continue a mentir. — David saiu, deixando Kara olhando para ele. Ela ficou tonta de repente, seu mundo parecia desabar, e ela amaldiçoou-se por ser uma mentirosa tão ruim. A quem ela estava enganando? Ela manteve a cabeça abaixada e continuou a andar.

Não era só a ampulheta de cristal. Kara se sentia envergonhada de falar sobre a sensação de trevas que recentemente havia conhecido. No começo, ela pensou que seu poder elemental estava aumentando, mas tão logo que a escuridão se infiltrava por ele, ela soube que era diferente. O poder elemental sempre trazia uma sensação calorosa.

Kara temia estar se transformando em um monstro. Morthdu lhe contara que ela fazia parte das trevas, e isso a apavorava.

Após caminhar por algum tempo sobre a Via della Maddalena, Kara e os outros chegaram a uma grande praça, a Piazza della Rotonda. Uma enorme fonte de pedra, com quatro estátuas em uma base de pedra seguravam um obelisco. Casais se sentavam nas bordas da fonte e tiravam fotos com seus smartphones.

— Uau. Olha só isso! Nunca vi nada tão majestoso. — Os olhos de Jenny se arregalaram e ela esticava seu pescoço. — É impressionante.

A fonte era linda, mas não se comparava ao esplendor monumental do panteão. O

antigo edifício romano ficava no final da Praça, e tinha o tamanho de uma pequena montanha. Colunas romanas de mármore ladeavam um majestoso pórtico na frente da estrutura. A construção de cerca de quarenta e três metros de altura chamava a atenção.

O domo rosa atrás do pórtico era colossal. Grandes portas de bronze estavam entreabertas, convidando as pessoas a entrarem no mundo antigo. Uma grande inscrição na frente do pórtico dizia: Marcus Agrippa, Lucii Filius, Consul Tertium Fecit.

— Marco Agripa, Filho de Lúcio, Três Vezes Cônsul, construiu isso — disse Peter, como se lesse a mente dela.

— O que você não conhece? Você é uma verdadeira enciclopédia ambulante! — provocou Kara.

Kara estava tão impressionada com a visão que, por um minuto, se esqueceu de quem era e do motivo pelo qual estava aqui. Mas ela foi trazida de volta para a realidade quando avistou dois homens e uma mulher, usando chapéus fedora e ternos escuros. Eles estavam casualmente encostados nas colunas ao pé do panteão. Um pequeno buldogue inglês branco e marrom, o Thor, estava sentado ao lado deles. Assim como um dinamarquês alto e cinzento, o mesmo que havia aparecido e ajudado a combater os Seirs no Castelo de Dirleton.

— Parece que os nossos batedores estão aqui — disse David. Ele ficou olhando acusadoramente para a ampulheta de cristal sob a camisa dela antes de ir embora.

Uma dor palpitava dentro de Kara. Se ao menos ela pudesse contar, explicar a situação, ele não estaria tão furioso com ela. Ela correu atrás de David: — Vamos lá. Não vamos deixá-los esperando. — Peter e Jenny apressaram para acompanhar.

A Sensitiva se aproximou para cumprimentá-los, com sua longa trança preta quicando em suas costas. Ela era alta e magra. Seus lábios carnudos se abriram em um sorriso, e seus gentis olhos escuros reluziam:

— Olá, meu nome é Tatiana — disse ela com um forte sotaque italiano. — Você deve ser Kara. — Ela estendeu a mão.

Kara retribuiu o sorriso e apertou a mão da mulher firmemente: — Sim. Prazer em conhecê-la, Tatiana.

Tatiana se virou e apontou para seu grupo.

— Este é o Tony e aquele é o Roberto. Estamos aqui para protegê-los e ajudá-los a encontrar a arma.

— Obrigada — disse Kara se dirigindo ao resto do grupo.

Tony e Roberto facilmente tinham mais de 1,80 m. Sendo Roberto o mais alto e mais corpulento dos dois. Ambos tinham seus vinte e poucos anos e sorriam graciosamente.

Kara apresentou os outros ao grupo e, então, se ajoelhou ao lado de Thor: — Eu não sabia que você viria. Mas estou feliz por isso. — Ela esfregou a cabeça dele suavemente.

— O cheiro de problema parece sempre encontrá-la, Kara — disse Thor. Ele lambeu os lábios. — Eu pensei que talvez precisasse da minha ajuda.

— E da minha! — disse o dogue alemão, com seu rabo abanando alegremente. Kara pensou que aquilo parecia mais um chicote do que uma cauda. — Meu nome é Poochie.

David riu em voz alta:

— Seu nome é Poochie? — Ele se virou e apontou para o buldogue inglês. — E o nome dele é Thor. Acho que as bolas estão seriamente trocadas. — David e Peter riram.

Kara revirou os olhos e os ignorou:

— Não tive chance de agradecê-lo por nos ajudar a escapar na Escócia. Foi muito corajoso da sua parte.

— O prazer é nosso — disse Poochie, com sua comprida língua cinza pendendo para fora de sua boca grande. — Qualquer coisa para ajudar a Legião - tudo faz parte do meu trabalho. — Ele sentou e começou a coçar-se.

Roberto deu um passo à frente. Seu grande porte era avolumado por seus músculos salientes:

— Você sabe onde a arma se encontra dentro do Panteão? — disse ele com uma voz profunda e um forte sotaque. Os dois primeiros botões da camisa dele estavam desabotoados. Kara poderia ver cicatrizes em toda a sua pele cor de oliva.

Kara se levantou:

— Infelizmente, não. Tudo o que eu sei é que está lá dentro em algum lugar, e que nós temos de encontrá-la rapidamente. — Sua mão ficou paralisada no ar ao resistir à vontade de tocar na ampulheta de cristal. Ela viu que David havia

notado seu gesto.

— Trata-se de uma construção muito grande. — Tatiana pôs as mãos em seus quadris enquanto olhava a enorme estrutura. — Eu já estive aqui muitas vezes. Não será fácil encontrar a arma. Além disso, há muitos turistas lá dentro.

— Eu sei. Devemos nos separar em grupos — disse Kara. — Assim, será mais rápido, e menos perceptível.

Jenny inclinou-se e apontou para si mesma: — Peter e eu podemos ir pelo lado direito do prédio. Você e David podem ir pela esquerda. — Peter se animou com a ideia e um pequeno sorriso se abriu em seus lábios.

Tirando o olhar de Peter, Kara olhou para David. Apesar da expressão rígida no rosto dele, ele acenou com a cabeça:

— Parece bom para nós — ele respondeu.

Kara suspirou silenciosamente, aliviada de que ele ainda trabalharia com ela, mesmo com todas as suas mentiras.

Tatiana acenou com a cabeça em acordo:

— Eu vou com você e David. Tony e Roberto... — ela fez um gesto com a mão — Acompanhem Jenny e Peter.

Tony coçou o queixo:

— Com o que se parece a arma? — Sua voz era um pouco mais profunda do que a de Roberto e seu sotaque era mais pesado.

Tatiana deu-lhe um tapa na cabeça e fez um gesto com as mãos dramaticamente: — Você nunca presta atenção nas reuniões, não é? É um vidro triangular azul.

— Sim, bella. Eu não sei — riu Tony divertidamente. Tatiana deu um sorriso satisfeito.

— Sua grande beleza me distrai. — Ele levantou a mão ao rosto dela. Ela a afastou com outro tapa.

Kara levantou suas sobrancelhas e compartilhou um olhar de soslaio com David, que deu de ombros. Tony era uma versão italiana de David - arrogante e também cheio de si, quando se tratava de mulheres - sempre na brincadeira quando era hora de ser sério -

um garotão.

— Os cães não podem entrar. Então, Poochie e eu guardaremos a entrada principal — disse Thor. A baba escorria até o chão, formando poças em torno de seus pés.

— Isso mesmo! — Um baixo rugido escapou da garganta de Poochie. — Eles não passarão por mim. — Poochie recuou suas orelhas ao abaixar a cabeça. Uma crista de pelos se eriçou em suas costas como pequenas lâminas. Ele rosnou agressivamente e revelou grandes fileiras de dentes pontudos. Um calafrio percorreu Kara. Ela sempre pensara que os dogues alemães fossem gigantes gentis, mas Poochie parecia feroz. Ele era grande o suficiente para causar alguns danos sérios.

Thor bamboleou até Kara, seus grandes olhos castanhos estavam sérios: — Kara, tenha cuidado. Há um cheiro muito ruim neste lugar.

— No Panteão? — disse Kara. Ela abaixou-se na altura do cão minúsculo. Poochie descansou a cabeça em seu ombro, sua baba escorria em seu pescoço.

Thor continuou:

— Não. É difícil explicar. É esta cidade - há alguma coisa aqui - algo grande, e cheira mal, muito mal. É como se houvesse um enorme fedor demoníaco. E eu não consigo colocar minhas patas nele - ele continua se movendo. Eu não entendo. Está ao nosso redor, agora, no ar, sob os nossos pés, mas não consigo encontrar.

Kara limpou a baba de seu pescoço e passou a mãos no jeans. A expressão preocupada de Thor fez com que ela se sentisse ainda mais nervosa: — Eu serei cuidadosa, eu prometo. Até agora, não vi nenhum demônio ou Seir. Talvez possamos procurar a arma antes que as coisas se compliquem. — A ampulheta de cristal esfregava suavemente contra seu peito. — E eu estou ficando sem tempo. Temos de ir agora.

Thor pressionado a pata em seu joelho:

— Cuidado, Kara. Há algo maligno à espreita.

Kara esfregou a cabeça de Thor:

— Eu terei cuidado, não se preocupe.

Ela levantou-se e fez contato visual com o grupo; os rostos deles mostravam

determinação, assim como ela. Eles caminharam rapidamente em direção à entrada do Panteão.

Colunas de mármore se espalhavam pelo pórtico. Turistas desajeitados passavam por ela em direção à saída. Parte dela queria poder desfrutar da história da antiga construção, mas não havia tempo para agir como turista. Lilith podia estar escondida em qualquer lugar - esperando para fazer a sua aparição com um exército de Seirs. Com o aviso de Thor ainda fresco em sua memória, Kara marchou pelas enormes portas de bronze.

O Panteão foi era uma gigantesca cúpula com túmulos monumentais nas paredes.

Pisos brilhantes de mármore, com uma série de estampas geométricas, espalhavam-se na frente dela. A única luz que havia era proveniente de uma grande abertura redonda no centro da cúpula, como um grande olho aberto para o céu. Um raio suave de luz amarela brilhava no chão de mármore em uma piscina circular. Um grande altar ficava no lado oposto da entrada, com o ícone de Nossa Senhora e o Menino Jesus em seu colo. A parede de trás era decorada com cruzes douradas em mosaico. Vozes altas reverberavam enquanto centenas de turistas andava em círculos, tirando fotos e lendo as inscrições dos túmulos.

Kara ignorou a beleza interior da construção. Ela se virou para Jenny, Peter e David: — Vamos procurar.

Jenny sorriu:

— Pode deixar! Vamos, Peter. — Ela saiu correndo para o lado direito da cúpula. Tony e Roberto caminhavam vigilantes ao lado dela. Com os braços estendidos em busco de equilíbrio, Peter patinou com cuidado pelos pisos escorregadios.

Segurando uma risada, Kara foi para o lado esquerdo da cúpula. Ela abriu caminho através dos mortais curiosos e em direção aos sete nichos mais próximos que cercavam a cúpula. Ela se lembrou da Wikipédia, que dizia que estes eram os túmulos de grandes homens. Ter esses velhos ossos empoeirados escondidos em caixas de concreto era um pouco assustador. Será que a arma poderia estar escondida com eles? Ela apertou as mãos contra a pedra fria e começou a procurar a arma no primeiro nicho. David ficou de joelhos para procurar embaixo, enquanto Tatiana ficava de guarda, de costas para eles, afastando frustrados mortais em italiano.

Acaba que o primeiro nicho estava vazio. Kara se apressou para o segundo, cujo arco de tijolos se estendia até a parede de concreto. Ela enfiou seus dedos nas cavidades e esfregou a superfície áspera de pedra.

Algo se moveu no canto de seu olho. Um rosto pálido, movia-se no meio da multidão.

Um longo casaco preto passou na luz.

Kara ficou paralisada e apertou os olhos para ver melhor. Mas a figura desapareceu.

— Kara? — David estudou seu rosto ansioso e, depois, seguiu o olhar dela. — O que houve? O que você viu?

— Eu pensei ter visto um Seir... mas não o encontro mais. Acho que meus olhos estão me pregando uma peça. — com a quantidade de estresse que sentia, era uma maravilha sua mente não ter explodido ainda.

David franziu a testa:

— Não vejo nenhum. Mas acredite em seus instintos. Tenho certeza de que eles estão aqui, escondidos em algum lugar, como os covardes que são.

— O que está acontecendo? — Tatiana inclinou-se para eles — Por que pararam?

— Kara viu um Seir — disse David. — Eu sabia que eles dariam suas caras feias mais cedo ou mais tarde.

Kara deu de ombros:

— Mas não o vejo mais. Pensei que teríamos mais tempo antes que os Seirs nos encontrassem. Isso tornará as coisas mais difíceis.

Tatiana desabotoou sua jaqueta. O punho de sua espada apareceu: — Não se preocupem com os Seirs. Continuem procurando a arma. Eu cuidarei deles.

Demone amante...

Ela assoviou bem alto. Tony e Roberto viraram suas cabeças. Tatiana fez alguns gestos com a mão, acenou com a cabeça e vasculhou a cúpula com as mãos em suas espadas. Tatiana rondava como um gato pronto para atacar. Kara admirava Tatiana. Ela era corajosa.

Após meia hora de busca por três nichos separados, Kara soltou os braços e

suspirou em frustração. Ela se levantou e procurou em toda a cúpula por Jenny e Peter. Eles estavam diante de outro nicho, procurando tão frustrados quanto Kara estava. Jenny viu Kara e levantou as mãos, balançando a cabeça.

— Eles disseram que estava aqui. Tem de estar aqui em algum lugar. — Kara colocou as mãos na cabeça. — Onde está?

— Relaxe, Bella, vamos encontrá-la — disse Tatiana, calmamente. — Nós vamos procurar a noite toda se for preciso.

Kara mordeu a língua. Ela não tinha um dia inteiro para encontrar a parte que faltava: — Deve haver algum lugar no qual ainda não olhamos.

— Nós vamos encontrar, não se preocupe. Continuem procurando. — David cutucou delicadamente uma mulher com curtos cabelos grisalhos e um rosto bastante enrugado, para que lhe desse licença. Ela lhe olhou de cara feia antes de sair irritada.

Kara viu que uma capela em arco estava escondida entre os dois últimos nichos. Ela ficava atrás de uma fileira de colunas vermelhas de mármore. David e Kara haviam deixado esse detalhe escapar. Pilastras coríntias caneladas se erguiam de ambos os lados da capela, perto da entrada. Uma inscrição dizia: Túmulo de Umberto I, filho de Victor Emmanuel II e o Segundo Rei da Itália Unificada.

Aquele ero o único lugar que ela não havia verificado.

— David —disse ela apontando para o local. — Ali!

Ela correu para a capela. As botas de David rapidamente ecoaram atrás dela. Ela parou diante das colunas e olhou para dentro. O túmulo era um bloco de pórfiro vermelho maciço esculpido com cabeças de leão e coberto por uma lajota de alabastro revestido de bronze. Uma almofada de seda vermelha e dourada se encontrava acima do túmulo. Ali, como uma joia dentro do olho do leão e refletindo a luz suave, estava a outra parte do Arath.

Naquele exato momento, um Seir se separou do grupo de mortais. Sua cabeça branca brilhava sob os raios vindo do lóculo. Maldade emanava de seus olhos escuros.

Tatiana o viu e dirigiu-se a Kara protetoramente, sem jamais soltar o punho de sua espada e de olhos colados no Seir.

Sem pensar, Kara pulou a corda que limitava a passagem dos turistas.

— Ei, o que está fazendo? — gritou um homem com óculos de lentes grossas, com sua enorme câmera saltando contra sua grande barriga. — Você não pode entrar aí! Não se deve tocar em nada!

Kara o ignorou. Seu coração estava agitado. Lá estava a joia esperando por ela.

Ela havia batido Lilith. Sem a outra peça da arma, o plano de Lilith para aniquilar o mundo mortal chegaria ao fim. Lilith fracassaria. Kara ainda teria tempo o bastante para procurar as crianças e até mesmo encontrar Lilith e pará-la de vez. Kara sorriu. Era hora de fazer Lilith pagar.

Mais turistas zangados gritaram com ela. Eles não sabiam o quão importante era sua missão. Ela estava salvando todos, inclusive os mais detestáveis deles.

Tatiana abriu um largo sorriso. Kara podia ver o cabeço roxo de Jenny em meio aos mortais com raiva. Ela sorriu para Kara.

— Detenham-na! — gritou uma mulher de pele escura. O branco de seus olhos se mostraram quando apontou febrilmente para Kara. — Alguém a detenha! Ela vai roubar as joias! Socorro; ladrão!

— Fermarla! — Alguém gritou em italiano.

A pirâmide azul brilhava como uma safira gigante. Kara removeu seu capuz e estendeu a mão. . .

— Kara, espere! — gritou David.

Ela agarrou a pirâmide de cor azul safira com a ponta dos dedos e puxou.

O alarme disparou.

Capítulo 13

Quando em Roma…

U m som ensurdecedor, como uma sirene de ambulância, ressoou por toda a cúpula. Os turistas derrubaram seus mapas e se acotovelaram para fugir do horrível barulho. Uma cacofonia de gritos encheu o ar. Os pisos de mármore tremiam sob centenas de pés. A cena foi caótica.

Com um puxão, o Arath saiu facilmente, e Kara agarrou a arma com firmeza. Ela se encaixava perfeitamente em sua mão. As bordas do cristal não eram nítidas, mas ele era suave e quente como uma batata cozida. Kara vacilou quando um zumbido soou no interior da pirâmide, como se ela estava cheia de abelhas. Uma luz azul pulsou dentro da arma, banhando a palma da mão de Kara com tons de azul. Ela sentiu uma tontura repentina, e o mundo ao seu redor começou a girar. Sem aviso, o poder do Arath lutou contra ela. Um arrepio frio percorreu seu corpo, enquanto ondas de energia palpitavam por seu corpo e assobiavam furiosamente. Seu corpo enrijeceu, congelado como uma estátua, como se ondas de energia vindas da arma jorrassem através dela. Finalmente o poder diminuiu, deixando para trás uma sensação de formigamento.

Kara deslocou o peso do corpo e relaxou um pouco, se esforçando para esconder o pânico dos outros. Uma dor súbita irrompeu em sua palma da mão, e ela a examinou mais de perto. Três pequenas perfurações marcavam sua mão em um triângulo perfeito.

A arma tinha feito isso. Ela a mordeu? Para Kara, parecia uma mordida. Aparentemente, nada estava errado; ela se sentia bem, E a tontura tinha ido embora.

Ela passou por baixo do cordão para ver melhor o que tinha acontecido, assim como outras pessoas. Tatiana e os dois homens formavam um semicírculo protetor. Os turistas saíam freneticamente da cúpula, como areia em um funil.

— Você conseguiu! — falou Peter sob o tumulto. Seus olhos se arregalaram ao ver a arma, e ele se inclinou para examiná-la atentamente. — E pensar que algo tão pequeno pode ter um poder tão enorme. É um verdadeiro mistério. Eu me pergunto como criaram essa coisa. Eles deviam estar loucos.

Jenny observava o Arath, apreensiva.

— É bonito. Isso significa que Lilith virá atrás dele. Ela provavelmente o usaria como um pingente no pescoço.

Kara e David trocaram olhares. Seus olhos azuis perfuraram momentaneamente os dela. Ela o encarou e ele virou o rosto. Ele ainda estava zangado com ela. Kara se sentia mal por não poder fazer nada a respeito. Ela só queria poder contar tudo...

— Ela vai ficar muito zangada quando souber sobre isso — continuou Jenny, sorrindo timidamente. — Eu queria que ver a cara pálida da Lilith quando ela souber que temos parte da sua preciosa arma.

Kara suspirou — bem, ainda não acabou. Ela ainda tem a outra parte do Arath. E nós ainda precisamos encontrar as crianças desaparecidas.

— Você sente alguma coisa emanando disso? — rugiu David, para ser ouvido apesar do alarme ensurdecedor. — Um poder ou algo do tipo? — Ele parecia esperar que Kara mentisse novamente.

— Algo assim — gritou Kara, tentando não trair suas emoções. — Eu senti um pouco do poder dele antes, mas não sinto mais. Era como uma vibração. Mas eu nem saberia como usar. Ele é diferente de qualquer arma que eu já vi antes.

Ela pegou a arma com a outra mão e a segurou contra a luz, para os outros verem.

Uma miríade de cores vinha do Arath. Foi incrivelmente lindo.

Os mortais balançavam a cabeça furiosos com Kara, chamando-a de ladra em várias línguas diferentes. Ótimo, sua reputação melhorava a cada minuto.

— É melhor colocá-lo em lugar seguro por enquanto. — David olhou por cima do ombro e apertou a mandíbula. — Eu vi um Seir na multidão há alguns minutos. Não o vejo mais... mas eu sei que o palhaço está aqui em algum lugar, e tenho certeza de que há mais de um.

Mesmo com os mortais deixando a cúpula, ainda havia gente suficiente para escondê-

los de uma dúzia de Seirs.

Kara assentiu com a cabeça e colocou o Arath no bolso da frente do seu jeans: — Eu também o vi, mas ele desapareceu como o outro. É como se eles

estivessem brincando de esconde-esconde. Não faz qualquer sentido - eles nunca se esconderam antes - apenas atacavam e pronto.

— Acho que não estão se escondendo — disse David. — Acho que estão planejando alguma coisa.

Kara franziu a testa. — Como o quê?

— Ei...galera? Temos companhia — gritou Jenny, e apontou na direção da entrada do panteão.

Um grupo de homens enormes, em uniformes azul marinho passaram pelas grandes portas de bronze. Seus chapéus tinham distintivos dourados, e haviam armas penduradas em cada cintura. As carrancas em seus rostos eram assustadoras.

O alarme parou.

Um zumbido ecoou nos ouvidos de Kara, e ela balançou um dedo em seus tímpanos, para fazer o barulho irritante parar. Mas o zumbido não parou. Ela ouviu gritos e gritos -

os mortais pareciam ainda mais agitado com a chegada da polícia de Roma. Eles escorregavam e caiam no chão de mármore escorregadio. Alguns turistas estavam filmando Kara com seus smartphones. Ela se perguntava se eles conseguiam filmar tudo com sua tecnologia mortal.

Kara foi repentinamente cegada pelo flash de uma câmera. Ela piscou para acabar com as manchas pretas e, quando sua visão melhorou, havia uma jovem em sua frente.

— Alison, eu consegui! — Ela gritou, acenou o com o celular para um grupo de meninas e voltou correndo até elas.

Kara baixou o capuz sobre a cabeça, mas era tarde demais.

Os policiais estavam todos a caminho. Um deles observou a tela do seu celular. Ela olhou para cima, observou Kara e tornou a olhar para a tela. Com uma expressão séria no rosto, ele segurou o telefone para os outros oficiais verem.

— Che è la ragazza — Kara o ouviu dizer, sua voz ecoou pelas paredes da cúpula.

Agora que o Panteão estava quase vazio, soou como se eles estivessem em

sua frente.

Os olhos negros do policial nunca a deixaram. — Lei è il terrorista.

Com as mãos nos bolsos, Peter murmurou com o canto da boca: — Eu não falo italiano, mas sei que ele te chamou de terrorista.

— Eu sabia que esse dia ia ser uma porcaria — disse David. — E eu ainda não tive a chance de chutar o traseiro de um único Seir. — Ele suspirou e sorriu. — A vida não é justa.

Tatiana os apressou:

— Isso não é bom, meus amigos. A polícia acha que você é uma terrorista, Kara. Eles acham que você é responsável pelas epidemias em todo o mundo. Mas como isso é possível? — Ela olhou para Kara com desconfiança.

— Eu sei, eu ouvi - é uma longa história.

— Eles vão atirar em você — disse Tatiana, seu rosto estava triste. — E em nós, se ficarmos no caminho.

Kara se virou para David, que estava sorrindo e posando para o mesmo grupo de garotas que a tinha fotografado momentos antes. Típico. Ela revirou os olhos e olhou para outro lugar.

— Não podemos deixá-los atirar em nós — sussurrou Peter. — Em primeiro lugar, estamos sendo filmados - balas não podem nos ferir - eles vão perceber assim que começarem a atirar.

— Tem razão — disse Jenny, olhando para os oficiais. — Não podemos ser vistos levando um tiro. Se isso vazar na net - nosso disfarce será descoberto.

— Sem mencionar nossos empregos — disse Peter.

— Então é melhor ir andando; eles já estão a postos — disse Kara.

Os oficiais de polícia sacaram suas armas. O comandante rugiu ordens em italiano, e os policiais avançaram.

— Vamos!

Kara correu pela cúpula. Pelo canto do olho, ela viu Tatiana, Tony, e Roberto se separarem e interceptarem a polícia. Gritos raivosos ecoaram pela cúpula, mas ela não parou para ver o resultado, apenas rezou para que eles não morressem.

Com Jenny, David e Peter correndo ao seu lado, os anjos atravessaram o piso de mármore.

— Pare! — Kara ouvi alguém gritar atrás dela, com um forte sotaque italiano. — Pare, ou atiramos! Parem agora!

Kara olhou para Peter por cima do ombro.

— Vai ser mais fácil se nos separarmos—

Bang!

Uma bala passou de raspão por seu rosto.

— Eles enlouqueceram? Nós nem estamos armados! — gritou David, enquanto saltava por cima de uma bancada de pedra.

Bang! Bang! BANG!

— Para o chão! — Gritou Kara.

Os quatro caíram sobre o chão frio de mármore. Alguns disparos passaram sobre suas cabeças. Uma delas ricocheteou no chão ao lado do rosto de Kara.

Kara estendeu a mão e agarrou um projétil. Ela o apertou entre os dedos: — Balas de borracha! Por que estão atirando em nós com balas de borracha?

— Provavelmente porque balas verdadeiras arruinariam o prédio — disse Peter, enquanto colocava algumas balas de borracha no bolso.

— Se eles não podem nos matar com essas coisas, por que estão atirando? — perguntou Jenny.

Peter examinou a bala mais de perto:

— Elas definitivamente poderiam deixar um mortal inconsciente ou quebrar algumas costelas.

— É o nosso dia de sorte, eu acho — David riu. — Não podem matar o que já está morto.

O chão tremeu contra o peito de Kara. Botas ecoam ao redor deles. Ela se colocou de pé. Os policiais estavam apenas alguns metros de distância.

— De pé! Rápido!

Eles levantaram e correram; seus trajes M-5 eram bem leves e ágeis. Uma pressão súbita atingiu Kara nas costas, e depois outra. Balas de borracha

ricocheteavam em seu corpo e caíam no chão como bolas de pingue-pongue. Kara se esforçou para não rir. Os oficiais eventualmente iriam perceber que algo estava errado.

Kara tropeçou e fingiu ter se machucado. Ela gemeu, tocou o “ferimento” e desacelerou um pouco. Ela percebeu a expressão confusa no rosto de David e piscou.

O rosto de David se iluminou:

— Você é uma ótima atriz, senhorita Nightingale. Devia estar na Broadway. Me dá seu autógrafo?

— Não me faça rir, David. Estão nos filmando; precisamos fingir que estamos feridos.

Os outros entenderam e diminuíram o ritmo. Os oficiais disparavam mais balas de borracha, quase nunca errando os alvos, mas os anjos continuavam correndo. Gritos raivosos ecoaram em italiano atrás deles. Os oficiais estavam lívidos; em breve, eles perceberiam que algo estava errado.

— Não podemos continuar fingindo. — disse Peter, enquanto se esquivava de um tiro.

— Nós temos que sair daqui.

Kara sabia que ele estava certo:

— Vamos nos separar; isso vai dificultar as coisas para eles. E sou eu que eles querem, de qualquer forma. Eu vou chamar a atenção deles, enquanto vocês correm para a saída. Nos encontramos na fonte.

— Nem sonhando eu vou deixar você sozinha — disse David, com uma expressão determinada no rosto.

— Não. Vá com eles. Vejo vocês daqui a cinco minutos. Leve Thor e Poochie com você.

David parecia magoado, mas os outros assentiram com a cabeça.

— No três... — Disse Kara, lentamente. — Um, dois, três!

Os anjos se dividiram.

Kara se virou e correu diretamente para muralha de policiais. Eles estavam quase em cima dela. No último momento, ela se esquivou deles. Recebendo os

tiros diretamente, ela abusou um pouco do seu traje M-5. Expressões atordoadas marcavam os rostos dos policiais, enquanto Kara passava feito um borrão por eles. Com o som de carne batendo em carne, os oficiais despencaram uns sobre os outros e caíram como pinos de boliche.

Eles se colocaram de pé rapidamente, com as mãos cobrindo membros machucados e gritando. Aparentemente, só o orgulho deles se feriu gravemente. Kara parou e sorriu para eles por um momento. Isso os deixou possessos.

Os policiais atacaram com uma fúria renovada, brandindo suas armas. Palas acertaram o peito de Kara e ela tropeçou, ainda encenando. Com o canto do olho, ela viu um cabelo roxo perto das grandes portas de bronze. Jenny havia conseguido sair.

Seu plano estava funcionando. Desde que os policiais continuassem a perseguindo, os outros estariam seguros.

Kara esperou até os outros saírem e depois correu pela cúpula. Quando viu David desaparecer pelas portas, ela contornou o panteão uma última vez. Ela se esquivou tanto quanto podia antes de ir em direção à saída.

As grandes portas de bronze estavam à frente. Sem turistas para comprometer sua identidade, fotografando com suas câmeras e telefones, Kara forçou seu traje M-5 mais um pouco e disparou para as portas. Os policiais se esforçavam para persegui-la, perplexos com sua velocidade.

Kara correu para a praça. O lugar estava cheio de mortais. Musica tocava, turistas dançavam e o cheiro de cerveja e comida enchia o ar.

Kara chegou até a fonte e olhou ao redor.

David e os outros não estavam lá.

Capítulo 14

A Traição

— **N**ada de pânico. — Kara observava a praça. Os mortais se sentavam na fonte e tomavam suas bebidas, apreciando o ar festivo. Ela correu duas vezes ao redor da fonte, procurando freneticamente pelos outros. Nada. Eles não estavam lá. Ela começou a entrar em pânico. O que aconteceu com eles? Os Seirs os pegaram? Havia outra fonte?

Gritos de raiva interromperam a música festiva. Os mesmos oficiais do panteão avistaram Kara. Eles empurravam homens e mulheres e seguiam em direção a ela.

Sem hesitar, Kara se misturou com a multidão. Ela entrou em um grupo de garotas da sua idade e as seguiu. Quando olhou por cima do ombro, os policiais estavam na fonte.

Eles a circulavam enquanto mandavam os turistas saírem do caminho, acenando dramaticamente com as mãos. Enquanto se movia com o grupo de garotas, Kara procurava seus amigos. O que estava acontecendo?

Ela sentiu medo, pois sabia que seus amigos nunca iriam embora sem ela. Algo deve ter acontecido. Será que eles foram emboscados pelos Seirs e pularam na água? Não, havia muitos mortais por perto - seria arriscado. Então onde estavam eles? O que tinha acontecido?

— Vi è il terrorista! — A polícia a encontrou. Eles abriram caminho pelos turistas enquanto corriam por toda praça em direção a ela.

Kara gemeu. Ela sabia que ela não podia ficar na Praça - não com o Arath no bolso. Os amigos dela obviamente tinham ido embora. Ela decidiu procurá-los pela cidade antes de partir para o horizonte. Embora a prioridade fosse levar a arma em segurança, ela pensava que ainda restava bastante tempo para procurá-los.

Ela saiu de perto das garotas e desapareceu no fluxo da cidade. Com o rosto escondido sob o capuz, deixou os policiais para trás.

Em pouco tempo, o ruído da praça foi substituído pelos sons dos carros e

restaurantes ocupados. O Arath feria sua carne mortal a cada passo que ela dava, uma lembrança constante da urgência da missão. Kara gastou vinte minutos procurando os amigos, antes de voltar para o horizonte. Decidida a encontrá-los, ela deu uma guinada à esquerda no final de um corredor e colidiu com dois policiais.

Kara sorriu se desculpando:

— Com licença — disse ela, lembrando o pouco de italiano que aprendeu com seus amigos em casa.

Ela estudou os homens - não eram os oficiais de polícia que a perseguiram no Panteão. Esses caras eram diferentes. Talvez não estivessem procurando uma garota terrorista.

Ela baixou a cabeça e se afastou deles, mas subitamente, mãos fortes a agarraram pelos braços e a empurraram contra um edifício de pedra. Sua cabeça bateu contra a pedra dura.

— Ei, cuidado. — Kara estava borbulhando de raiva.

Ela golpeou e empurrou os oficiais com as palmas das mãos. Os homens voaram para trás, como se tivessem sido puxados por uma corda invisível. Mas os oficiais se recuperaram rapidamente, e não pareciam chocados com sua força. Estranho. Quem eram eles, realmente?

Algo queimava contra seu peito. Kara procurou no interior de sua camisa e puxou a ampulheta de cristal. A luz brilhou forte e depois diminuiu. Seus olhos se arregalaram. Ela só tinha cinco horas para encontrar as crianças.

Os oficiais avançaram. Antes que Kara entendesse o que estava acontecendo, uma lâmina surgiu em uma das mãos do policial. Vapores negros a prendiam ao pulso dele.

Em um piscar de olhos, ele atacou o pescoço de Kara, que largou a ampulheta de cristal.

— Não si muovono — ele disse, sua podia sentir o cheiro do hálito quente do policial.

Ela adivinhou que a ordem era para não se mexer.

Ele sorriu, chocado. O policial olhou para a ampulheta de cristal e para os olhos de Kara. A borda da lâmina queimava a pele dela, os vapores a faziam

piscar. Como esses mortais tinham lâminas de morte? As bordas do Arath feriam seu traje M-5.

Os oficiais se esconderam entre os transeuntes e esperaram. Kara Xingou baixinho.

Ela tinha feito uma grande confusão, logo quando estava prestes a terminar sua missão.

Recobrando o juízo, ela começou a pensar em uma rota de fuga. A prioridade era levar a arma em segurança até o horizonte.

Os oficiais se moviam nervosamente, olhando por cima dos ombros a cada segundo.

Kara franziu a testa. O que eles estavam esperando?

A resposta chegou com um alto barulho de pneus derrapando sobre a rua de paralelepípedos. Um utilitário preto encostou ao lado deles. As portas se abriram subitamente e três Seirs saíram do veículo. Seus longos casacos negros roçavam no chão enquanto eles vinham em direção a Kara e seus captores. Seus rostos brancos davam calafrios em Kara. Um dos Seirs tinham um grande saco preto. Ele a ofereceu para os oficiais. Um deles a largou e se adiantou.

— Obrigado — disse o Seir, quando entregou o saco. — Il pagamento per il vostro fermo.

O policial abriu a mochila, e Kara notas multicoloridas lá dentro. O policial sorriu e apertou a mão da Seirs. Ele assobiou e o outro policial soltou Kara.

Mas antes que ela pudesse correr, uma dor excruciante explodiu em seu abdômen, enquanto o veneno de uma lâmina da morte o queimava como fogo líquido. Kara gritou, enquanto um dos Seirs amarrava seus pulsos. Uma grande mão cobriu sua boca, abafando os gritos. A mão fedia a sal e óleo. A lâmina rasgou mais profundamente em seu peito. Ela parou de lutar, e o Seir a soltou e descobriu sua boca.

Kara olhou para os oficiais com tanta maldade quanto pôde reunir: — Como podem fazer isso? Vocês deveriam ser os mocinhos. Você é da polícia. Por que estão fazendo isso? — rosnou ela, sem ter certeza de que eles entendiam inglês. A única certeza é que eles entendiam a expressão em seu rosto. Os oficiais a ignoraram; seus olhos não saíram do conteúdo do saco.

O futuro do mundo mortal havia sido trocado por um saco cheio de dinheiro. Ela se sentia doente. Tolos ignorantes, ela xingou.

Ela assistiu, impotente, os oficiais irem embora com seu dinheiro. Isso não podia estar acontecendo.

Os três Seirs ridicularizavam Kara. Seus olhos brilhavam sombriamente em seus rostos pálidos - eles pareciam demônios superiores, não mortais.

— O que você está olhando? Não vai me matar agora? — Kara cuspiu. — Não quer sua estúpida recompensa? Não é para isso que gastaram todo aquele dinheiro? Vocês não querem a minha alma?

O Seir apenas sorriu. Isso a enfureceu.

— Meus amigos sensitivos estão a caminho - um exército deles. Eles estarão aqui a qualquer momento. Você vai se arrepender do que fez.

— Não há ninguém aqui para te salvar, anjo — disse o líder Seir. — Você pode gritar o quanto quiser por seus amigos, mas eles não virão. Você está sozinha... e não pode lutar.

Os seus assim chamados poderes não podem ajudá-la agora; você está indefesa. Sua alma nos pertence.

Kara franziu a testa:

— Você está errado. Eles virão, e vocês vão pagar por isso, pode acreditar.

O rosto do Seir se contorceu em um sorriso maligno. Ele acariciou a bochecha de Kara com um dedo sujo. O cheiro de podridão encheu o nariz dela, e ela balançou a cabeça para se livrar do toque.

— Diga-me então... onde estão seus amigos agora, anjo? Onde está este exército de sensitivos? — Levantando os braços no ar, ele recuou e fez um gesto para a rua. Ele riu da expressão preocupada de Kara. — Encare a verdade como ela é - eles abandonaram você. Deixaram você para morrer.

— Você está mentindo. — Kara lutou para controlar suas emoções, mas ela sabia que seu rosto a traía. Talvez David tenha ido embora porque não confiava mais nela. Ela deveria ter lhe dado o Arath; pelo menos, a arma estaria mais segura com ele.

— É verdade — pressionou o Seir — e pela expressão em seu rosto, tenho certeza de que você sabe disso. Eles a abandonaram porque você é perigosa.

Uma estranha entre sua própria espécie, que ninguém quer ter por perto.

Kara imaginava que o Seir pudesse sentir a escuridão dentro dela. Era isso que ele queria dizer com ela ser perigosa? Ela sentiu uma pontada de dor no peito. Seus amigos podiam sentir aquela escuridão? Foi por isso que eles não a esperaram na fonte? Não, não é possível.

— David! Socorro! — A voz de Kara ficou presa na garganta, quando uma mão foi novamente pressionada contra sua boca. Uma mistura de sal, óleo e graxa encheu seu nariz, e ela preferiu não pensar mais sobre o assunto. Ela teria que descobrir uma maneira de escapar desta encrenca sem ferir os Seirs. Seu tempo estava acabando, e ela precisava manter sua promessa ao Ancião Otis. Ela não podia deixar a Lilith machucar as crianças.

Kara sentiu seus pés deixarem o chão, enquanto braços fortes a agarravam. A rua em torno dela mudou, e ela foi lançada no porta-malas do utilitário.

Ela tentou lugar, mas um Seir cravou outra lâmina da morte na parte inferior das suas costas. Kara caiu para frente, paralisada pelo veneno da lâmina.

Alguém colocou um saco preto em sua cabeça.

O mundo ao redor dela ficou escuro, e ela gritou.

Capítulo 15

Uma Cidade Sobre Rodas

A pós uma hora viajando, Kara sentiu o veículo desacelerar até parar. O motor afogou.

Portas se abriram e botas rasparam o chão. Houve um clique. Ela sentiu uma liberação de pressão, e soube que a porta do caminhão havia sido aberta. Uma brisa suave atravessou o saco. Kara inclinou a cabeça quando ouviu alguém de pé próximo a ela.

Onde eles a entregariam para Lilith? Para onde eles a levariam?

O veneno das lâminas queimava sua carne mortal. O Arath cutucava sua coxa. Até agora, os Seirs não pareciam saber da existência dele. O interesse deles parecia recair todo sobre Kara, e ela esperava que continuasse desse jeito.

A lâmina foi arrancada de suas costas, e Kara gritou. A lâmina em seu abdômen continuou lá, cravada em seu traje como um verme comedor de carne. Mãos fortes a agarraram, e ela foi retirada do porta malas. Ela ouviu o murmúrio distante do tráfego.

Os sons festivos da cidade haviam desaparecido. Para onde eles a levaram?

Kara forçou suas algemas, mas nada aconteceu; ela não era forte o suficiente para quebrá-las. As lâminas estavam alojadas em seu corpo por mais de uma hora, sugando lentamente sua energia. Kara se esforçou para manter seu poder elemental sob controle.

Era como tentar domar um cão selvagem, quando tudo que ele queria era se libertar. Ela queria lutar, mas sabia que a escuridão assumiria o controle, transformando-a em uma espécie de monstro demoníaco. Este pensamento a fez estremecer.

Ela desejou que David estivesse ali.

Alguém a agarrou e arrastou para frente, fazendo a lâmina cravar mais fundo a cada passo.

— Para onde você está me levando? — sibilou Não houve resposta.

— Você pode pelo menos tirar este saco? Prometo que não vou abrir meus olhos.

Houve outro clique. Então, ela ouviu um barulho alto e o clangor de metal contra metal. Parecia que uma grande porta tinha sido aberta. Kara foi arrastada mais alguns passos para frente. Um estrondo ensurdecedor atrás dela foi seguido por outro clique.

Agora ela podia ouvir o clique de uma engenhoca, como se estivesse em um lugar no qual centenas de relógios estivessem funcionando. O chão tremeu sob seus pés. Eles estavam dentro de um relógio gigante? Além do som de botas, ela também podia ouvir um barulho de água.

Água. Kara me sentiu uma pontada de esperança.

Com um puxão repentino, o saco foi removido de sua cabeça.

Kara piscava para se adaptar à escuridão, enquanto o Seir a puxava. Seus pés bateram em algo duro e ela tropeçou. O Seir a colocou de pé novamente. Após alguns momentos, seus olhos de adaptaram. Ela podia ver canos que passavam por toda a extensão do corredor. Rachaduras e grandes buracos pontilhavam a parede, como se uma bomba tivesse explodido ali. A parede estava manchada de marrom, o ar estava quente e cheirava a esgotos com mais de cem anos de idade. O cheiro repugnante não pareceu incomodar o Seir. Talvez eles fossem tão podres que não conseguiam diferenciar o próprio cheiro daquele. Uma coisa era certa...eles não estavam em um relógio gigante.

Então o que estava fazendo todo aquele barulho?

À medida que se aventuravam pelo túnel, o cheiro de esgoto foi substituído por um cheiro de óleo, como o de uma oficina mecânica. O odor se prendia à pele de Kara. Ela limpou a testa com as mãos, e seus dedos ficaram negros.

Baratas do tamanho de ratos fugiam enquanto o Seir adentrava no túnel. Algo peludo, do tamanho de um gato se apertou em uma fissura no teto. Oito olhos brilhantes e vermelhos olhavam para baixo. Kara estava tensa, mas só via escuridão no fim do túnel.

Para onde a estavam levando?

O túnel terminou abruptamente em uma grande sala sem janelas. Um elevador de gaiola de metal enferrujado ocupava o meio da sala. O barulho da engenhoca ainda reverberava ao redor dela. Kara tinha certeza que o que estava

fazendo o chão vibrar estava em outro andar.

O líder dos Seir passou pela porta aberta da gaiola. Os outros dois arrastaram Kara para a plataforma e ficaram um de cada lado dela.

— Onde estamos indo? O que está fazendo todo esse barulho?

Os Seirs ignoraram Kara novamente. Com um empurrão, o elevador começou a descer. Houve um barulho bem alto de metal quando a plataforma desceu em direção à escuridão. Kara olhou pela borda. Nada além de escuridão a rodeava. A princípio, o elevador se moveu lentamente, mas depois ele acelerou. Kara perdeu o equilíbrio e caiu no chão de metal. Lutando contra a força da gravidade, ela conseguiu ficar de pé.

Paredes turvas passavam por eles, rápidas demais para serem examinadas. Até qual velocidade aquela geringonça chegava? O som do vento abafou o barulho da máquina.

Eles estavam sendo puxados para o abismo. Kara sentia uma pressão em seu peito. Seus membros ficavam mais e mais pesados. O elevador descia cada vez mais. Os Seirs estavam com as pernas separadas e os braços ao lado do corpo. Era evidente que eles já haviam feito esta descida antes.

Kara percebeu que a única maneira de entrar e sair do local para onde eles estavam indo era este elevador. Ela precisava voltar até ele para escapar. Ela teria que se libertar das algemas e colocar o elevador para funcionar de alguma forma. Para começar, seria necessário algo afiado para cortar as algemas. Se conseguisse passar os braços por cima da cabeça, ela poderia usar a lâmina da morte em seu abdômen para se libertar...

Finalmente, o elevador balançou violentamente e parou. O líder dos Seir abriu a gaiola e saiu do elevador. Os outros dois agarraram Kara pelos braços e a puxaram para fora.

Ainda vacilante, ela tropeçou e olhou ao redor.

Kara estava perante uma vasta caverna, que desaparecia ao longe. Uma máquina gigante de metal com rodas enormes estava parada no chão da caverna. Aquilo parecia um tanque muito nervoso. Seu gigantesco corpo fora construído com milhares de partes diferentes de aço, cobre e alumínio, atados a sua base, como as engrenagens de um relógio. Tubos e fios de metal envolviam seu núcleo como veias salientes. Uma fileira de janelas acima do nariz da embarcação

parecia os olhos da coisa. Dois dispositivos de metal com garras nas extremidades brotavam da frente da engenhoca, e Kara imaginou que o monstro de metal era capaz de escavar a rocha, como uma toupeira. Aquilo parecia um cruzamento entre um submarino e um escorpião gigante.

A caverna tremeu repentinamente quando um dos motores da engenhoca ganhou vida, e nuvens de fumaça negra escoaram dela através de buracos em torno do corpo da besta.

Kara franziu a testa enquanto inspecionava a enorme máquina. Então era daqui que vinha o barulho. Ela sentiu o solo úmido e o calcário misturado com óleo. O barulho de metal batendo em metal encheu o ar ao redor deles. Líquido negro escorria de rachaduras no metal, como um sangue negro. Havia esferas de vidro verdes e brilhantes no alto dos olhos da engenhoca. A eletricidade dentro destas esferas iluminava a caverna com um brilho fantasmagórico. Kara se lembrou imediatamente de Morthdu.

Mas este não era o submundo. Eles ainda estavam na terra, nas profundezas da terra.

A máquina gigante era algo totalmente diferente.

Finalmente, Kara conseguiu falar.

— O que é aquilo?

O líder dos Seirs caminhou na frente dela sem olhar para trás — O rei gostaria de ter uma palavrinha com você.

Kara sufocou uma gargalhada e depois franziu a testa.

— O rei? Vocês têm um rei? Sério?

O Seir a ignorou e a puxou. A ideia de existir um rei Seir era ruim, muito ruim. Eles tinham que estar brincando.

Os Seirs puxaram Kara por um lance de escadas esculpidas ao lado da caverna. O

trovoar do metal ecoou acima deles.

Logo que chegaram ao fundo, a máquina gigante se elevou sobre eles como uma montanha de aço. Uma escada saiu dela. Os Seirs levaram Kara por ela até duas portas de ferro colossais. Duas esculturas gigantes de ferro ladeavam a entrada, e sua aparência era a de dois soldados guardando o palácio. Suas faces

foram esculpidas com horríveis expressões de medo.

Os olhos de Kara doíam por causa do ar quente, e ela os esfregou contra os ombros. O

líder dos Seirs acenou com a mão e as duas portas de ferro começaram a se abrir. Ela seguiu o Seir pela entrada.

Na sala principal, uma selva de saídas e curvas formavam um labirinto espetacular.

Kara se sentiu claustrofóbica, mesmo no espaço enorme. Algo parecia errado naquele lugar. Atordoada, ela olhou para baixo. Havia cinco andares diferentes abaixo, como em um antigo navio de cruzeiro. Escadarias e corredores levaram para longe em todas as direções.

Grupos de Seirs olhavam quando ela passava. Ela ficou surpresa por ninguém tê-la matado ali mesmo, apesar de tantos olhares de ódio. Suas cabeças carecas brilhavam com uma luz fraca com um tom de verde esmeralda, e pareciam mais bolas de tênis do que cabeças de verdade.

Um líquido negro escorria da cabeça dela. Kara limpou o rosto no ombro e olhou para o chão. Poças de líquido preto manchavam o caminho. A engenhoca estava sangrando nela? Cuspindo? Kara continuou andando.

Um sussurro de música parecia se misturar com a cacofonia da máquina. Ela se esticou para ouvir. Era o som de um órgão tocando. Quem estaria tocando música clássica em um lugar como este?

Finalmente, eles alcançaram uma sala oval no final da máquina. A wall of glass tubes with green current flowing through them hung from the twenty-foot ceiling like moving drapes. Através de janelas, Kara podia ver as pedras irregulares da caverna.

Então aquela era a sala de comando daquela máquina.

Embaixo das janelas, havia um estrado de metal redondo e grande. Um grande cristal verde, do tamanho de um homem adulto, descansava no meio da plataforma. Uma luz verde piscava dentro da superfície de vidro como uma estrela saltitante. Doze Seirs estavam próximos à plataforma, junto ao estrado. Kara seguiu o olhar deles.

Havia uma grande estátua de uma criatura sentada em um trono de aço em

cima deles. Seus braços, que pareciam braços e um inseto, descansavam nos braços da cadeira, enquanto quatro pernas metálicas repousavam mais embaixo. Havia uma cabeça preta e pequena, que parecia ser feita de água. Líquido negro escorria para o exterior da estátua. Kara podia ver que tecidos moles, ou carne, estavam enrolados dentro dos fios e tubos. Aquilo quase parecia vivo.

Canos de metal estavam posicionados atrás da estátua, como um órgão de tubos gigante. Líquido negro borbulhava e escorria dos tubos, que se pareciam com flautas. Do outro lado da sala, um relógio gigante fazia um tique-taque ameaçador. Ela podia sentir seu ritmo pulsar através de suas botas.

Os olhos de Kara se voltaram para a estátua. Então os Seirs estavam adorando uma estátua? Que estranho!

A estátua se moveu.

Kara engasgou.

Ela olhou nos olhos da abominável criação de metal e carne. A criatura inclinou-se na sua cadeira, abriu a sua boca e falou com uma voz mecânica, com a potência de um trovão.

— Bem-vinda, Kara. Esperei por sua alma.

Capítulo 16

O Rei Seir

Os seirs soltaram Kara na plataforma. Eles se curvaram e se afastaram. Kara ficou sozinha na frente do rei Seir.

Seus olhos cinzentos eram as únicas coisas que ainda pareciam humanas. Ele a observou por um momento. Parafusos e fios se projetavam da sua cabeça. Artérias e veias de plástico e metal pulsante eram como teias em sua carne. Ele se levantou lentamente. As quatro pernas de inseto se desdobraram e, sem mais uma palavra, ele se virou para o órgão gigante. O rei se sentou em um pequeno banco de ferro.

Com os olhos fechados e o rosto imerso em concentração, o rei trovejou uma versão maníaca da quinta sinfonia de Mozart. A terra tremeu.

Kara ergueu suas sobrancelhas. Com todos aqueles fios e tubos, não havia quase nada de mortal nele. Ele era mais uma criatura de metal do que um ser de carne e osso.

O rei parou de tocar repentinamente, embora suas mãos continuassem a acariciar as teclas.

— Há uma arma dentro do bolso das suas calças — disse o rei, sem se virar. Sua voz ressoou pela câmara. — Traga para mim.

Em um momento de pânico, Kara perdeu o equilíbrio e tropeçou. Ela se enrijeceu e chorou quando a lâmina em seu abdômen escorregou mais para dentro do seu corpo.

Vapores negros queimavam os olhos de Kara enquanto ela lutava com as mãos que a colocavam de pé novamente.

— Me soltem! Não me toquem! — Ela rosnou e lutou tanto quanto podia, mas sentiu o peso da arma desaparecer do seu bolso. Como o rei Seir soube? O corpo de Kara ficou mole, e ela suspirou de frustração. Ela observou o Seir examinar o Arath. Seu cristal era iridescente na suave luz verde, fazendo o objeto parecer mais turquesa do que azul. Ele se aproximou do rei e se ajoelhou, com o braço esticado e a arma na mão.

O rei girou em seu assento, se inclinou e apertou o Arath. Ele acariciou o objeto com seus dedos metálicos. Após estudar a arma por um momento, ele se levantou e caminhou até seu trono de metal. Ele colocou a arma cuidadosamente em cima de uma mesa lateral enferrujada. O rei se sentou, e vapores verdes e brilhantes surgiram da sua mão e em torno dos seus dedos. Torrentes de energia surgiam do seu braço e fluíam em direção ao cristal gigante, girando em torno dele como um cachecol feito de névoa.

Kara franziu a testa. Como um mortal podia fazer aquilo? Parecia que ele tinha poderes demoníacos, mas como isso seria possível? Ele não era um demônio, independente de que tipo de máquina estivesse ligado a ele. Kara sabia que aquele mecanismo o mantinha vivo. Demônios eram entidades sobrenaturais. Não precisavam de nada do tipo, pois não estavam vivos.

O cristal brilhava. A luz que emanava de dentro dele era brilhante como uma estrela.

Os Seirs presentes estavam com sua atenção voltada para o brilho do cristal, como se estivessem assistindo a um programa de televisão.

Para o horror de Kara, uma imagem enorme de Lilith apareceu no cristal. O rosto dela se iluminou com a visão de Kara.

— Você fez bem, rei Seir — disse Lilith, e sua voz ecoava como se estivesse amplificada por um megafone. Seus olhos negros se voltaram para Kara novamente. — Ela estava com a arma?

— Sim, senhora — disse o rei, e Kara ouvi uma nota de aborrecimento em seu tom. — Aqui está. — Ele ergueu seu braço mecânico e apontou para a pirâmide azul ao lado dele.

Os olhos de Lilith se arregalaram.

— Que maravilha! Eu sabia que podia contar com você, querida irmã, para encontrar o outro pedaço da arma. Você e sua legião são tão pateticamente previsíveis. Você entrou tão facilmente no meu jogo, e tudo que eu precisei fazer foi sentar e esperar você trazer a arma para mim. Os anjos são tão inúteis quanto seus amados mortais. Guarde minhas palavras, você se juntará a eles em breve.

Kara piscou e foi tomada por uma vertigem. À medida que ela se concentrava no Arath que estava na mesa, o mundo ao seu redor mudava. Ela falhou; Lilith a havia feito de boba para ela pegar a arma. Com ambas as partes

da arma, Lilith se tornaria invencível, e a culpa era de Kara. Ela queria gritar, mas sua voz estava presa na garganta.

— Que foi? Quer dizer alguma coisa, querida irmã? — disse Lilith, se divertindo. — Não? Não vai dizer nada? Que estranho. Geralmente, você é um tagarela, uma garota sabe-tudo e irritante. Acho que dá para perceber que o seu fim está próximo. — Uma expressão de satisfação surgiu no rosto de Lilith. Como uma colegial, ela aplaudiu e riu histericamente.

Kara queria arrancar o sorriso do rosto de Lilith com um tapa, junto com um punhado do cabelo dela. Mas quanto mais ela lutava, mais a lâmina a feria.

A atenção de Lilith se voltou para o rei Seir.

— Prepare-a para mim. Eu tenho alguns assuntos para resolver, mas estarei de volta dentro de uma hora para buscá-la e lhe dar sua recompensa.

O rei Seir ficou em silêncio por um momento. Ela avaliou Kara novamente e se voltou para Lilith. O rei curvou sua cabeça

— Claro, senhora. Seu desejo é uma ordem. — Novamente, Kara havia detectado um ressentimento no tom de voz do rei, mas Lilith parecia não ter notado, ou simplesmente não se importava. O rosto dela se iluminou em deleite.

— Vejo você em breve, querida irmã. Temos muito para conversar. Beijinhos. — Com um brilho súbito, o rosto de Lilith sumiu e a luz do cristal se dissipou.

Kara baixou os olhos. O veneno da lâmina se intensificava a cada minuto. Que tola ela havia sido, ao se deixar enganar pela meia-irmã. Seu excesso de confiança se tornou um erro grave. O que ela faria agora? Lilith viria para buscar a arma, e Kara estava algemada, ferida e indefesa. O desespero era ainda pior do que o veneno da lâmina.

— Meu rei? — Uma voz resmungou atrás dela, e Kara reconheceu o líder Seir que a acompanhou até ali. — Podemos preparar o anjo para a chegada da nossa senhora? — O

Seir se aproximou do rei e se curvou.

O rei piscou e começou a cantarolar uma melodia.

O líder Seir se levantou lentamente e observou Kara com um olhar malévolo. Ele lambeu os lábios rachados.

— Se lhe agradar, meu rei, eu mesmo farei isso. Seria um grande prazer mostrar ao anjo o significado da verdadeira morte.

Continuando a melodia, o rei endireitou a postura e levantou suas mãos mecânicas.

Ele acenava para lá e para cá, como se estivesse conduzindo uma orquestra.

O Seir continuou: — É claro que sua alma será guardada para a senhora...

— NÃO! — a voz do rei Seir reverberou por toda câmara. Pedaços de metal se partiram nas paredes e no chão. — Você não fará tal coisa. — O líder dos Seir caiu de joelhos e abaixou a cabeça. A massa de Seirs abaixo da plataforma seguiu seu exemplo.

— Sim, meu rei. Não quis desrespeitá-lo, e peço desculpas.

O rei relaxou.

— Ligue os motores. Saímos em quinze minutos.

— Sim, meu rei, ao seu comando — disse o líder Seir, que saiu da câmara e desapareceu no corredor.

Os olhos cinzentos do rei se voltaram para Kara — Prepare a cadeira de essência. Não é educado deixar nossa convidada especial de pé. Ela deve se sentar para o ritual, como todos os outros antes dela fizeram. — Quatro Seirs se curvaram e desapareceram por um arco sombrio de pedra. O resto dos presentes se curvou e deixou a câmara com sorrisos satisfeitos nos rostos pálidos. Kara podia ouvir sussurros, mas não conseguia entender o que eles diziam. Estava claro que os servos concordavam com o rei sobre algo.

Kara franziu a testa. A Lilith não disse que estaria de volta em uma hora?

— Bem... o que é esse ritual? — Kara perguntou. — É parte da recompensa? O que você vai fazer comigo? — Ela sentiu que o rei não estava feliz com Lilith. Ele parecia estar desobedecendo ela. Mas o que ele planejava fazer com a Kara? E a arma? Ela ficou esquecida na mesa ao lado.

Se ao menos ela pudesse chegar perto o suficiente...

O rei a ignorou e olhou de relance para algo subindo pela parede. Ele pegou uma pequena centopeia. Ela se contorceu impotente entre os dedos metálicos, e o rei a colocou na boca. O barulho da mastigação quebrou o silêncio. Ele lambeu o lodo verde dos cantos da boca com a língua negra. Com a boca cheia de coragem

e patas de inseto, ele finalmente falou.

— Hum. Não vou entregar você aos caprichos daquele demônio — disse ele. — Ela não é digna do título. É uma tola que pensa que eu obedeço seus comandos. Eu sou o rei dos Seirs, e ela é apenas um incômodo. Não tem autoridade sobre mim. — Kara notou os sorrisos satisfeitos dos Seirs que a prendiam.

Kara ergueu as sobrancelhas

— Então, se você não vai me entregar de bandeja para a Lilith, o que vai fazer comigo?

Se não era a Lilith, quem seria? Quem mais queria um pedaço dela? Kara se assustou.

E se o rei fosse aliado de Morthdu? E se Morthdu tivesse poder sobre o rei Seir? Isso explicaria o poder de controlar aquele cristal. A escuridão que ela havia sentido era o mesmo tipo de sensação gelada, que ela sentia quando Morthdu havia falado com ela.

Como ela e Morthdu estavam ligados?

O rei ridicularizava Kara com seus olhos cinzentos e frios.

— Eu vou ingerir sua alma e me tornar o demônio mais poderoso de todos.

Capítulo 17

A Cadeira das Essências

Kara balançou a cabeça**.** Aquilo não fazia nenhum sentido. Os mortais não podiam ingerir almas. O rei Seir era mais metal do que carne, mas ele ainda era um mortal, mais ou menos. Ou não?

Kara estremeceu enquanto o veneno da lâmina queimava sua carne mortal. Em breve, ela não seria capaz de suportar mais.

— Isso é loucura. Você não pode ingerir almas — disse ela depois de um tempo, sua voz ecoando à sua volta. — Você é mortal; não é possível. — ela deduziu que o rei estava delirando.

O rei Seir sorriu pela primeira vez, revelando fileiras de dentes afiados de metal semelhantes a pequenos punhais:

— Mas você está errada, anjo. Eu não sou um mero mortal. — O sorriso dele se ampliou diante do olhar confuso dela. — Eu existo há muitos séculos - nenhum mero mortal poderia viver tanto tempo, poderia? Eu sou algo totalmente diferente. — sua expressão se abriu em um sorriso.

— O que você é então? Uma máquina? Como você continua vivendo por tanto tempo?

Pelo que podia ver, o rei Seir provavelmente tinha mais de cem anos. Mas séculos, ela gduvidava. Ela examinou seu torso de metal. Parecia mais com a couraça de um guerreiro futurista. Ela se perguntou se haveria um coração batendo por baixo de todos aqueles fios e tubos.

O rei levantou os braços e pôs a mão contra o peito de metal: — Veja, eu tenho sido recompensado por meu comprometimento ao submundo - uma vida prolongada... — Ele girou o dedo no ar — Com benefícios adicionais.

Kara notou que os olhos dele haviam se arregalado com a menção dos benefícios: — Que tipo de benefícios? — Ela perguntou - imaginando que ele esperava que ela o fizesse. Ele parecia interessado em ter esta conversa.

O rei cerrou o punho e o estendeu dramaticamente no ar: — Poder.

Kara fez uma careta. Naturalmente, tudo consistia em poder no tocante a eles.

Quanto mais poder eles tinham, mais gananciosos se tornavam. Os Seirs eram exatamente como os demônios a esse respeito; talvez fosse por isso que eles desejassem se reunir a seus primos do submundo.

— Eu entendo a parte do poder, mas isso não explica como você viveu tanto tempo assim.

O rei inclinou-se para frente em sua cadeira: — Fazendo experimentos com cibernética e lidando com os poderes das trevas...

poderes que teriam matado um homem normal. Mas, principalmente, a extensão da minha vida é resultado do manuseio da essência dos anjos.

Kara sentiu sua alma ser drenada de si. Seus joelhos vacilaram: — A... essência dos anjos? Não... isso é impossível! Isso não faz nenhum sentido. — Ela sentia sua própria essência vazar enquanto ficava ali diante dele.

O sorriso maligno dele confirmava sua suspeita: — Sim - até agora – deploráveis anjos comuns me satisfizeram, prolongando minha vida, sob os ensinamentos do submundo, é claro. Mas agora que eu tenho você... — os olhos dele se arregalaram. — Tudo mudou.

O rei Seir estava usando as almas dos anjos para prolongar sua vida, mas como? Tal ideia era repugnante para Kara. Era loucura. Não fazia nenhum sentido – ele ainda era um mortal. Ela estava lidando com um louco.

Ela encarou o homem à sua frente e se perguntou quantos milhares de anjos haviam morrido para prolongar sua vida. O pensamento a enojava.

— Seja lá qual for o seu plano comigo, ele nunca irá funcionar — bravejou Kara. — Você vai morrer; a minha essência é diferente daquela dos outros anjos. Ela o matará.

— Matar-me? — riu o rei. Ele se levantou com orgulho em suas quatro patas. — Olhe para mim, eu sou mais uma criação do que um homem. Eu não posso ser morto com isso.

E, em breve, serei imortal!

— Todas as coisas morrem — disse Kara sem fôlego. Ela fez uma careta ao som do seu corpo mecânico. Um líquido negro escorria através de tubos

translúcidos ao redor de seu corpo, como transfusões de sangue.

— Quando descobri sobre sua existência — continuou o rei, com suas pernas de metal produzindo o mesmo som que um giz contra um quadro-negro. — Comecei a planejar. Eu sabia que a sua alma em breve seria minha. Eu fui paciente. Sou um homem muito paciente. Esperei a chegada da oportunidade perfeita e a aproveitei.

— Com sua alma angelical, passarei para os outros planos e me tornarei o mais poderoso demônio do submundo. Sua mistura especial da essência angelical, elemental e demoníaca me dará poderes incríveis. Por que se contentar com uma vida como um mero demônio superior quando tenho ao meu alcance a chance de me tornar uma criatura de poder inimaginável? Eu serei o rei dos Seirs, mas, melhor ainda, o rei do mundo dos demônios também! Nada chegara aos pés do meu poder. Lilith se curvará diante de mim!

— As paredes da caverna tremeram, e Kara sentiu uma vibração passar debaixo de suas botas.

— Eu espero há séculos por esta oportunidade, e ela agora é minha — disse o rei com um sorriso satisfeito ao sentar-se de volta em seu trono. — Não há nada no meu caminho. Eu terei a sua essência. Toda ela.

Kara teve uma sensação de déjà vu. Asmodeus havia usado seu poder elemental como um portal para o Espelho das Almas e levado demônios para o mundo mortal. Ela se sentia responsável por aquilo, e a culpa ainda pesava fortemente em seus ombros.

Agora o rei Seir também queria usá-la. Seu poder elemental estremeceu com o ressentimento que ela sentia.

Kara sabia que não tinha muito tempo sobrando. A única maneira de sair dessa situação sem ferir ninguém era correndo. Ela precisava fugir com a arma e encontrar o caminho de volta para o elevador, de alguma forma. Com a lâmina da morte ainda em seu peito e as algemas em seus pulsos, as chances não eram boas. Como se libertar? A única lâmina que ela poderia usar para cortar as algemas estava enterrada em seu peito.

Seu poder elemental borbulhava dentro dela, e ela lutou para controlá-lo. O que aconteceria se ela o usasse? Ela não podia correr o risco de ferir ninguém. Ela teria de escapar à moda antiga - como qualquer outro anjo.

Um rugido ensurdecedor estremeceu a máquina quando os motores ganharam vida.

— Mas Lilith já está a caminho — disse Kara, tentando ignorar os sons dos motores. — Ela estará aqui a qualquer minuto, e ela o deterá. Ela não é tão inútil quanto você pensa.

Eu já vi o poder dela.

O rei riu:

— O Escavador nunca fica mais do que algumas horas debaixo de uma cidade. Nós estaremos fora de Roma dentro de minutos após o ritual. Ela nunca nos encontrará. E

quando me tornar onipotente, eu a destruirei.

Os olhos de Kara se voltaram para o relógio gigante. Os dois ponteiros estavam quase tocando no número doze.

Um grande barulho interrompeu seus pensamentos quando dois Seirs empurraram um grande carrinho em direção ao trono. As rodas derrapavam pela plataforma de metal, fazendo um som parecido com o de punhais sendo arrastados por um muro de pedra.

Havia uma cadeira gigante de ferro no carrinho. Tubos com líquido preto saiam dos braços e pernas da cadeira, como espessas veias negras. Fios e mecanismos também revestiam a cadeira como uma pele. Minúsculas partículas de areia branca estavam espalhadas pelo assento em pilhas pequenas. Kara notou que mais das mesmas partículas de areia estavam espalhadas em torno dos braços da cadeira.

Os Seirs deixaram suas correntes caírem com um estrondo e se afastaram, à espera.

— Cortem as algemas e a tragam — disse o rei. Havia um brilho perverso em seus olhos cinzentos. — Certifiquem-se de que os braços dela estejam esticados - isso ajuda a essência a fluir melhor.

Com um empurrão, os braços de Kara foram puxados para trás e ela sentiu um alívio.

Seus braços estavam soltos e as algemas caíram no chão. Luzes saíam dos grandes ferimentos em seus pulsos. Ela esfregou os pulsos - suas mãos estavam

livres agora.

Erro número um.

Dois Seirs a pegaram pelos braços e a jogaram na cadeira.

— Me soltem! — Kara lutou contra os punhos de ferro. — Não quero sentar. Eu prefiro ficar de pé. Me larguem!

O rei Seir riu:

— Ah, mas você vai se sentar por mim uma última vez, anjo. — Ele balançou em sua cadeira ansiosamente. — Eu anseio por provar da sua essência; tenho certeza de que ela é... deliciosa.

Amarras de metal prendiam seus pulsos e tornozelos, mas elas não eram feitas do mesmo metal das algemas - eram de puro ferro velho. Com força suficiente, ela provavelmente conseguiria quebrá-las. Ela olhou para a lâmina da morte saindo do seu abdômen. Aquilo estava drenando sua energia. Ela nunca seria forte o suficiente para quebrar o metal.

Ela olhou para o assento. Algo sobre as pequenas partículas brilhantes a deixava nervosa. Elas cintilavam com uma luz verde misteriosa, como pequenos montinhos de açúcar.

— Vejo que você já se familiarizou com seus parentes perdidos — disse o rei ironicamente. — Mas não se preocupe, eles não eram nada comparados a você.

Kara ficou de queixo caído olhando para os restos mortais de outros anjos.

Desesperadamente, ela se contorceu na cadeira, tentando se levantar, mas as amarras de metal eram muito fortes. Cada vez que se movia, a lâmina da morte a feria e esgotava suas energias. Ela queria gritar, chorar. Ele tremeu ao olhar para os restos dos outros anjos, se perguntando se também se tornaria um punhadinho de areia brilhante.

— Você é doente — disse Kara finalmente. — Como... como pôde fazer isso?

— Não fique tão perturbada, anjo — riu o rei, com sua voz mecânica causando calafrios em Kara. — Você vai se juntar a eles em breve, eu prometo. — Ele acenou com a mão direita. — Vamos começa. Estou pronto.

Uma dor súbita irrompeu no braço direito de Kara: — O que está fazendo? — Ela gritou olhando para seu braço. — Pare com isso! Não me toque!

Um Seir havia perfurado sua pele mortal com uma grande agulha cinza. Um tubo transparente foi conectado à sua extremidade.

— O ritual, anjinho — zombou o Seir. — Precisamos da sua essência especial - e vamos tomá-la, gota por gota, até secarmos sua vida.

Duas novas picadas de agulhas perfuraram sua pele, uma em cada lado das têmporas.

Logo, os braços, as pernas e a cabeça de Kara ficaram cobertos por tubos.

Kara olhou para o rei:

— Isso nunca vai funcionar; a minha essência o matará. Pare com isso agora, antes que seja tarde demais.

— Pelo contrário — disse o rei — A sua essência me dará a força para governar acima de todos. E, agora, eu a terei.

Quando os Seirs terminaram seu trabalho, se voltaram para o rei. Da cadeira, eles puxaram outros tubos com plugues de metal. O rei se inclinou em sua cadeira, sorrindo.

Com cliques ecoantes, seus discípulos ligaram as tomadas na cabeça, tronco e membros do rei, até que ele também estivesse coberto por tubos transparentes. A fome cintilava nos olhos cinzentos e frios.

Revoltada, Kara desviou o olhar. Ela puxou suas amarras, mas não adiantou.

Quando todos os tubos foram conectados, um dos Seirs se posicionou ao lado da cadeira de Kara. Ele segurou uma alavanca de metal e a puxou para baixo.

Com um puxão repentino, a cadeira tremeu violentamente. Imediatamente, eletricidade verde cobriu o corpo de Kara, como milhares de lâminas cortando a sua carne. Ela sentiu como se tivesse caído em um lago profundo, mas não fosse capaz de nadar até a superfície. Ela olhou para baixo e vacilou. Kara se sentia cada vez mais fria, enquanto sua essência dourada era sugada para fora e levada até o rei Seir.

Kara assistiu horrorizada como sua essência dourada alimentá-lo. Os olhos do rei se arregalaram quando a energia fluiu para seu corpo. Seus olhos cinzentos começaram a brilhar com uma cor dourada e brilhante. O sorriso de êxtase em seu rosto fez Kara querer vomitar. Ela desejava conseguir cuspir no

rosto dele.

A lâmina da morte cortou sua carne mortal mais fundo. Seu abdômen estava paralisado pelo veneno da lâmina. Seus dentes batiam, enquanto seu corpo parecia ser puxado para duas direções opostas - o veneno da lâmina lutava contra a sucção dos tubos. Ela notou as lacunas no fluido que fluía através dos tubos.

— Tire a lâmina no peito dela — disse o rei Seir com uma voz suave, quase humana.

— Não quero perder nem mais uma gota da essência dela. Preciso de tudo — disse ele, avidamente. — Cada gota.

— Sim, meu rei. — Um Seir correu para o lado de Kara e removeu a lâmina do seu peito.

Erro número dois.

A lâmina tinha feito um estrago em seu traje M-5. Ela estava incrivelmente fraca.

Agora que a lâmina tinha sido removida, ela não sabia se conseguiria se libertar e pegar a arma de volta.

O rei riu alto:

— Sim! Sim...Eu posso sentir.. Eu posso sentir a mudança. É extraordinário. Sua essência é mais forte do que eu esperava... tem mais poder — ele riu histericamente. — Em breve, eu me tornarei o demônio mais poderoso de todos!

Kara estremeceu. A dor irrompeu por seu corpo. Um jorro de frio glacial subiu por ele.

Sua pele queimava com o frio. Uma névoa dourada começou a passar pelos tubos. Kara não tinha forças para manter a cabeça erguida. Ela estava apenas caída para a frente.

Seu traje M-5 estava derretendo em partículas douradas e brilhantes. Em breve, ela seria apenas um montinho de pó dourado.

O aviso dos Oráculos ecoou em sua mente: se ela machucasse qualquer outro mortal, estaria tudo acabado. Mas que diferença fazia? Ela estava acabada de qualquer jeito.

Lilith estava a caminho para buscar a outra parte da arma. Kara não

conseguia nem sentir a ampulheta de cristal contra seu peito. Ela se perguntava se o objeto ainda estava lá, ou se já tinha desaparecido, consciente de que ela tinha falhado. Ele dava a Kara um senso de urgência, mas agora ela não conseguia sentir nada.

Sua alma estava morrendo.

Subitamente, como um feixe de luz, um raio de energia elemental escapou de seu corpo. Kara não havia chamado por seu poder - ele apenas surgiu, como se tivesse uma consciência própria. Ela sentiu o calor do seu corpo a abandonar.

Agora sim o rei se tornaria poderoso, outro louco querendo dominar o submundo. Sua fome de poder logo o levaria até os mortais e ao submundo.

O rei Seir fechou os olhos. Um olhar agradecido marcava seu gosto enquanto ele sugava a essência de Kara. Um suave brilho dourado revestia seus braços e tórax.

De repente, os olhos do rei se arregalaram. Um olhar estranho surgiu em seu rosto.

— Algo está errado. — Seu corpo se contorcia. — Algo não está certo — o rei gritou, enquanto seu corpo convulsionava violentamente. A névoa dourada o envolvia. Ele parecia um rei egípcio mumificado. Líquido negro jorrava das partes mecânicas do seu corpo.

— Interrompam a conexão. Tirem isto de mim! Rápido! — Gritava o rei, enquanto mais líquido negro escorrida da sua boca e olhos.

Três Seirs correram para ajudar seu rei. Eles lutavam para mantê-lo parado enquanto tentavam desesperadamente retirar os plugues do seu corpo.

— Tirem isso logo, seus tolos! Rápido! — gritou o rei, aterrorizado.

— Eles não estão saindo — gritou um Seir, que puxava os plugues com toda a força. — É como se as pontas tivessem derretido - elas não saem.

O rei se contorcia como um touro enlouquecido; o chão aos seus pés e os Seirs ao seu lado estavam encharcados com o seu sangue negro: — Tirem ela da cadeira! Interrompam a conexão!

Os Seirs tiraram os tubos do corpo de Kara. Feito isso, eles removeram as amarras dela e a retiraram da cadeira. Ela tropeçou no chão.

Erro número três.

As paredes ecoavam com os gritos do rei, que pareciam o prelúdio de uma tempestade assustadora. Mais Seirs vieram ao auxílio do seu rei, tentando desesperadamente parar o sangramento.

Kara foi colocada de pé:

— Conserte ele! — ordenou um Seir, empurrando-a para frente do rei. — Você é um anjo - salve-o, ou eu vou matar você! — Ele colocou a lâmina em sua garganta.

Kara prendeu um sorriso enquanto olhava para o rei Seir. Ela balançou a cabeça: — Eu já estou morta. O que ele precisa é de um médico, de preferência, o Dr.

Frankenstein. Eu sou apenas um anjo. Não posso salvá-lo. . . — Os gritos do rei sufocaram sua voz.

— Eu disse que isso aconteceria — sussurrou Kara. Um Seir a tirou do caminho, e ela caiu em uma mesa ao lado.

O Arath cintilava. Depois de observar se alguém estava olhando, ela agarrou a pirâmide. Instantaneamente, um choque de poder atingiu a palma da sua mão. Ela cerrou os dentes, enquanto um arrepio frio percorreu seu corpo. Ela sentia o poder reverberar da cabeça aos pés. O antigo poder parecia lhe dar as boas-vindas - dava para sentir.

Kara sabia que a legião havia escondido a arma porque ela era perigosa.

Furtivamente, Kara colocou o Arath no bolso. Ela ainda não sabia o que faria com ele.

Em pânico, os Seirs faziam o melhor que podiam para salvar seu rei, removendo os tubos e esvaziando a essência dourada neles. Ninguém parecia se lembrar do anjo na sala.

Hora de ir Kara, disse ela a si mesma.

Após uma última olhada no rei agonizante, ela deu meia volta e correu.

Kara saiu tropeçando pela plataforma, até cambalear para fora da sala. Ela piscou para normalizar sua visão, e rezou para estar indo na direção certa. Ela ouviu passos e se achatou contra uma parede, se espremendo entre tubos e fios. Os passos se aproximavam, mas ela se escondeu. Kara não conseguia ver para onde ia, mas usou a parede para se firmar. Onde era mesmo a entrada? O som

dos motores rugiu atrás dela.

Ela estava indo pela direção certa? Kara não reconheceu o caminho. Ela estava quase cega e exausta.

A esperança renovava suas forças - a arma estava em seu bolso e, caso encontrasse o caminho, Kara talvez conseguisse sair dali. Ela cambaleou por um túnel. Eles tinham vindo deste caminho? À medida que sua visão melhorava, ela viu esferas de luz verde nos andares inferiores. Ela se apoiou na lateral do túnel e caminhou lentamente, enquanto os gritos do rei ficavam para trás. Pelo menos ela estava indo na direção oposta. . .

Algo agarrou os pés de Kara, que caiu perto de um lance de escadas. Ela caiu rolando sobre uma superfície fria e pedregosa. Suspirando de raiva, ela tentava se levantar. . .

Cinquenta pequenos pares de olhos a observavam através de um grande portão de ferro.

Capítulo 18

Corrida para a Liberdade

— **E**i, anjo, nos ajude! — Pediam as crianças em lágrimas, com os rostos sujos e com fome. Pequenas mãos se estendiam pelas barras, arranhando o ar entre Kara e o portão.

— Por favor, nos ajude!

Kara se encolheu com a horrível visão. Crianças com olhos vermelhos e úmidos olhavam para ela, com cabeças muito grandes para seus corpos. Suas roupas caiam frouxamente em suas peles de aspecto cinza-esverdeado, como roupas em um varal.

Algumas crianças se agarravam ao portão de ferro, enquanto outras se encostavam nos muros da prisão, e suas pernas faziam um esforço para mantê-las de pé. Aqueles que não se refugiavam nos cantos tinham olhos úmidos em suas faces encovadas. O cheiro de amônia permeava o ar, e havia o cheiro de outra coisa que Kara nem queria imaginar.

Elas conseguiam vê-la. E sabiam que ela era um anjo. Estas eram as crianças sensitivas desaparecidas. Kara tentou se mover, mas suas pernas estavam duras e presas ao chão.

O aviso dos oráculos ecoou em sua cabeça.

Pelo bem do mundo mortal, sacrifícios são inevitáveis.

Os oráculos já sabiam que ela seria confrontada por esta situação. Eles haviam previsto que as crianças estariam ali, e esperavam que Kara as deixasse para trás.

Recuperar a arma era mais importante. Ela tinha apenas algumas horas. O destino do mundo mortal dependia da pequena pirâmide azul em seu bolso. Mas o que Lilith planejou ainda não havia acontecido - e as crianças estavam em sua frente, implorando por ajuda.

— Anjo! Nos ajude! — Elas pediam chorando.

As crianças eram apenas alguns anos mais novas do que ela. Ela não podia

deixá-los morrer de fome em sua própria sujeira. Estas crianças eram todas inocentes, e seu único pecado era ter um pouco de essência angelical nas veias. Kara podia ver marcas vermelhas de perfuração ao lado de suas cabeças e braços. Havia apenas um motivo pelo qual elas poderiam estar na caverna e cobertas de marcas de agulha - elas estavam sendo sangradas. Kara não entendia o motivo pelo qual os Seirs estavam fazendo isso, mas não havia como nevar que isso era ruim. As crianças deviam ter tentado escapar, pois algumas tinham cicatrizes nos rostos e braços. Kara cravava as unhas nas palmas das mãos. Provavelmente, estas crianças estavam sendo usadas como um banco de sangue para um vampiro Seir, que deixou-as morrendo de fome e com medo em uma caverna escura.

— Por favor, anjo, nos ajude! — eles imploravam. Uma menina de cabelos loiros encaracolados soltou um soluço alto e caiu no chão.

Kara xingou silenciosamente e correu para o portão.

Ela agarrou o cadeado e puxou. Sua visão ficou turva momentaneamente, mas ela se equilibrou com a ajuda das barras. Enfraquecida pela quantidade de essência que havia sido drenada de seu corpo, Kara sabia que não conseguiria quebrar o cadeado. Ela precisava de algo para esmagá-lo. Havia uma pedra do tamanho da sua mão ao lado esquerdo do portão. Ela se abaixou e a pegou.

— Ok, afastem-se todos.

Todas as crianças sensitivas deram um passo para trás, sem nunca deixarem de olhar para ela.

Kara ergueu as mãos, e golpeou o cadeado com a pedra com toda a força que lhe restava.

Feito. A fechadura quebrou e caiu no chão em pedaços.

Ela puxou o portão de ferro. Levou um momento para as crianças registrarem o que havia acontecido. Kara se afastou alguns passos para as crianças escaparem de suas jaulas e se reunirem próximas a ela. Era chocante o quão leves e esqueléticas ela sentia que as crianças estavam enquanto era abraçada por elas. Embora estivessem esfomeadas e exangues, havia esperança em seus olhos.

A garotinha loira entrelaçou os dedos com Kara. Seus olhos azuis brilhavam: — Eu sabia que nos salvaria — disse ela. — Sabia que você não nos deixaria

morrer.

Kara conteve um soluço. Ela apertou a mão da menina delicadamente: — Vou tirar vocês daqui, nem que seja a última coisa que eu faça. Eu prometo.

Ela olhou para um grupo de crianças mais velhas: — Algum de vocês conhece a saída? Não consigo me lembrar de onde vim; acho que estou perdida.

— Eu sei onde é... — disse um menino faminto, com olheiras sob seus olhos castanhos e inteligentes. Ele deu um passo em frente. — Mas mesmo se chegarmos ao andar principal, seremos cercados por Seirs. Eles nos verão tentando escapar.

Kara colocou uma mão no ombro dele:

— Então, nós vamos ter que correr e torcer para eles não nos alcançarem.

Ela levou um momento para avaliar o resto do grupo. Eles pareciam que estavam prestes a desmaiar, e nada prontos para correr por suas vidas. Duas crianças menores se sentaram no chão aos pés de Kara. Elas estavam exaustas.

— Posso carregar esses pequeninos facilmente. — Kara olhou para os outros — o resto de vocês consegue correr?

Cabeças balançaram positivamente:

— Bom. Eu sei que é pedir muito de vocês, mas não podemos parar. Se pararmos...

vamos morrer. Entenderam?

— Sim — responderam as crianças em uníssono.

Kara virou-se para o rapaz que conhecia a saída: — Eu sou Kara. Qual é o seu nome?

— Vince — disse o rapaz, e ele apertou a mão de Kara.

— Está bem, Vince, você terá que nos mostrar o caminho. Você pode fazer isso?

O rapaz assentiu com a cabeça e seguiu para a escadaria no fundo da sala, onde Kara havia caído primeiro. Ela ficou contente em ver que as crianças mais velhas seguravam as mãos das mais novas. Ela pegou os pequenos facilmente e os içou sobre os ombros, enquanto tentava não pensar em quanto tempo fazia que eles não comiam.

— Espere um minuto — Disse Kara, enquanto descias as escadas. — Tem crianças dormindo na parte de trás, precisamos acordá-las. — as palavras de Kara ficaram presas na garganta, quando ela viu o olhar de tristeza no rosto de Vince. Ele balançou a cabeça e olhou para o chão.

As crianças fizeram o que podiam para cobri-las com pedaços das suas roupas. Deve ter sido horrível vê-las morrer.

Os joelhos de Kara tremiam, e ela ameaçava desabar. Mas então, a raiva pulsou por seu corpo e despertou seu poder elemental. Ele chiava e cobria seu corpo mortal como uma corrente elétrica dourada. Ela sabia que a escuridão lutava para se libertar. Ela sentiu o seu poder. As trevas a desejavam.

As crianças olhavam para ela apavoradas. Kara se sentiu envergonhada. A última coisa que ela queria era assustá-las. Ela suprimiu sua raiva, e o poder elemental retornou para seu interior.

— Está tudo bem, estou bem agora. Não há nada a temer. — Kara ela fez o que podia para se acalmar, apesar da raiva que sentia por dentro. Ela olhou para Vince. — Mostre o caminho.

Vince assentiu com a cabeça e correu para a escadaria de pedra. Kara questionou se aquela súbita explosão de energia vinha da esperança de fuga. Ela rezou para que os outros tivessem a mesma resistência.

As crianças o seguiram pela escadaria com as pernas trêmulas, enquanto faziam o melhor possível para não caírem. Kara esperou no fundo da sala, e quando a última criança havia passado, ela envolveu os braços ao redor dos dois pequeninos e subiu as escadas.

Quando chegou ao topo, Vince apontou para o lado da máquina de escavação gigante.

— É por aqui - sempre em frente para o outro lado - você verá aquelas portas grandes. Não tem como errar. Aquela é a saída.

As laterais de metal polido da máquina foram cobertas com tubos transparentes, dos quais escorre um líquido preto, como se a criatura fosse viva e estivesse sendo bombeada com sangue. A luz verde cobria o rosto com um brilho estranho, que fazia as crianças parecerem ainda mais doentes. Até onde podia ver, não havia nenhum Seir por perto no momento. O corredor sombrio estava vazio. Talvez eles estivessem todos a serviço do seu rei moribundo. Não havia

hora melhor.

— Bem, não há momento melhor do que o presente — disse Kara. — Vamos tão silenciosamente quanto pudermos. Talvez os Seirs não nos vejam. . .

— Detenham eles! — Um grupo de Seirs se debatia enquanto se aproximava por um túnel. — Não os deixem fugir!

— Talvez não. CORRAM!

Kara ficou surpresa com o quanto as crianças correram. Elas sabiam que era sua única chance de fugir, e se esforçaram tanto quanto podiam. Os passos dos Seirs ecoaram atrás deles, e Kara sabia que eles os alcançariam, cedo ou tarde. A explosão de energia das crianças só duraria mais alguns minutos, até que seus corpos famintos ficassem sem combustível.

As duas portas de ferro estavam entreabertas; os Seirs haviam esquecido de fechá-

las. Ela conseguia ver o caminho de pedra que levava ao elevador. Ela deu uma olhada para trás...

Os Seirs estavam quase em cima deles. As crianças nunca chegariam até o elevador.

Kara equilibrava as duas crianças em seus ombros enquanto desprendia um cano da parede. Um líquido preto respingou em sua mão. Ela ignorou o líquido quente e repugnante que escorria por suas bochechas e balançou o cano como se fosse um taco de beisebol. Kara esperou que as outras crianças passassem, acenou para Vince e lhe jogou o cano:

— Como anda sua mira?

Vince se gabou:

— Muito boa. Eu sou lançador do time de beisebol na minha escola.

— Bom. Eu não posso ferir qualquer um dos Seirs, mas você pode. Tente acertar o primeiro na cabeça. Agora.

Vince levantou a perna esquerda, arqueou as costas e atirou o cano na horda de Seirs que se aproximava.

Bum!

O cano acertou o primeiro Seir na lateral do pescoço; ele tropeçou e caiu de

cara. Os outros Seirs foram pegos de surpresa e tropeçaram no aliado caído.

De repente, uma saraivada de canos e peças de metal levantaram voo atrás dela.

Kara se virou rapidamente. As crianças estavam arremessando sucatas de metal nos Seirs. Para elas, era hora da vingança. Kara sorriu orgulhosamente. Ela não podia fazer nada contra mortais malignos, mas assisti-los levando uma surra de um bando de crianças foi tão gratificante quanto.

Os Seirs procuraram proteção contra a barragem de projéteis de metal que lhes atingia. As crianças continuavam jogando coisas furiosamente, até que os Seirs deitaram no chão e não se mexeram.

— Estou impressionado — disse Kara, enquanto estudava as faces coradas das crianças. — Vocês fizeram muito bem. Isso deve nos dar alguns segundos de vantagem.

Vamos! — Ela incitou as crianças a seguirem-na pela porta.

— EU VOU MATAR TODOS VOCÊS! — O uivo aterrorizante veio de dentro da máquina, como se ela tivesse falado. As crianças pararam, assustadas demais com a voz para continuar.

— EU VOU ENCONTRAR VOCÊS E MATÁ-LOS!

— Continuem andando. — Kara continuou seguindo com as crianças. — Vamos. Não olhem para trás. Não podemos parar. Vão, vão, vão!

Quando passassem pela porta, eles subiriam por uma escada feita de pedras irregulares. O elevador estaria no fim das escadas. Kara esperou até a última criança entrar no elevador e se apertou com elas. Ela puxou o portão de ferro e empurrou a alavanca vermelha para cima. Com um empurrão, o elevador começou a descer. As crianças acalmavam umas às outras e choravam de alívio. Kara desejou se juntar a elas e chorar também.

Com um balanço e um clique, a plataforma se firmou e parou. Kara abriu o portão e parou. Gritos de alegria ecoavam pelas paredes, enquanto as crianças saíram correndo do elevador. Ela não pôde evitar a exaltação das crianças, e fugiu junto com elas pela porta.

Os oráculos provavelmente não estavam felizes com ela, mas se resgatar crianças torturadas e famintas não fosse parte de ser um anjo da guarda, ela

preferia não ser um.

A missão ainda podia ser um sucesso: ela tinha o Arath, e havia resgatado as crianças sensitivas desaparecidas. Ela só desejava poder compartilhar esta experiência com David e os outros. Seria especialmente bom contar tudo ao Ancião Otis. Seria como a cereja no topo do bolo.

A lua brilhava como um sol branco, iluminada em um céu estrelado. Uma brisa fresca acariciava o rosto de Kara, e o cheiro de chuva estava no ar. As crianças saltavam e dançavam na rua. Quando chegou ali, os Seirs haviam colocado um saco na cabeça de Kara, então ela não sabia onde estava. Ela só sabia que ainda estavam em Roma, mas não tinha ideia de onde.

Os pequenos se contorciam em seus ombros, e ela os baixou com cuidado na estrada de paralelepípedos. As crianças correram para Kara e a beijaram nas bochechas, agradecidas por terem sido salvas.

Kara suspirou. Esta era a melhor parte do seu trabalho.

— Obrigado, Kara — disse Vince. Ela não havia percebido que o garoto era mais alto do que ela. — Teríamos morrido se não fosse por você. Obrigado por parar para nos ajudar.

Kara sentiu uma pontada de culpa. Ela hesitou quando viu as crianças. Vince também percebeu. Com um encolher de ombros, ela olhou para o chão: — Faz parte do trabalho. Estou feliz por tudo ter acabado.

De repente, Kara foi impulsionada para trás com extrema força, e caiu dolorida no chão. Pequenas faíscas verdes dançavam ao redor de seu corpo. O som dos saltos altos na estrada se aproximava de Kara, enquanto ela se apoiava nos cotovelos e olhava para cima.

Um sapato vermelho foi plantado na frente de Kara.

— Olá, querida irmã — disse Lilith. — Pensou que eu deixaria você ir embora sem dizer adeus? Acho que não.

Capítulo 19

Uma Luta Interior

A lua brilhou no corselete de couro branco de Lilith, dando a ele uma tonalidade leitosa.

— Pensou que iria embora com o meu brinquedo, não é? — Lilith riu enquanto observava Kara cuidadosamente. — Estou tão desapontada com você, Kara. Pensei que fôssemos irmãs, e irmãs não roubam umas das outras. Isso não lhe pertence; é meu.

Você nem ao menos saberia como usar.

— Eu não vou usar isso! — rosnou Kara. — E você também não.

Lilith estreitou os olhos:

— Sempre tão ansiosa para ajudar a família, não é, maninha? Você é tão incrivelmente irritante.

Kara se esforçou para se apoiar nos joelhos e protegeu o abdômen ferido com o braço. Ela zombou de Lilith:

— Você não faz parte da minha família, maninha.

Lilith sorriu:

— Certo, porque vocês anjos são todos dementes e preferem o fedor da carne mortal.

Eu nunca entendi por que os macacos precisam cheirar tão mal, e o líquido medonho que escorre dos rostos deles é tão nojento. Eca! — Ela fez uma careta e estremeceu.

Vince deu um passo à frente, mas Kara balançou a cabeça e encarou o rapaz. A última coisa que ela precisava naquele momento era que Lilith ferisse as crianças. Ela queria manter o foco de Lilith em si mesma, não nas crianças.

Vince estreitou os olhos e assentiu com a cabeça. Ele assobiou bem alto e fugiu. O

resto das crianças o seguiram como uma onda. Lilith ignorou as crianças

fugitivas e manteve os olhos em Kara.

Kara colocou a mão no interior de sua camisa e puxou a ampulheta de cristal. Seus olhos se arregalaram. Ela tinha menos de uma hora para devolver a arma ao Horizonte.

— O que é que você tem aí, querida irmã? — Lilith ergueu suas sobrancelhas. — Você não parece ser do tipo que gosta de joias. Seu namorado lhe deu isso? Ah... que bonitinho. Anjos e seus casos de amor proibidos - isso sim é patético.

Kara manteve seu rosto impassível para que Lilith não percebesse o pânico que ela sentia por dentro.

Um estrondo soou atrás de Kara.

Uma turba de Seirs passou pela porta por onde Kara e as crianças haviam escapado mais cedo. Eles se espalharam pela rua como uma onda negra, corrompendo tudo em que tocavam. Suas lâminas da morte estavam em punho, e eles fizeram um grande círculo ao redor dela e de Lilith. Eles encararam Kara com os olhos cheios de ódio. Todos queriam vingança pelo que acontecera a seu rei. Ela se perguntava se ele ainda estava vivo.

— Eles não parecem muito felizes em vê-la. — Lilith apontou seus dedos com unhas vermelhas e bem cuidadas para Kara. — Você já era. Dê-me isso aí. — Ela ordenou.

Kara olhou furiosamente para Lilith:

— Nunca! Você terá de vir e pegar.

Kara gritou quando seu corpo foi arremessado no ar, torcido e queimado por um raio verde e azul. Era como se um laço envolvesse seu corpo. Ela bateu forte no chão. Kara rolou para o lado e piscou para tirar a poeira dos olhos. Ela sentiu o cheiro da sua pele M-5 quando faíscas verdes e azuis dançaram por seu corpo. Kara se sentia como uma torrada queimada. Mesmo com apenas um pedaço do Arath, o poder de Lilith era extraordinário.

Kara estava em apuros.

Ela se esforçou para ficar de pé e viu a arma na mão de Lilith.

Lilith percebeu que Kara olhava para o Arath e sorriu: — Ele tem um efeito diferente em anjos e mortais. Você provou apenas uma pequena fração do seu

poder. Eu estou apenas me aquecendo, sabe? — Ela jogou uma longa mecha de cabelo branco para trás do seu ombro. — Em pensar que os arcanjos tinham essa arma e nunca a usaram corretamente! Tolos. Idiotas que amam os mortais. Eles são tão inferiores a nós. Meu pai sempre dizia isso.

Kara não conseguia ver nenhuma maneira de fugir. Ela sabia que precisaria enfrentar Lilith e, pelo jeito, sua meia-irmã estava em vantagem. Kara estava ferida e em menor número. Seria necessário um milagre para sair dali com uma parte da arma, ainda mais com as duas.

Lilith circundou Kara, mantendo uma distância segura entre elas: — Não pense que eu a perdoei pelo que você fez com meu pai – porque eu não perdoei.

Kara suspirou alto e balançou a cabeça.

— Lá vamos nós de novo, falando sobre nosso precioso pai. Ele era mais um louco do que um pai de verdade.

Outra carga de energia azul e verde atingiu Kara, e ela foi esmagada contra o chão novamente. Ela queimava por dentro e por fora. As faíscas de uma corrente verde e azul eram como dezenas de facas perfurando sua pele. Ela podia ouvir a risada de Lilith, e sua raiva aumentou.

Seu poder elemental ganhou vida e a encheu com uma energia renovada. Seu poder se alimentava do ódio dela por Lilith. Imagens de anjos e crianças torturadas surgiram em sua mente. Todas as suas emoções entraram em erupção. A energia elemental fluiu por ela como um jorro de água quente, e ela a recebeu com alegria. Ela ignorou o aviso em sua mente ao sentir a escuridão em seu interior acordar como quem desperta de um longo sono. A energia a percorria como uma descarga de adrenalina. Kara se concentrou em Lilith.

Kara ficou de pé em um instante. Sua energia elemental serpenteava em torno de seu corpo e a cobria com uma névoa dourada.

Ela estava pronta.

— Ah... olhe só para você, toda dourada como uma estatueta do Oscar. — Lilith manipulava a arma cautelosamente. — Não presuma que você pode me deter com a sua armadura dourada, porque não pode, querida irmã. Com a ajuda dessa pequena pirâmide aqui, sou cem vezes mais poderosa que você. Eu vou esmagá-la como um inseto.

Kara piscou em meio à energia dourada e zombou: — É o que veremos.

— Isso é uma ameaça? — Escarneceu Lilith, com seus olhos escuros cintilando como prata ao luar. — Você não pode me deter, é tarde demais. Olhe ao seu redor, a cidade já caiu – e, logo, o resto do mundo mortal será meu.

Kara franziu a testa. Do que Lilith estava falando? Ela se esforçou para escutar os gritos distantes que chegaram a ela. A dois quarteirões de distância, mortais enfurecidos atacavam uns aos outros com suas próprias mãos. Lilith já havia contaminado a cidade.

Kara estava atrasada demais.

Lilith riu por causa da expressão chocada de Kara: — Está vendo? Os seres humanos são como gado. E eu vou cultivá-los para os meus demônios. Eles não prestam. Que melhor utilidade eles poderiam ter do que a de servirem como alimento para a minha família.

Kara podia ouvir a ampulheta de cristal se esvaziando.

Tique-taque, tique-taque... O tempo estava passando.

— Os seres humanos são comida. Puro e simples assim.

— Eu a matarei antes que você machuque qualquer outro mortal. — O poder elemental de Kara chamejava em torno dela - mas ela o continha bruscamente.

Para seu horror, Vince e algumas das outras crianças reapareceram no final da rua. O

que eles estavam fazendo de volta ali? Kara concentrou sua energia em Lilith novamente – ela não a deixaria ferir as crianças.

Lilith seguiu seu olhar e riu, batendo palmas animadamente: — Uma plateia! Que maravilha. Isso é ainda melhor do que eu poderia desejar. Olá, pequeno mortais Sensitivos. — Ela acenou para as crianças que se refugiavam contra os edifícios a uma distância segura.

Kara tentou chamar a atenção de Vince, mas ele olhava para trás, como se esperasse por algo.

Lilith voltou sua atenção para Kara:

— E você pensava que as crianças estariam bem longe daqui a esta altura. Mas elas são estúpidas demais para perceberem o perigo. É como eu disse: estes macacos foram criados para servirem de comida. Eu vou mesmo gostar de ceifar as almas deles.

— Toque neles, e você morre! — bravejou Kara. O corpo dela estava cercado de faíscas douradas.

Ela sentiu uma onda de frieza em seu interior, mas a ignorou. Ela odiava Lilith mais do que tudo naquele momento. Kara destruiria tudo o que tentasse machucar as crianças, mesmo que isso significasse sua morte.

Mas, então, algo estranho aconteceu.

Uma corrente de energia verde se espalhou por ela, contendo o vapor dourado do seu poder elemental. A energia verde brilhava enquanto dominava a dourada, devorando-a como uma cobra que engole a presa. Kara olhou para si mesma boquiaberta. O que estava acontecendo?

Os olhos de Lilith brilharam perante a visão da corrente esverdeada no corpo de Kara: — Será possível? Minha pura irmã angelical, você tem andado por aí com poderes demoníacos em seu interior?

Lilith se aproximou e observou Kara mais atentamente. Suas sobrancelhas se franziram, e, então, ela jogou a cabeça apara trás e gargalhou: — Isso explica por que o pai tinha um interesse tão forte em você. Eu nunca entendi isso, até agora.

Kara sentia os poderes batalhando em seu interior. Ela tentou se firmar que seu corpo não desabasse. Seu corpo balançava e tremia. O calor de seu poder elemental diminuía, enquanto uma sensação gélida tomava seu interior. Ela ouviu uma risada ao rumar para as profundezas da escuridão. Ela não lutou contra - apenas aceitou. Kara se sentiu mais poderosa do que nunca, e queria mais. A sensação era inebriante.

O rosto de Lilith se abriu em um sorriso, e seus olhos se estreitaram: — Parece que somos mais parecidas do que eu inicialmente imaginara. — Ela estudou Kara por um momento. — Você está desperdiçando seu poder com a legião dos anjos.

Você está no time errado. Você sempre esteve no time errado. Você devia ser uma criatura do submundo, assim como nosso pai dizia. Ele a criou. Você pertence ao submundo.

Kara cambaleou. O mundo começou a girar diante dela, e ela fechou os olhos. O que Lilith disse fazia sentido. Kara sentia uma conexão com as trevas, como se ela conhecesse a escuridão e esta a ela. Era a mesma sensação que vivenciou com a criatura Morthdu, uma sensação de pertencimento – a escuridão

combinava com ela.

— Você não pertence à Legião, Kara — a voz de Lilith estava perto. — Eles a colocaram em sua prisão como lixo. Por quê? Porque têm medo de você. Você é diferente, assim como eu. Seus amigos a abandonaram. Junte-se a mim, Kara.

Kara cerrou os dentes. Sua mente estava se partindo. Ela sentia-se como se seu corpo estivesse se dividindo em dois. Quem ela era de verdade? Um anjo da guarda ou uma criatura do submundo? A Legião a temia, sim, por causa de seu poder elemental. Talvez ela sempre estivera destinada ao outro lado.

Kara abriu os olhos. Ela enfiou a mão no bolso e retirou o Arath. Ele pulsava em sua mão. Seu poder vibrava por Kara, e ele o recebeu.

— Eu poderia ensiná-la a usar isso — disse Lilith ansiosamente. — Juntas podemos ser grandes. Podemos governar os mortais e nos tornar as criaturas mais poderosas de todos os mundos! Podemos destruir a Legião de anjos...

— Kara!

David, Jenny e Peter correram em direção a ela, pela rua, seguidos por Tatiana, Roberto e Tony.

— Oh, olhe, aí vem a minha turma favorita de anjos. — Lilith estalou os dedos e os Seirs formaram uma linha protetora na frente dela e de Kara. — Vocês estão muito atrasados, amantes de macaco. Está tudo acabado. Mas os deixarei morrer também — ela deu uma risadinha.

— Kara! — gritou David novamente — O que aconteceu com você?

Um grito escapou de seus lábios. Ela olhou para os rostos aterrorizados dos seus amigos, mas não respondeu. Os gritos desvaneciam à medida que o fluxo de poder fluía através de seu corpo. Era como se ela tivesse mergulhado em um lago de água gelada e não soubesse nadar até a superfície. Uma energia fria a percorria. Seu corpo brilhava numa luz verde, e ela se sentia mais poderosa do que jamais pudera imaginar.

A escuridão a chamava, e Kara a acolhia.

Lute contra isso, Kara – disse uma voz dentro de sua cabeça.

Kara franziu a testa.

Você é um anjo, de uma extremidade a outra, não um demônio... Lembre-se disso...

Uma centelha quente de poder elemental cintilou dentro dela, abrindo caminho através da energia fria e emergindo para a superfície.

Ela se lembrou de quem era.

Kara podia ver os rostos apavorados das crianças - o medo que se refletia em seus olhos era direcionado a ela. Eles estavam com medo dela. Não era assim que as coisas deviam ser. Ela não era má. Ela nunca machucaria as crianças.

Lilith sorriu para sua irmã e, em seguida, virou-se para os Seirs. Ela levantou as mãos no ar:

— Destruam os anjos e tragam as crianças de volta ao rei Seir. Falaremos sobre a incompetência de vocês mais tarde.

Os Seirs apontaram suas armas e atacaram...

— NÃO!

Uma explosão de energia quente percorreu Kara e escapou por entre seus dedos, atingindo o Arath como raios de sol.

A pirâmide azul brilhou de dourado por um momento e, então, explodiu em 1 milhão de partículas brilhantes de azul.

Capítulo 20

Tempo Esgotado

Os fragmentos restantes do Arath flutuavam no ar como uma leve chuva e, então, desapareceram na brisa como se nunca tivesse existido.

Lilith gritou:

— O que está acontecendo? Está queimando! — Ela segurava a outra parte do Arath à sua frente. Chamas azuis consumiam as arestas da pirâmide, como se fossem fogo. O

brilho interior da arma se intensificou.

— Tirem isso daqui! Tirem isso daqui! — Com uma expressão apavorada no rosto, ela tentava desesperadamente tirar a arma de sua mão. Mas o objeto não se movia. A arma estava colada na sua palma. Gemendo histericamente, Lilith tropeçou para trás. Um raio azul saiu repentinamente de dentro do Arath e a acertou no peito. Seu corpo convulsionava enquanto era envolto pela luz azul.

E, então, a arma em sua mão explodiu.

O corpo de Lilith foi lançado no ar com uma força incrível. Ela caiu com força no chão.

Um gemido escapou de seus lábios, e, então, ela não mais se moveu.

Kara se examinou. Além das lesões em seu traje M-5, ela havia voltado ao normal.

Não havia sinais da energia verde em seu corpo. A conexão havia se perdido.

Os mortais que estavam brigando pararam e colocaram a mão na cabeça, perplexos.

Alguns choravam silenciosamente por horror do que haviam feito, mas a maioria foi embora como se nada tivesse acontecido, como se tivesse sido apenas um sonho.

O som de batalha encheu o ar de noite mais uma vez quando os Sensitivos contra-atacaram os Seirs. Kara viu seus rostos pálidos desaparecerem enquanto

homens e mulheres de preto, com chapéus fedora, os perseguiam pelo labirinto de prédios, até não sobrar mais nenhum Seir.

David correu até Kara:

— Kara, o que foi aquilo? Por que você estava coberta de verde? Você quase me matou de susto. — Ele a puxou e lhe deu um abraço apertado, espremendo-a suavemente contra si.

Kara se deixou cair nos seus braços dele, aproveitando cada minuto, sem saber quando ela ia desaparecer. Ela não se importava com a sua imagem diante dos Sensitivos, que provavelmente sabiam que o romance era proibido entre os Guardiões.

Ela tombou a cabeça no pescoço de David e fechou os olhos por um momento, fingindo que era apenas uma garota normal e mortal com o cara a quem queria tão desesperadamente amar.

Mas Kara sabia que os sonhos nem sempre se tornam realidade.

Enquanto se agarrava a Davi por mais um momento, ela se perguntava quão chateados os oráculos ficariam por ela haver destruído ambas as armas acidentalmente.

Ela não sabia se eles a guardariam para usar nos mortais. Contudo, ela estava feliz pelo fato de as armas haverem desaparecido. Nenhum outro anjo ou demônio poderia usá-las contra os mortais agora, e isso era bom. As crianças estavam a salvo. As armas foram destruídas, e a missão havia sido cumprida.

Os últimos cristais estavam caindo dentro da ampulheta em seu peito.

Enfim, Kara distanciou-se de David.

— O que aconteceu com vocês? Por que vocês não estavam na fonte? Eu os procurei por toda parte.

— Desculpe-nos, Kara. Foi a Lilith. — David olhou de relance para Lilith, que gemia de dor no chão.

Kara franziu a testa:

— O que quer dizer? Ela o capturou?

David balançou a cabeça:

— Não exatamente. Sinto-me tão idiota lhe dizendo isso. Eu não acredito

que caí nessa; eu devia saber...

— Saber o quê?

— Ela era você. — David olhou nos olhos de Kara, e ela sentiu-se tensa.

— Você não está dizendo coisa com coisa. — disse Kara. — Ela não pode ser eu, eu sou eu.

Jenny e Peter apareceram a seu lado, e Kara olhou para eles e sorriu.

— A bruxa branca transformou-se em você — disse Jenny. — Ela se parecia exatamente com você. Todos pensamos que fosse você. Ela nos enganou e nos levou a uma caçada selvagem ao redor da cidade. — Jenny olhou furiosamente para Lilith ainda no chão. — Se não parecesse tão morta, eu a chutaria agora.

David chegou mais perto:

— Mas eu sabia que algo não estava certo. Você... não era você... se entende o que eu quero dizer. Ela jamais conseguiria se passar por você. E, após duas horas correndo pela cidade, ela finalmente mostrou-se a nós.

— Então, o que aconteceu? — perguntou Kara, tentando imaginar uma outra versão de si mesma. Será que David havia gostado mais dessa?

— Ela riu e desapareceu — respondeu Peter. — Completamente psicótica. Depois de procurarmos por você de verdade por horas, nos encontramos com a Tatiana e os outros.

Eles nos disseram que as crianças haviam escapado das garras do rei Seir com a sua ajuda – mas que você ainda estava em perigo.

David pegou a mão de Kara e a apertou levemente: — Lamento não ter estado lá para protegê-la.

Uma corrente elétrica vibrou da mão dela até os dedos dos pés. Ela apertou a mão dele e o olhou nos olhos:

— Está tudo bem. Como você pode ver, eu saí inteira dessa.

— Estou feliz por isso. — David lhe deu um sorriso torto. — Fiquei sabendo que você teve uma grande aventura sem mim.

Peter chegou mais perto, com os olhos arregalados: — Como era o rei Seir? Eu só ouvi boatos sobre ele. Ele tinha uma coroa? Ele era tão velho quanto o Ancião Otis?

Um arrepio atravessou Kara quando ela se lembrou dos tubos fétidos que se projetavam do corpo de ferro e da pele de inseto do rei.

— Ele era uma criatura da pior espécie, e espero nunca mais vê-lo. — Kara olhou furiosamente para o espaço vazio.

— Oh. — Peter franziu os lábios e ficou em silêncio.

David soltou um suspiro:

— Bem, as coisas vão voltar ao normal agora. As crianças estão a salvo, e as armas sumiram. Todo mundo está feliz. Eu vou dar uma festa de volta à Legião. Sim, farei isso, e eles não podem me impedir. Vai ser uma festa de arromba!

Kara mordeu o lábio inferior e agarrou a ampulheta de cristal com a outra mão: — David, tenho que lhe contar uma coisa.

Um grito aterrorizante encheu o ar.

Lilith limpava seu rosto freneticamente. Ela levantou as mãos para todo mundo ver: — O que é isso? O que é este líquido saindo dos meus olhos?

Kara largou a mão de David e chegou mais perto de Lilith – mas ficou paralisada.

Os olhos de Lilith estavam azuis, de um azul cintilante. Lágrimas escorria por suas bochechas, e sua pele tinha uma cor rosada natural de um mortal.

— Por que isso não para? — gritou Lilith enquanto esfregava os olhos. — Isso continua saindo. É nojento! — Ela gemia.

Um sorriso apareceu nos lábios de Kara:

— São lágrimas. É isso o que acontece quando as pessoas choram. Quando os mortais choram.

Lilith ficou paralisada. Ela olhou para as lágrimas em suas mãos: — Não, você está louca. Eu sou a princesa dos demônios! Eu não sou mortal, sua estúpida que ama macacos. Isso deve ser uma falha temporária devido ao Arath. Vai passar. Você verá.

Kara riu:

— Você agora é mortal de cabo a rabo. Os demônios não podem chorar; até os anjos não podem chorar. Essa é uma das vantagens de ser mortal - sentir emoções. Você é mortal, irmãzinha. Acostume-se com isso.

— Impossível! — bravejou Lilith. — Isso não faz sentido, eu não posso ser mortal.

Deve haver uma explicação para isso. Vai passar. Eu tenho certeza disso.

Kara examinou Lilith mais atentamente. O cabelo dela havia se tornado mais loiro do que branco. Seu rosto estava vermelho de tanto chorar, seu peito se movia enquanto ela engolia litros de ar:

— Acho que, quando a arma foi destruída, ela transformou você em uma mortal. É a única explicação que faz sentido.

David pegou na mão de Lilith e a espetou suavemente com sua lâmina. Ela gritou.

Uma gota vermelha escorreu da palma de sua mão. Ele olhou para cima e sorriu: — Sangue. Tudo certo, ela é mortal. Meio irônico, não acham?

Lilith afastou sua mão e recuou, sacudindo a cabeça: — Não! Não! Não! Não pode ser! Eu sou um demônio! Não um mortal!

Com um movimento de pulso, David guardou sua lâmina dentro da jaqueta: — Como se sente ao estar entre os vivos, Branca de Neve?

Lilith se jogou aos pés de Kara e a agarrou pela calça: — Oh, por favor, Kara. Transforme-me de volta, eu imploro! Você é minha irmã... não se importa comigo? Por favor, não me deixe assim. Eu cheiro mal. Eu não posso cheirar mal. Eu estou um nojo. Não posso viver assim! Eu vou... eu vou morrer!

Kara se ajoelhou e pegou as mãos de Lilith: — Acho que essa é a melhor coisa que pode acontecer com você, Lilith. Ser humano é uma coisa maravilhosa. Você até pode aprender a gostar disso.

— Não, por favor, Kara. Eu farei tudo o que quiser, qualquer coisa! — gemeu Lilith. — Eu nunca irei machucá-la, eu prometo. Quero que sejamos irmãs. Por favor, não me deixe assim.

Parte dela sentia pena de Lilith, mas ela sabia que Lilith não poderia prejudicar mais ninguém como um mortal:

— Mesmo que pudesse transformá-la de volta, eu não o faria. E não posso. Você vai ficar bem, querida irmã. Você pode até aprender a amar e apreciar o que é estar vivo. É

mais uma benção do que um castigo.

Kara soltou Lilith e se levantou.

— Não! Não me deixe aqui com esses macacos! Eu sou a princesa dos demônios! Eu tenho poderes! Eu sou imortal! — Lilith se jogou no chão em um acesso de raiva, dando socos e pontapés.

— Ela vai esfriar a cabeça quando começar a sentir fome — disse Jenny, com o rosto iluminado. — Nunca pensei que este dia pudesse acabar de modo tão perfeito. Mal posso esperar para ver a cara de Ariel quando contarmos sobre Lilith. Deus, eu amo meu trabalho.

— Kara, o que é mesmo que você queria dizer antes? — perguntou David ao ficar ao lado dela.

Kara olhou para o rosto de seus amigos. Todos esperavam pela resposta. Estava na hora de contar a eles – de contar tudo a eles.

Ela colocou a mão dentro da camisa e puxou a ampulheta de cristal, deixando-a cair sobre o peito. Com um rápido olhar na parte superior quase vazia, ela soube que esses eram seus últimos segundos como uma guardiã.

Jenny segurou a ampulheta delicadamente:

— O que é isso? — Ela rolou o objeto na mão, examinando-o. Mas quando Kara não respondeu, ela o soltou suavemente e deu um passo para trás.

Kara olhou para seus pés. Ela abriu a boca, mas as palavras morreram em sua garganta. Como ela poderia lhes dizer tudo estava acabado para ela? Os oráculos haviam avisado para não contar a ninguém; então, ela esperava que eles adivinhassem.

— Eu sabia que não era um colar comum — disse David cheio de medo. — Você trouxe isso quando voltou, depois de matar o Seir. É isso o que você estava escondendo de mim, não é? Há algo de ruim sobre este colar, não é? Não há?

Kara só acenou com a cabeça - com medo de desaparecer se falasse.

— Kara, do que ele está falando? — perguntou Jenny, seus olhos com medo. — Por que o colar é ruim? O que está acontecendo?

Os olhos de Kara encontraram-se com os de David, mas ela permaneceu em silêncio.

— Então, o que acontecerá quando a areia acabar de cair? — Peter inspecionou a ampulheta de cristal mais atentamente. — Ela está quase vazia. —

Ele olhou para Kara preocupado.

Mas Kara não respondeu; ela não podia. Ela via o terror e o entendimento refletidos nos olhos de David. Ela pressionou seus lábios para que eles não tremessem.

— Isso é por causa do que fez ao Ranab, não é? — disse David, levantando a voz. — Essa segunda chance que os oráculos disseram dar... era só por algumas horas? Você estava com o tempo contado! Mas... mas o que vai acontecer com você depois que a areia acabar?

Os olhos da Jenny se arregalaram:

— Kara, você está me assustando. O que é tudo isso?

Uma sensação quente vibrou dentro Kara, como chuva morna. Seu traje M-5 começou a brilhar até ser consumido por pequenas partículas brilhantes. Ela levantou a ampulheta de cristal - todos os cristais jaziam na parte inferior do vidro.

Pronto. Seu tempo havia acabado.

— Kara, o que está acontecendo com você? O que está acontecendo? — disse David, com o medo crescendo em sua voz.

Kara olhou para os amigos e sorriu dolorosamente. Ela se esforçou para dizer: — Eu não devia falar sobre isso, mas vendo que o meu tempo se esgotou, talvez os deixe saber o que posso contar.

Jenny soluçou, e Kara sorriu para reconfortá-la: — Está tudo bem, Jenny. Não é tão ruim quanto parece. Eu errei e tenho que aceitar as consequências. Os oráculos me deram uma segunda chance, com um limite de tempo.

Eu só tinha doze horas para concluir a missão. Minhas horas se acabaram e agora é hora de dizer adeus. Vou sentir muitas saudades de vocês.

— Não! — gritou Jenny. — Nós somos uma equipe; você não pode ir. Não vou deixar, não vou! — Seu lábio inferior tremia. Peter segurou a mão dela e olhou para o chão.

A alma de Kara estava se desfazendo, mas ela trazia uma expressão valente: — Você vai ficar bem, eu juro. Eu amo muito vocês e vou sentir saudades... mais do que consigo dizer. Simplesmente não encontro as palavras.

— Nós a veremos de novo? — perguntou Peter, com a voz trêmula.

Kara balançou a cabeça:

— Não como um anjo da guarda.

— Isto não está acontecendo. A Legião tem de fazer alguma coisa — disse David. — Quer dizer, depois de tudo o que você fez, como eles podem fazer isso? Eles lhe devem uma. Eu não aceito isso. Isso não está certo. Eu vou falar com o Alto Conselho! Eu juro, eu não os deixarei escapar dessa!

— Isso é minha culpa, David. Eu fiz isso. Não é culpa da Legião - é minha. Eu quebrei as regras e tenho de pagar pelo que fiz.

— Mas não está certo! Não é justo — gritou David. — Quantas vezes você salvou a Legião - e o mundo mortal? Você só matou um mortal para salvar a vida de outro? Isso é ridículo! Você salvou a vida do ancião. No que eles estão pensando? Não os deixarei fazer isso com você.

— Acabou, David — disse Kara. — Não há nada que possa fazer para mudar isso. Está na hora de eu partir. Prometa que não fará nada estúpido demais depois que eu me for.

Está bem?

David não respondeu. Ele chutou o chão com sua bota e se virou. Seus ombros tremiam.

Kara se aproximou, colocou as mãos no rosto dele e o beijou suavemente na boca.

Por um momento, ela sentiu como se estivesse em seu corpo mortal novamente, de volta à livraria com David, tendo uma vida normal. Mas depois de tudo o que havia acontecido, ela não tinha mais certeza de se poderia voltar para a vida mortal que tinha antes de haver matado um mortal. As regras haviam mudado. Talvez ela nunca mais visse David...

Finalmente, Kara afastou-se. Ela olhou nos olhos azuis aflitos dele: — Não se esqueça de mim — ela sussurrou.

David franziu a testa e estendeu a mão para ela, mas seus braços caíram no ar.

O corpo de Kara havia desaparecido.

Capítulo 21

Uma Ducha Fria

Depois que o torpor passou, Kara ficou na frente das quatro portas novamente. Era tivera uma grande aventura e não sentia arrependimento. No fundo, ela sabia que teria matado Ranab novamente para salvar o Ancião Otis. Ela simplesmente era assim, uma guardiã dos mortais, e havia escolhido tirar a vida de um mortal para salvar a de outro.

Ela aceitaria o seu destino, e agora era hora de seguir em frente.

Ela se lembrou dos olhos tristes de David e olhou para as quatro portas. Altas e suntuosas como eram, elas pareciam pertencer a um grande hotel, não ser portais para o fim de sua vida sobrenatural. Qual delas abrir? Ela não estava ali por ter matado outro mortal acidentalmente ou intencionalmente. Suas doze horas haviam se esgotado, e havia apenas uma porta a abrir.

Kara colocou a mão na maçaneta dourada da Porta #4, Outros. Ela abriu e entrou.

Dessa vez, não havia nenhum outro guardião em fila na frente do chuveiro do banheiro gigante. Um único querubim segurava um grande jarro e esperava pela alma dela.

Ela evitou os olhos dele e olhou ao redor. Uma gota de água caiu de um dos chuveiros e desapareceu pelo ralo - aquele seria seu corpo em breve – derretido até que não sobrasse mais nada dela, exceto sua alma pairando no ar.

Ela olhou para o lado direito da sala. Kara não havia notado quando entrou, mas os três mesmos oráculos que encontrara antes sentavam-se em suas bolas de cristal diante de uma mesa comprida de madeira. Eles se ocupavam com a papelada mais uma vez.

Inconscientemente, ela agarrou a ampulheta de cristal na mão e a apertou bem. Os oráculos olharam quando ela se aproximou deles.

— Ah, Kara Nightlinder — disse oráculo à esquerda — Aqui está, finalmente!

Estávamos muito ansiosos para vê-la.

— Estavam? Vocês estão felizes em me ver? — Kara franziu a testa enquanto estudava os rostos dos oráculos. — Não imaginei que ficassem depois do que aconteceu.

O oráculo bateu as mãos animadamente:

— É claro que sim, querida. Que absurdo! — Ele se inclinou para a frente, e sua bola de cristal rolou e encostou na borda da mesa. — Você teve sucesso em sua missão e dentro do prazo restrito. Você impediu que Lilith pegasse a outra parte do Arath e salvou o mundo mortal. Isto é tremendo! Você quebrou todos os recordes! — Ele estufou o peito com orgulho.

Kara ficou com a expressão confusa:

— Quebrei? Mas eu acidentalmente destruí a arma. Eu pensei que vocês ficariam bravos.

Desta vez, o Oráculo do meio falou:

— Bravos? Claro que não estamos bravos, Tara. Os eventos acabaram saindo melhor do que havíamos imaginado. Com seu toque pessoal, o Arath foi destruído, e nenhuma entidade, boa ou má, jamais poderá usá-lo novamente.

— O bem prevaleceu sobre o mal mais uma vez — disse o oráculo do lado direito, ficando de pé na sua bola de cristal, com seu punho no ar. — O mal é como uma tempestade - pode ter seu dia, mas, no final, passará. — Ele se virou e olhou para os outros. — Eu deveria estar em um palco.

— De fato. Eu sempre lhe disse isso — disse o Oráculo do meio. — Você daria um ator brilhante.

O oráculo coçou sua barba:

— Sim, acho que sim.

Kara tirou a corrente do pescoço e colocou a ampulheta de cristal em cima da mesa.

Os cristais de areia brilharam e lançaram pequenos pontos de luz branca sobre a grande mesa.

— Hum... há mais uma coisa que eu preciso lhes contar. Eu não acho que boa, bem, não inteiramente. Acho que há um mal em mim... Eu senti. — Ela baixou a cabeça.

Os oráculos ficaram mudos. Ela podia ver que eles estavam olhando para ela com muito cuidado. Ela se sentiu aliviada agora que finalmente podia falar disso livremente.

— Há uma escuridão em mim — ela continuou. — Morthdu me disse isso quando eu estava no submundo. Desde então, eu sinto uma conexão com isso, e ela tem se tornado mais forte. A escuridão saiu de mim quando eu lutei contra Lilith. Ela dominou o meu poder elemental. Parte de mim gostou. Acho até bom o fato de que nunca mais poderei ser uma guardiã, pois acho que não seria capaz de controlá-la novamente. Acho que sou do mal. Acho que isso é o que meu pai havia planejado desde o começo - que eu fosse uma criatura das trevas. — Kara olhou para suas botas. Sua cabeça pesava, e ela pensou que iria tombar.

— Você certamente não é uma criatura do mal — um dos oráculos disse. Ela os espiou de canto de olho.

— Não sou? Mas eu senti o mal assumir o controle sobre mim...

— Mas você resistiu. — O oráculo do meio entrelaçou os dedos e observou Kara com olhos gentis. — Apenas um anjo de alma pura poderia resistir à tentação do poder das trevas do submundo. E você, minha querida, quebrou o elo.

Kara balançou a cabeça:

— Eu não entendo. Como essa escuridão foi parar lá a princípio de conversa?

O oráculo da direita respondeu:

— Porque existia em Asmodeus. Ele se tornou uma criatura do submundo porque acolheu sua escuridão até que ela o consumisse. E, então, ele a passou para você. A escuridão permaneceu adormecida por um tempo dentro de você, até que o poder elemental a despertasse. Já havíamos visto que isso iria acontecer; só não sabíamos quando seria.

Kara queria que os oráculos tivessem sido mais abertos sobre isso da primeira vez em que estivera ali. Talvez ela não tivesse ficado tão assustada.

— A escuridão tentou atrair você — disse o oráculo do meio. — Consumir você, torná-

la escrava de seu poder - mas você resistiu.

Kara arqueou suas sobrancelhas:

— Então... Eu não sou do mal? Sério? — Um sorriso atingiu os lábios dela.

— É claro que não. Acha que lhe confiaríamos uma missão tão delicada se pensássemos que fosse do mal? — os oráculos compartilharam um olhar e riram.

Kara revirou os olhos.

A oráculo da esquerda falou:

— Veja, você poderia ter escolhido acolher a escuridão, mas você não quis. O poder em si não é mau - é o que você faz com ele que determina se ele é bom ou ruim.

Kara encheu-se alívio. O que os oráculos diziam fazia sentido. As ações dela falavam para si só. Ela era um anjo da guarda de arrasar - mas agora sua carreira estava acabada. Um vazio surgiu dentro dela como um enorme buraco.

Uma coisa bem no fundo ainda a incomodava: — Hum, se eu me tornar mortal novamente, como fica aquele lance de terrorista?

— Já cuidamos de tudo — disse o oráculo à sua direita. — Os eventos causados por Lilith e o Arath foram dizimados, por assim dizer. Eles foram apagados do mundo mortal.

É como se eles nunca tivessem acontecido. Tudo está bem no mundo dos mortais mais uma vez.

— Então... Então, é isso — disse ela tentando lutar contra as emoções que ameaçaram tomá-la. — Eu jamais serei um anjo da guarda de novo. Acabou para mim.

Os oráculos assentiram com tristeza:

— Pois é.

O oráculo da esquerda de Kara moveu-se desconfortavelmente em sua bola de cristal: — Desculpe-me, mas lei é lei. Você matou um mortal e deve sofrer as consequências disso, assim como os outros anjos antes de você. Mas saiba disto, Tara - apenas um anjo de coração puro sacrificaria sua alma pela vida de um mortal. Isso diz muito de você, e nunca esqueceremos isso.

— Obrigada — disse Kara, não sabendo o que mais dizer.

— Você serviu bem à Legião, e somos gratos por isso — disse o mesmo

oráculo. Com um sorriso, ele levantou um bracinho rechonchudo e apontou-a para os chuveiros atrás de Kara. — E, agora, a sua vida mortal espera por você.

— Certo. — Kara suspirou e olhou para os chuveiros. Ela se lembrou das faces sombrias dos anjos que estavam nos chuveiros. Havia chegado a sua hora. Os querubins aguardavam silenciosamente nos boxes, todos de olhos fixos nela.

— Que as almas a protejam, Clara Nightingale — disse os oráculos juntos.

Arrastando os pés, Kara foi até o primeiro box e entrou. Ela viu seu rosto triste refletido nas paredes de vidro. De canto de olho, ela viu um querubim com uma jarra de vidro aproximar dela. Ela levantou a cabeça e olhou para o grande chuveiro, se perguntando se a água a machucaria.

Mesmo em seu estado triste, Kara estava feliz por ter tido a experiência de ser um anjo da guarda. Os anjos existiam; e existiam para proteger os mortais dos demônios.

Aquela havia sido uma experiência sobrenatural de proporções gigantescas, e ela amara cada minuto. Ela faria de novo sem pensar duas vezes – se algum dia tivesse a mesma chance novamente.

Mas, agora, ela queria uma vida normal. Uma vida comum com David, ela esperava.

— Nos vemos do outro lado, David.

Kara estendeu a mão e puxou a alavanca cromada do lado direito do chuveiro. Uma água com gás jorrou do chuveiro, acertando seu rosto e lavando o resto do seu corpo. A água estava morna e tinha o cheiro doce como açúcar, nada parecido com a água salgada das piscinas no Horizonte. Minúsculos cristais formaram-se sobre seu corpo até que sua pele estivesse completamente coberta de uma camada de diamantes brilhantes.

Uma sonolência veio sobre ela. Ela tentou manter os olhos abertos, mas suas pálpebras pesaram e seus olhos se fecharam. Quando as partículas começaram a se dissipar, Kara finalmente ficou à deriva de um sono. A água espirrava sobre ela e desaparecia no dreno.

Com um último brilho, Kara, o anjo da guarda, não mais existia.

Capítulo 22

Uma Vida Comum

— **S**r. Patterson? Onde coloco isto? — Kara segurava um livro velho. Ela limpou a camada de sujeira da capa e leu a inscrição. — Hum... 1984, de George Orwell. Onde quer que eu coloque?

— Na seção de romances clássicos, querida. — Sr. Patterson polia suavemente uma bola de cristal do tamanho de um punho. Ele a levantou acima de sua cabeça e a girou em sua mão lentamente, maravilhado com sua luminosidade. Colocando-a suavemente de volta ao balcão, ele estendeu a mão e pegou outra bola de cristal idêntica de sua coleção. Ele começou o polimento com um pedaço de pano branco.

As bolas de cristal eram as únicas coisas em toda livraria em que Kara não tinha permissão de tocar, o que só a fazia querer tocar nelas ainda mais. Enquanto o via olhar com satisfação para as bolas de cristal, ela se perguntava por que tanto apego a essas esferas brilhantes. Por que elas eram tão importantes para ele? Elas eram inestimáveis?

Elas pareciam cristais regulares, desses que se pode comprar em qualquer loja esotérica.

Então, por que ela não podia tocar nelas?

Ela viu o velho cuspir numa bola e lustrá-la, em seguida, como se ele estivesse tentando acabar com uma mancha em um sapato velho. Talvez o Sr. Patterson fosse um clarividente quando estava longe da livraria. Isso explicaria as horas estranhas nas quais ele caminhava pela livraria, resmungando sobre notícias superiores antes que elas fossem liberadas ao público. Ele sempre parecia saber mais do que deixava transparecer, especialmente quando tinha a ver com o futuro dela. Ele já sabia que ela havia sido aceita no programa de arte da Dawson College antes mesmo que ela abrisse a carta.

— Quer que eu o ajude a polir essas bolas de cristal quando eu acabar com essa pilha de livros? — Kara fez um gesto em direção à pilha de livros restante de seu carrinho de metal. — Eu não me importo. Sério.

O Sr. Patterson nem mesmo olhou:

— Não, obrigado, querida. Você sabe que eu não permito ninguém perto de meus cristais.

— Eu sei, mas achei que poderia ajudar. . .

— Está tudo muito bem, querida. Só as mãos de um verdadeiro vidente podem manipular a essência dos cristais. — O Sr. Patterson examinou sua bola de cristal mais de perto. — Há um vínculo único entre uma bola de cristal e seu dono - não se pode ver nada nela sem o olho especial - por assim dizer.

Kara suspirou e balançou a cabeça. Ela já havia se acostumado com o modo como o Sr. Patterson falava por enigmas. Na maioria das vezes, ela não sabia do que ele estava falando, então, ela balançava a cabeça e fingia entender só para deixá-lo feliz. Talvez um dia ele confiasse o suficiente nela para deixá-la tocar em pelo menos um dos seus preciosos cristais. Ela se perguntava como seria a sensação deles na palma de sua mão.

Tendo colocado o resto dos velhos livros na seção de romances clássicos, Kara carregou o carrinho de metal para a parte de trás da loja.

— Clara — chamou o Sr. Patterson, por trás do balcão, ainda olhando para seus preciosos cristais. — Poderia colocar a placa de fechado na porta da frente? Já são quase cinco horas.

— Claro, Sr. Patterson. — Kara estacionou o carrinho e caminhou pela loja. Uma placa de madeira com a palavra aberto pintada de branco estava pendurada na porta da frente por uma única corda. Ela virou a placa, de modo que, agora, quem a visse do lado de fora lesse fechado.

Ouve-se um som de vidro.

— Oh, céus! — gritou o Sr. Patterson.

Kara se virou. O Sr. Patterson estava com os braços no ar e um olhar de pânico no rosto. Sua bola de cristal havia caído do balcão e rolado pelo chão em direção a Kara. Ela brilhava enquanto rolava lentamente. Kara se abaixou. . .

— Não!

Kara pegou a bola de cristal. Ela olhou mais perto e notou uma luz dentro, como se um alguém tivesse apertado um interruptor e acendido uma luz. De repente, o relance de uma série de imagens percorreu sua mente. Kara se viu

lutando contra um homem com olhos negros e pele branca. Em seguida, ela estava em um elevador com um chimpanzé grande e bravo, apontando o dedo para ela. Então, ela se viu em uma grande câmara redonda com uma cúpula de vidro, em frente a um grupo de homens e mulheres vestidos com túnicas, sentados ao redor de uma mesa em meia-lua. A imagem mudou - agora ela estava coberta por uma corrente dourada. E, então, ela ficara diante de uma enorme criatura com carne podre e desengonçados braços sinuosos. A criatura abriu a boca voraz...

— Eu fico com isso, obrigado. — o Sr. Patterson tomou o cristal da mão de Kara e saiu apressadamente.

Kara ficou paralisada com as imagens em sua cabeça. Elas ficaram turvas e, então, desapareceram todas juntas. Franzindo a testa, ela tentou entender o que havia visto, mas as imagens não vinham - ela não se lembrava. Era como quando ela acordava de um sonho e, segundos depois, não conseguia se lembrar do que havia sido o sonho. A cada segundo que passava, as imagens desapareciam inteiramente de sua mente, até não sobrar nada do que se lembrar.

— O que foi isso? — perguntou ela, olhando ao redor da livraria. — Minha cabeça está estranha.

— Nada, querida. Você estava apenas fechando a livraria, isso é tudo. — o Sr.

Patterson caminhou até o balcão e colocou sua bola de cristal no compartimento de vidro. Ele trancou com a chave pendurada em seu pescoço e começou a limpar o balcão com um trapo velho e multicolorido.

— Eu estava? — Kara estava de pé no meio da loja, com as mãos estendidas à sua frente, sentindo-se um pouco tonta. Ela suspirou e deixou os braços. — Ótimo, estou perdendo o sentido...

— É claro que não — disse o Sr. Patterson. — Você está um pouco cansada, só isso.

O sino de vento ecoou quando alguém abriu a porta da frente.

— Desculpe, mas já fechamos — o coração de Kara pulou na garganta.

David passeou pela loja. Seus olhos azuis faiscavam perigosamente: — Ei, Kara. Eu pensei que você ainda pudesse estar aqui. Quer sair para comer alguma coisa?

Kara mordeu a língua para esconder o sorriso que ameaçava se abrir em seu rosto.

— Claro, eu já estava fechando aqui.

— Ótimo. — David sorriu, e ela rapidamente desviou os olhos. O sangue correu até o rosto dela, e ela temia que ele pudesse ouvir seu coração batendo em seu peito.

David passou seu dedo ao longo em uma fileira de livros: — Eu pensei que podíamos assistir à sessão das sete no Cineplex depois... se você não tiver outros planos...

Um sorriso se abriu no rosto de Kara e seu coração bateu forte: — Não tenho planos para hoje à noite. Um filme parece ótimo. — Ela pegou David sorrindo para ela e desviou o olhar.

Ela inspecionou-se discretamente. Suas calças estavam cobertas de sujeira - não exatamente o look mais apropriado para um encontro. Normalmente, ela passaria em sua casa primeiro para trocar de roupa, mas não ousaria dizer isso agora, para não correr o risco de azarar seu segundo encontro. Além disso, David parecia não notar seu estado.

— Até amanhã, Sr. Patterson — gritou Kara.

Ela ignorou as borboletas em seu estômago e caminhou em direção à porta da frente.

David sorriu para ela com um brilho brincalhão no olhar. Kara cravou as unhas na palma da mão. Mesmo que fosse apenas seu segundo encontro, ela se sentia ainda mais nervosa desta vez.

O Sr. Patterson olhou por cima do balcão e sorriu: — Divirtam-se. Vejo você amanhã, Kara, bem cedinho.

Kara fechou a porta atrás de si e seguiu David do outro lado da rua. Embora os nervos estivessem a toda, ela se permitiu relaxar um pouco e desfrutar de um passeio ao lado de David. Ela sentia uma sensação de conforto e confiança com ele - para não mencionar uma sensação persistente de já o ter conhecido antes, como se eles, de alguma forma, tivessem se encontrado antes, em outra vida. Qualquer que fosse a força que os unia, Kara rendia-se a ela com prazer.

Quando chegou na calçada do outro lado da rua, uma súbita sensação de

estar sendo vigiada veio sobre ela. Ela olhou por cima do ombro. O Sr. Patterson estava na frente da porta de sua loja. Depois de estudá-la por um momento, ele sorriu e acenou. Kara acenou de volta, querendo saber por que ele os observava tão intensamente. Talvez ele estivesse sendo excessivamente protetor, embora não soubesse o porquê. Ela se sentia segura com David. Com um sorriso no rosto dela, ela virou-se e seguiu David pela rua.

Ao chegar no fim do quarteirão, um baixinho com cabelo branco e barba caminhou pela calçada em direção à livraria. Ele segurava uma pequena esfera de cristal e estava descalço. Ele pulou sobre as rachaduras na calçada como se fosse um jogo de amarelinha. Sua bermuda azul e camisa colorida agitava-se no ar; com um último pulo, ele pousou na frente da porta. Seus joelhos ossudos estalaram quando ele se endireitou.

Ele olhou para o Sr. Patterson e sorriu.

— Olá, Jim.

— Boa noite, Sam. Pronto para bater ponto?

— Às cinco em ponto, como de costume. — Com as mãos nos quadris, ambos se viraram e olharam para o fim do quarteirão. — Que peça única, essa Clara.

— De fato. — o Sr. Patterson acariciou a barba com seus dedos gorduchos. — Ela verdadeiramente tem sua própria classe - uma lutadora de verdade, uma alma pura -

pena que nós não a podemos mais usar como guardiã. Sim, eu gosto muito dela. Na verdade, ela ocupa um lugar especial no meu coração.

Enroscando-se em sua barba, Sam cruzou os braços sobre o peito: — Sabe, Jim, eu estava pensando... nós podemos os talentos dela novamente. Ela salvou o Horizonte e o mundo mortal. Ela é bastante única - não há nenhum outro anjo como ela.

— Eu concordo. — o Sr. Patterson acenou com a cabeça. — Tão extraordinário talento e coragem – é algo muito raro. Seria uma pena desperdiçar suas tremendas habilidades.

— Sim, uma grande lástima.

— De fato. — o Sr. Patterson observou quando Kara e David desapareceram

numa esquina.

— Talvez devamos chamá-la novamente. O que me diz?

— Talvez devamos, Sam. Talvez possamos.

— Talvez devêssemos discutir o futuro dela com a Legião na próxima reunião do Alto Conselho. O que você acha, Jim?

O Sr. Patterson arqueou suas sobrancelhas: — Que deveremos, Sam. Que devemos.

Sam jogou sua bola de cristal no ar e pegou facilmente: — Bem, agora vou andando. Há uma confusão com gêmeos idênticos na Orientação -

parece que pegamos o garoto errado. Vejo você mais tarde, Jim.

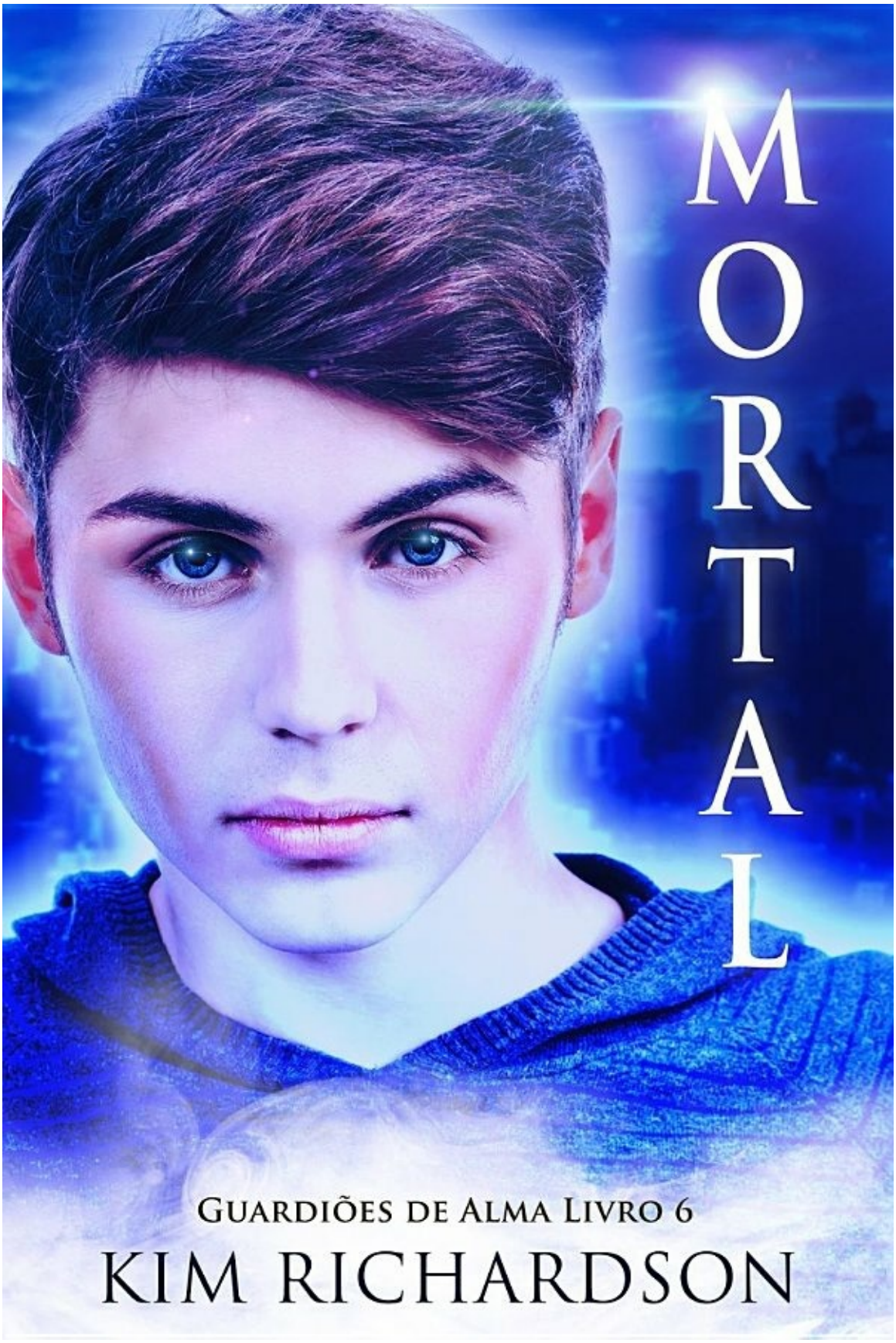
— Nos vemos do outro lado, Sam.

Sam passou pela porta da livraria, segurou a sua bola de cristal e desapareceu.

O Sr. Patterson sorriu:

— Até breve, Kara Nightingale.

E, agora, uma espiadinha no próximo livro da série Guardiões de Alma MORTAL


MORTAL
GUARDIÕES DE ALMA LIVRO 6
KIM RICHARDSON

Capítulo 1

Toque de Recolher

Kara se sentou na borda da cama, e viu gotas de suor brilharem em sua testa. Ela esperava que a febre tivesse atingido o seu pico. Ela se inclinou e pressionou um pano frio sobre a testa da mãe. Sua pele estava pálida e doente - cinzenta, como a de um cadáver. Os lábios dela se contorceram durante o sono inquieto, mas ela não acordou.

Kara observava sua mãe perder suas forças, e temia pelo pior. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, que desciam livremente por seu rosto.

— É só o vírus da gripe — os médicos disseram — não há nada a fazer além de descansar e esperar.

Eles haviam empurrado Kara e sua mãe para fora da clínica local, e trancado as portas atrás delas.

Isso foi há três semanas, e sua mãe estava piorando.

Não era apenas o vírus da gripe, Kara tinha certeza disso. Sua mãe não acordara esta manhã, e a noite já se aproximava. Era quase como se ela estivesse em coma. Fosse o que fosse, Kara podia ver que sua mãe estava lutando bravamente. Algo estava errado.

Um pequeno faixo de luz vinha de um buraco nas cortinas, fazendo o rosto da mãe de Kara brilhar pálido na escuridão. A pequena sala estava iluminada apenas por um abajur ligado na mesa de cabeceira. Como todo o resto da mobília no apartamento, ele havia pertencido à sua avó. Kara se sentiu confortada pela familiaridade do local. Ela estendeu a mão e apertou a mão de sua mãe - ela estava fria como o gelo.

Ela limpou as lágrimas de seu rosto e olhou pela janela.

A neve batia gentilmente contra o vidro. A escuridão pesada do lado de fora sugava toda a felicidade. Os ventos se intensificaram, assim como o ritmo do coração de Kara.

Ela achou que estava tendo um ataque de ansiedade, então tentou respirar fundo e se acalmar. Delicadamente, ela soltou a mão de sua mãe.

Ela pegou o celular na mesa de cabeceira de madeira.

Não há novas chamadas.

O celular parecia estranhamente pesado em sua mão, como um balde de tinta. Ela colocou-o na pequena mesa, antes que ele escapasse dos seus dedos suados. Ela se sentiu desconfortável.

David era a coisa mais próxima que ela tinha de uma família, além da sua mãe, e ela precisava dele agora. Mas onde estava ele? Não era como se ele não retornasse as chamadas dela. Ele havia ficado doente também? Kara lutou para controlar o pânico que aumentava em seu peito, e limpou as mãos úmidas no seu jeans.

E se tivesse acontecido algo completamente diferente com David?

As manchas negras em sua pele a assombravam novamente. A escuridão estava sempre ao seu encalço, e à medida que o tempo passava, ela começava a ver mais e mais coisas inexplicáveis, assim como acontecera com sua mãe. Kara via criaturas nas sombras, que pareciam ter saído de um pesadelo. Mais uma vez, ela teve a impressão de estes seres tentaram atacá-la quando ela voltava de suas aulas à noite. Ela nunca havia compartilhado seus medos com David, pois tinha certeza que ele pensaria que ela estava ficando louca. Mas Kara sabia que qualquer anormalidade que sua mãe tivesse foi transmitida para ela. Estava no sangue. E ela não arriscaria perder a amizade de David, dizendo que podia ver monstros.

Kara suspirou e voltou sua atenção para a mãe. Seu rosto estava contorcido de dor, e ela começou a tremer. Um nó se formou em sua garganta. Ela precisava fazer algo para ajudar. O mínimo que podia fazer era encontrar alguma coisa para ajudar a aliviar a dor; Kara não podia ficar ali sentada enquanto sua mãe sofria. Havia uma farmácia 24 horas há dois quarteirões de distância.

Ela se levantou da cama - algo passou sobre o rosto de sua mãe como uma sombra.

Marcas verdes e brilhantes apareceram em sua testa e do lado do rosto, como tatuagens brilhantes. As marcas pareciam palavras, mas Kara não conseguia entendê-las.

O que era aquilo? Ela nunca ouviu falar de um vírus que causasse marcas na pele. O que estava acontecendo? Ela chegou mais perto para ver melhor-Toc

Toc!

Com o coração na garganta, Kara se virou. O som vinha da porta do apartamento.

David... Graças a Deus!

Kara correu para o corredor e chegou até a porta da frente.

Haviam dois agentes da polícia na porta.

A mulher era uma cabeça mais alta do que Kara. Ela tinha olhos frios e calculistas; sua expressão parecia a de uma professora que estava prestes a lhe dar um sermão. Seu longo cabelo estava puxado para trás em um rabo de cavalo, e ela usava o chapéu azul da corporação. Ela segurava uma pilha de papéis e um bloco de notas.

O parceiro dela parecia um touro, pronto para investir contra a capa de um toureiro.

Quase tão largo quanto alto, seus ombros musculosos pareciam querer rasgar seu uniforme.

A neve derretia em suas botas pretas e bem engraxadas, deixando pegadas aguadas pelo corredor.

Quando percebeu que ainda estava prendendo a respiração, Kara forçou um sorriso: — Posso ajudá-los?

Ela esperava que eles não pudessem ouvir o desapontamento em sua voz.

Os olhos castanhos da mulher brilharam, e ela sorriu para Kara: — Eu sou a oficial Norman, e este é o agente Baker. Seus pais estão em casa?

Ela olhou por cima do ombro de Kara.

Kara estudou os rostos dos oficiais da polícia por um momento antes de responder: — Sim. Mas apenas eu e minha mãe moramos aqui.

— Podemos falar com ela? — perguntou a oficial Norman.

Kara sentiu um aperto na garganta:

— Uh... não. Ela não está bem, entende? Ela está... ela está doente. — Sua voz vacilou. Por um breve momento, ela viu um lampejo de medo passar pelos olhos da oficial Norman.

— O que é que você quer?

A oficial Norman rabiscou algo em seu bloco de notas e olhou para cima: — Estamos patrulhando os bairros hoje à noite. Nos certificando de que tudo está em ordem.

Kara deslocou o peso do corpo de um pé para o outro. Ela não gostava do jeito que os policiais olhavam para ela.

— Por que vocês estão patrulhando os bairros? Há algo de errado acontecendo?

Os dois oficiais trocaram um olhar.

— O que foi?

O agente Baker parecia familiar, mas Kara não sabia de onde o conhecia. Ele já foi um motorista de ônibus?

— Estamos pedindo a todos para ficarem em casa. Precisamos saber onde você está, e que está a salvo, minha senhora.

Kara não gostou nem um pouco daquilo.

— Por que vocês precisam saber onde eu estou? Há algum toque de recolher? É só um resfriado! Duvido que um toque de recolher vá resolver alguma coisa. Tem alguma coisa que vocês não estão me contando?

Pelas expressões nervosas dos guardas, ela tinha certeza de que algo a mais estava acontecendo.

— Só queremos evitar que mais pessoas fiquem doentes, isso é tudo — disse o agente Baker.

Sua voz era rouca, como se ele nunca a tivesse usado antes. Ele estudou Kara por debaixo do seu chapéu; ela podia ver a tensão nos lábios do oficial. Sua loção pós-barba era tão forte que ela pensou que ele devia estar tentando encobrir algum outro odor desagradável. Ela se forçou a não fazer uma careta.

— Por enquanto — ele continuou: — é melhor você ficar em casa e cuidar da sua mãe.

Eles encontrarão uma cura e tudo voltará ao normal.

Uma cura? O que eles não estavam contando?

Os símbolos brilhantes na testa da mãe dela não eram normais. Algo estava terrivelmente errado.

As unhas de Kara estavam cravadas nas mãos: — Minha mãe sofrendo, ela precisa de medicação. Eu preciso sair por alguns minutos e ir até a farmácia.

— Você não vai a lugar nenhum esta noite. — O agente Baker apontava um grande dedo para o rosto de Kara. — Entendeu, filha? Não pense em fazer nada estúpido.

Ninguém sai após as 07:00. Essas são as regras.

Os lábios de Kara tremeram. Ela não gostava de regras, nem de ser chamada de estúpida. Seu temperamento, assim como sua voz, se alterou: — Mas a minha mãe precisa de ajuda. Eu vou buscar alguns medicamentos.

— Não, não vai. Não há nada que você possa fazer para ajudá-la agora. Fica quietinha aí, está ouvindo? — disse o agente Baker.

Kara olhou furiosamente para eles. Ela sentiu o ódio subir por seu corpo como o vapor em uma panela:

— Certo. Como quiserem, oficiais.

Os policiais compartilharam um olhar antes de se voltarem para Kara.

— Bom, então estamos entendidos. Temos que continuar andando, há muito chão para cobrir esta noite. Tranque a porta quando formos embora.

Kara bateu a porta na cara deles. Ele não precisava falar duas vezes. Ela não tinha certeza de que eles eram policiais de verdade. Kara esperou até ouvir o som de suas botas pesadas se afastando, antes de dar um chute na porta. Kara estava nauseada, mas sabia o que tinha de fazer.

Kara correu pelo corredor até a grande janela na sala de estar. Ela olhou através das persianas horizontais de plástico, com o nariz colado no vidro. Abaixo, as ruas estavam cobertas de neve. As lâmpadas nos postes iluminavam a rua com pequenas luzes amarelas. Faróis iluminaram a rua por um segundo, e Kara viu um gato preto correr por baixo de um carro estacionado. Duas formas surgiram e ela as observou enquanto seguiam para o próximo prédio à esquerda. Kara sorriu quando eles desapareceram no interior do carro.

Sua mãe precisava de remédios. Nenhum toque de recolher a impediria de ir buscá-

los.

— Eu vou mostrar quem é estúpido.

Kara correu para o quarto e abriu a porta do armário. Após vasculhar um pouco, ela escolheu uma jaqueta preta com um capuz e pele e o vestiu. Feito isso, ela pegou sua mochila e colocou luvas de lã em seus bolsos. Depois, correu de volta para o quarto da mãe e pegou seu celular. A testa da sua mãe brilhava esporadicamente, com símbolos verdes e tóxicos que pareciam respirar.

Kara se inclinou e beijou o rosto da mãe: — Eu te amo mãe. Eu vou à farmácia, mas já volto. Eu vou fazer você melhorar, eu prometo.

A mãe dela não mostrou nenhum sinal de que tinha ouvido, e Kara lacrimejava quando correu para a cozinha.

Ela pegou a lanterna em cima da geladeira, correu até a porta do apartamento, passou pela porta e a trancou com um clique.

A mochila de Kara pulava em suas costas enquanto ela descia as escadas de dois em dois degraus. O hall era um borrão bege e marrom. Logo que passou pelas portas de vidro, Kara ficou contente com o ar frio de dezembro em seu rosto.

Kara respirou fundo. O vento girava ao seu redor enquanto ela avançava pela escuridão. Flocos de neve espessos caiam do céu negro como folhas de uma árvore. Ao olhar para esquerda, ela percebeu que os policiais ainda estavam dentro do prédio. A neve se erguia do chão em turbilhões brancos. Estava estranhamente quieto para uma noite de sexta-feira - ninguém estava nas ruas.

A decrépita iluminação das lâmpadas era suficiente para Kara enxergar a calçada coberta de neve. A farmácia local estava apenas a dois quarteirões de distância.

Bastava uma pequena corrida.

Enquanto corria, sua respiração deixava uma névoa branca pelo caminho. She hurried up the quiet street, but her tread crunched against the packed snow and echoed around her too loudly.

Ela ouviu vozes abafadas na escuridão e se atirou para baixo de um carro estacionado. Seus joelhos ficaram doloridos quando ela os raspou na borda de um amortecedor enferrujado.

Mais dois oficiais de polícia surgiram na esquina da rua. Eles caminharam em direção a ela. Ela xingou baixinho, e rastejou para o outro lado do carro. Ajoelhada, Kara esperou o barulho das pesadas botas passarem por seu esconderijo e desaparecerem no próximo quarteirão. Ela se levantou lentamente. Seus dois joelhos palpitavam de dor. Sua calça jeans estava rasgada, e ela podia sentir a umidade sobre as pontas dos dedos.

Tarde demais para voltar para casa e pegar alguns Band-Aids. Além do mais, foi só um arranhão. Kara deu a volta no carro e voltou para a calçada.

Algo se moveu à sua direita.

Kara congelou. Ela olhou para a escuridão e não viu nada. A noite estava mexendo com sua cabeça? Ela achou que viu uma forma alta deslizando pelo outro lado da rua?

Kara se virou para ver uma névoa verde vir sua direção como uma grande onda. Ela se movia rapidamente por cima da neve, contra o vento. O que era aquilo? Kara abanou a cabeça e correu pela escuridão. A farmácia estava logo à frente. A polícia nunca a veria nessa nevasca.

BUM!

Ela tropeçou e quase caiu no processo. Kara se equilibrou, piscou para mexer os cílios endurecidos pela neve e olhou para cima. Ela tinha batido em alguém. No começo, Kara quase entrou em pânico, pensando que se travava de um oficial de polícia, mas se recuperou rapidamente quando viu o rosto da garota.

— Sabrina? — disse Kara. A jovem que morava no primeiro andar do prédio de Kara estava tremendo.

— Oh meu Deus, onde está o seu casaco? Porque você está nesse frio de camiseta?

Você vai acabar morrendo desse jeito.

A neve se prendia ao cabelo de Sabrina como gelo grosso. Flocos de neve derretidos escorriam do seu nariz. Ela tremia incontrolavelmente. Sua pele pálida brilhava ao luar.

— Temos um toque de recolher por aqui, sabia? É melhor entrar, antes que a polícia pegue você. — Kara se chegou mais perto para poder dar uma boa olhada em sua vizinha.

— Sabrina? Você está bem? Você está tremendo demais.

Sabrina levantou a cabeça, e o sangue de Kara congelou. Símbolos verdes brilhavam em seu rosto - iguais aos da mãe dela. Sua face estava encovada, como se ela não comesse há mais de um mês. Seus olhos estavam tristes e vazios, como se ela tivesse perdido algo muito importante. Ela parecia uma morta viva de um filme que Kara assistiu com David.

Os lábios de Sabrina se moveram incompreensivelmente enquanto ela passou por Kara e caminhou para a escuridão.

— Sabrina!

A menina desapareceu. Kara, sabia que não podia fazer nada para ajudá-la.

Enquanto caminhava através da nevasca, Kara observou a rua à sua frente. Não havia nada lá, mas ela não podia se livrar da sensação de que estava sendo vigiada.

E então ela viu.

Do outro lado da rua, algo enorme e escorregadio deslizava na direção dela. Por um momento, a luz de um poste iluminou um corpo ensanguentado e retorcido. Parecia um cruzamento entre um gorila sem pele e um besouro gigante, com olhos vidrados, vermelhos e escancarados.

O vento trouxe um cheiro pútrido, como uma mistura de vômito e carne apodrecida. A neve ao redor da criatura se derretia com o seu calor. Ela se moveu subitamente em direção a Kara, que nem se atreveu a respirar.

Com um salto enorme, a criatura a atacou, debatendo as garras enormes.

Kara, tropeçou e caiu dura no chão. Ela tirou suas luvas e vasculhou sua mochila desesperadamente, à procura de sua lanterna. Ela a encontrou e apontou como uma arma. Por mais estranho que fosse, ela encontrou a coragem necessária para enfrentar aquela coisa.

Suas garras, afiadas como navalhas, raspavam o chão enquanto ela se movia. A terra tremeu, e Kara lutou contra a vontade de vomitar com o cheiro da criatura, que parecia um caminhão cheio de lixo podre. Ela encarava os olhos vermelhos e brilhantes da criatura quando ela atacou.

Impulsivamente, Kara acendeu o interruptor e apontou o facho de luz para a criatura.

Ela ouviu um grito, mas não soube se era dela ou da criatura.

A criatura se afastou com gritos horríveis, e uma explosão de dor atingiu as pernas de Kara, como se um balde de ácido corroesse sua carne. Ela se arrastou para longe da criatura. Kara piscava, cheia de lágrimas nos olhos, e observava a criatura que a atacou.

Vapores saíam das suas extremidades da criatura. Sua carne podre deslizava pelo corpo em pedaços, e o cheiro de queimado sufocava os pulmões e fazia os olhos lacrimejarem. Uma grande ferida aberta em forma de um relâmpago expunha a carne podre e avermelhada da criatura. Mesmo na escuridão, Kara podia ver o líquido preto escorrendo do grande corte.

Ela observava a criatura uivar de dor enquanto seu corpo chiava, esperneando no chão. A lanterna. De alguma forma, a luz tinha ferido a criatura.

As pernas de Kara estavam quentes. Aterrorizada, ela percebeu que estava sentada em uma poça do próprio sangue. A criatura tinha atingido uma artéria na perna dela. Ela estava sangrando. Se não chegasse a um hospital, provavelmente iria morrer...

Ela tentou respirar fundo uma vez, e mais uma. Ela se engasgou com o cheiro de carne queimada, e mal conseguiu enxergar através da camada de neve que se perdeu sobre seus olhos. Em seguida, um rosnado baixo veio de trás dela.

Kara virou a lanterna na direção do barulho. Tarde demais.

Ela foi lançada ao ar e bateu em um carro estacionado com um barulho terrível. A lanterna voou de suas mãos, caindo em pedaços no chão. A luz piscou por um momento e depois se apagou.

Ela estava caída no chão, destruída. Kara não podia se mover. Ela olhou para os olhos vermelhos e enlouquecidos que a observavam. Ela pensou em sua mãe. A besta gemia em fúria, querendo fazer Kara em pedaços. Ele levantou suas garras gigantes para atacar...

Uma esfera vermelha e brilhante sobrevoou o céu e atingiu a criatura. A esfera explodiu com o impacto, como uma bomba. Instantaneamente, o corpo da criatura foi envolvido em uma luz vermelha. A luz coloriu o céu escuro por um momento, e a criatura desapareceu.

— Kara!

Um jovem se ajoelhou ao lado dela. Seus olhos azuis eram pura preocupação. Kara sentiu que já tinha visto aquele rosto bonito antes. Mas não importava. Agora era tarde demais. Ela sabia que estava morrendo. Kara pensou sua mãe, esperando sozinha em seu quarto. Lágrimas quentes rolaram por suas bochechas. Kara não se importava com viver ou morrer, ela só queria que a dor acabasse.

Deixe a dor terminar...

— Eu sinto muito, Kara, isso não devia ter acontecido. Você não deveria ter sentido dor alguma. Isso é tudo culpa minha!

Enquanto sentia sua vida se esvaindo, Kara observou o jovem com mais cuidado. Sua pele brilhava como se um halo de luz o cercasse. Seus cabelos loiros iluminavam sua cabeça como uma coroa de ouro. Quem era esse estranho?

— Você vai ficar bem em breve — continuou o estranho. — A Legião de anjos da guarda precisa de você. Esta é apenas uma viagem... não é o fim da linha.

Kara se esforçou para manter os olhos abertos. Ela estava alucinando sobre legiões de anjos, um sinal conclusivo de que o fim estava próximo. Ela se sentia tão fria.

O estranho pegou sua mão, e ela sentiu um pouco do calor dele. Ela tentou falar, para perguntar quem o jovem era, mas seus lábios pareciam blocos de cimento.

— Cara, você sempre foi um maldito imã de demônios, não é? Eles estão sempre atrás da sua alma - Kara ouviu o estranho dizer. — Eu nunca vou deixar eles te levarem. Você está a salvo comigo. Eu te encontrei.

Enquanto Kara sucumbia à escuridão, seu último pensamento era que aquele cara era tão louco quanto a mãe dela.

Depois disso, ela não se lembrou de mais nada.

Sobre a Autora

Kim Richardson é a autora da série GUARDIÕES DE ALMAS. Ela nasceu em uma pequena cidade no Norte de Quebec, Canadá, e estudou no ramo de Animação 3D. Como Supervisora de Animação para uma empresa de Efeitos Visuais, Kim trabalhou para grandes produções de Hollywood e permaneceu na área de animação por 14 anos. Desde então, ela se aposentou do mundo de Efeitos Visuais e se fixou no interior, onde ela escreve em tempo integral.

Para aprender mais sobre Kim Richardson, visite: www.kimrichardsonbooks.com

www.facebook.com/KRAuthorPage

http://twitter.com/Kim_Richardson_